

SOCIOLOGIA

NÚMERO TEMÁTICO | 2018

Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos

Helena Vilaça

Natália Azevedo

Tiago Miranda

João Teixeira Lopes

Diogo Vidal

Ricardo Klein

Julio Cesar Nicodemos

Lígia Ferro

Luís Vicente Baptista

Jordi Nofre

Maria do Rosário Jorge

SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE LETRAS

SOCIOLOGIA



**REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

NÚMERO TEMÁTICO - Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos

PORTO • 2018

DIRETOR:

Carlos Manuel Gonçalves, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Anália Torres, ISCSP-UTL/CIES-IUL; António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Cristina Parente, FLUP/IS-UP; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/IS-UP; João Teixeira Lopes, FLUP/IS-UP; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA.

CONSELHO EDITORIAL:

Alice Duarte, FLUP/IS-UP; Álvaro Domingues, FAUP/CEAU; Ana Maria Brandão, ICS-UM; Ana Nunes de Almeida, ICS-UL; Ana Paula Marques, ICS-UM; Anália Torres, ISCSP-UTL/CIES-IUL; Antonio Álvarez Sousa, Universidade da Coruña, Espanha; António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Augusto Santos Silva, FEP/IS-UP; Benjamin Tejerina, Universidad del País Vasco (UPV)/Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva (CEIC), Espanha; Bernard Lahire, École Normale Supérieure de Lyon (ENSL)/“Dispositions, pouvoirs, cultures, socialisations” (Centre Max Weber), França; Chiara Saraceno, Università degli Studi di Torino, Itália/Social Science Research Center Berlin, Alemanha; Claudino Ferreira, FEUC/CES-UC; Cristina Parente, FLUP/IS-UP; Elena Zdravomyslova, European University at St Petersburg (EUSP)/Center for Independent Social Research (CISR), Rússia; Elisa Reis, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Frank Welz, Universität Innsbruck, Áustria; Hans-Peter Blossfeld, Otto-Friedrich-Universität Bamberg/Staatsinstitut für Familienforschung an der Universität Bamberg, Alemanha; Heitor Frugoli, Universidade de São Paulo (USP)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Hermes da Costa, CES; Hustana Vargas, Universidade Federal Fluminense (UFF)/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES), Brasil; Immanuel Wallerstein, Yale University, Estados Unidos da América; Inês Pereira, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/IS-UP; Jean Kellerhals, Université de Genève, Suíça; João Bilhim, ISCSP-UTL; João Sedas Nunes, FCSH-UNL/CESNOVA; João Teixeira Lopes, FLUP/IS-UP; José Resende, FCSH-UNL/CESNOVA/Observatório Permanente de Escolas (ICS-UL); José Soares Neves, ISCTE-IUL/OAC; Lúcia Ferro, IS-UP; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA; Luísa Neto, FDUP/CENCIFOR; Margaret Archer, College of Humanities-École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Suíça; Maria Manuel Vieira, ICS-UL; Maria Manuela Mendes, FA-UTL/CIES-IUL; Mariano Enguita, Universidad de Salamanca/Centro de Análisis Sociales de la Universidad de Salamanca (CASUS), Espanha; Massimo Introvigne, Center for Studies on New Religions (CESNUR), Itália; Michael Burawoy, University of California, Berkeley, Estados Unidos da América; Michel Wieviorka, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França; Patrícia Ávila, CIES-IUL; Pedro Abrantes, Universidade Aberta/CIES-IUL; Pertti Alasuutari, University of Tampere/Tampere Research Group for Cultural and Political Sociology (TCuPS), Finlândia; Piotr Sztompka, Jagiellonian University, Polónia; Ricca Edmondson, National University of Ireland, Irlanda; Rui Gomes, FCDEF-UC/CIDAF; Tally Katz-Gerro, University of Haifa, Israel/ University of Turku, Finlândia; Tina Uys, University of Johannesburg/Centre for Sociological Research, África do Sul; Vera Borges, ICS-UL; Vítor Kajibanga, Universidade Agostinho Neto, Angola/Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto/Centro de Estudos Africanos do ISCTE-IUL; Vítor Ferreira, ICS-UL; Walter Rodrigues, ISCTE-IUL/DINÂMIA’ CET-IUL.

COORDENAÇÃO E REVISÃO EDITORIAL:

Carlos Manuel Gonçalves, Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto.

INDEXAÇÃO:

Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é indexada em SciELO, Latindex, EBSCO (Open Science Directory e Fonte Académica), Sherpa/Romeo, DOAJ – Directory of Open Access Journals, Newjour, CAPES e EZB – Electronic Journals Library.

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

DEPÓSITO LEGAL N.º 92384/95

ISSN: 0872-3419

DOI: 10.21747/08723419/soctem2018

OS ARTIGOS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

OS ARTIGOS FORAM SUBMETIDOS A PEER REVIEW.

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
NOTA DE APRESENTAÇÃO. A ambivalência do turismo na transformação das cidades João Teixeira Lopes; Helena Vilaça; Natália Azevedo	9
ARTIGOS	
Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa Luís Vicente Baptista; Jordi Nofre; Maria do Rosário Jorge	14
A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto Diogo Guedes Vidal	33
La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del <i>street art</i> Ricardo Klein	54
The touristic Porto – gazing over the city Tiago Miranda	72
Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto Julio Cesar Nicodemos; Lígia Ferro	92

SUMÁRIOS DOS NÚMEROS ANTERIORES	116
ESTATUTO EDITORIAL	123
NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS	126

EDITORIAL

No momento presente as duas principais cidades de Portugal – Lisboa e Porto – encontram-se num processo de reconfiguração social e económica das suas áreas centrais. Intensificação do turismo e dos fluxos de mobilidade populacional, reconversão dos usos do edificado e agressividade financeira de empresas imobiliárias, mas também de particularidades, que se materializam em situações de especulação imobiliária, são alguns dos fatores que estão subjacentes àquela reconfiguração. Na Europa as cidades de Veneza, Barcelona ou Amsterdão, entre outras, são exemplos das consequências extremas dos processos de turisficação ou de gentrificação.

O número temático do ano de 2018 da *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* assume a questão da “Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos” como eixo central dos artigos que o integram. Os contributos dos vários autores apresentam reflexões e resultados inovadores. Expressam, por sua vez, a capacidade heurística da Sociologia, mas também, e não menos importante, a disponibilização de conhecimento científico aos denominados decisores políticos que, no presente, vivem um deslumbramento, de cariz imediato e financeiro, sobre as transformações urbanas que estão em curso.

Agradecemos aos autores os seus textos. Ao João Teixeira Lopes, à Helena Vilaça e à Natália Azevedo a coordenação do presente número temático da *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.

Votos de boa leitura!

Carlos Manuel Gonçalves

Nota de apresentação

Da ambivalência do turismo na transformação das cidades

João Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Helena Vilaça

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Natália Azevedo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

As cidades são um extraordinário laboratório de acelerada e permanente recomposição social. Este número temático da *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos* - aborda essa perspetiva partindo da relação entre urbes e fenómenos turísticos.

Na verdade, habitamos cidades perpassadas por dinâmicas translocais e transnacionais. O que não significa, bem entendido, que os enraizamentos (sociais, culturais, territoriais) tenham perdido a sua pertinência heurística. Globalização e localização atuam em copresença, de forma contraditória, tensa, sobre determinada e dialética. Nem as cidades perdem as suas singularidades, nem se transformam em cidadelas inexpugnáveis e autárquicas. Só dessa forma, aliás, poderão ser pontos relevantes em redes mais vastas.

As mobilidades multipolares, de uma forma ampla, têm-se intensificado. O turista transporta o desejo da *flânerie* mas o tempo é curto e a deambulação ocorre, muitas vezes, antes

e depois da viagem, na visita virtual antecipada e no retorno à cidade através do olhar que divaga pelas memórias fotográficas. O autóctone adquire contornos do *fremden*. Não é o “estranho” que chegou hoje e fica para amanhã, porque já lá estava, mas também já não é o “nativo” porque a rua, a varanda ou o café – materialidades do seu grupo de pertença – estão mais distantes.

Nas negociações entre centro e periferia e no redesenhar da divisão internacional do trabalho após a grande recessão de 2008, as cidades do sul da Europa reforçam o protagonismo nos circuitos turísticos, repetidas vezes anunciado como panaceia infalível.

As consequências, contudo, são ambivalentes, estando longe de poder ser apreendidas por uma lógica de sentido único. Alteram-se prioridades de política pública, densificando os usos turísticos do espaço e gerando novas oportunidades de integração económica. Intensificam-se oportunidades de interação multi e intercultural, com surgimento de reportórios e identidades locais. Mobilizam-se recursos para a reabilitação, a regeneração, a renovação ou a requalificação urbanas. Por outro lado, novos usos da propriedade (como o alojamento local e formas “criativas” de especulação imobiliária) criam perversos efeitos de gentrificação (com características distintas de anteriores vagas – daí falar-se amiúde em gentrificação turística – mas com idênticos efeitos de *rent gap*, inflação imobiliária, concentração da propriedade e filtragem social). Critica-se o artificialismo de intervenções fragmentárias altamente devedoras de uma lógica de “fachadismo”, já que que os processos de regeneração dos núcleos urbanos, ainda que visem a minimização da degradação, do abandono local e atração de novos habitantes, redundam amiúde numa lógica pobre de embelezamento, artificialização e desvirtuação identitária. A pegada ambiental torna-se mais pesada e exige novas e integradas respostas. De igual modo, a paisagem urbana vai-se modificando, ocupando espaços anteriormente degradados ou até mesmo vazios, ressignificando usos e ocupações, prestando uma (desmesurada?) atenção aos centros históricos, aos patrimónios consagrados e às narrativas de invenção da tradição e da autenticidade, com poderosos e por vezes não pretendidos efeitos de tematização, trendificação e disneyficação. Novas e sobrepostas desigualdades (sociais e territoriais) vão-se impondo. Classes, grupos e espaços ganham visibilidade, enquanto outros entram na sombra e alguns nunca saem da escuridão onde sempre estiveram mergulhados. Espaços públicos, edifícios e vias são transformados pelo diapasão de um urbanismo genérico, de fantasia e ficção, igual em toda a parte e por isso monótono e entediante. No ciclo de valorização/destruição das mercadorias, as cidades hoje efervescentes correm o risco do esquecimento futuro, caso não se façam as escolhas acertadas de políticas públicas de desenvolvimento urbano que sejam mais do que navegação à vista.

Todas estas questões são abordadas, de forma plural e sob perspetivas complementares, nos diferentes textos.

O trabalho de Luís Vicente Baptista, Jordi Nofre e Maria do Rosário Jorge, “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa” aborda a magna questão da centralidade das mobilidades nas transformações urbanas, particularmente através dos processos de gentrificação, turistificação e ludificação dos territórios. A partir de um estudo etnográfico em Alfama e no Bairro Alto, propõem-nos, na senda de Amar (2010), que consideremos as implicações sociais e territoriais do *homo mobilis*, estimulado pela viragem turística das sociedades globais, em íntima articulação com as tendências do capitalismo flexível. De igual modo, os autores questionam o papel determinante das políticas públicas na promoção da turistificação de Lisboa e nos processos de estudantização e de ludificação dos bairros históricos da cidade, gerando novos conflitos sociais.

Diogo Vidal, por sua vez, inspira-se na ritmoanálise de Henri Lefèbvre (1974; 1981) e na visualidade e sensorialidade da cidade para dar conta, através da metodologia dos mapas mentais construídos por estudantes universitários, das diferentes formas de ler e imaginar a cidade do Porto, através de uma interpretação da urbe como um espaço plural, multivocal e multissensorial (“A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”). Na senda de Kevin Lynch (1960) e Carlos Fortuna (1999), questiona-se sobre as experiências urbanas e a sua legibilidade, concluindo que o Porto é uma *pólis* com potencial de imaginabilidade, pois possui espaços identitários e organizações das perceções e roteiros, reais e/ou imaginários.

No cruzamento entre a sociologia da arte, da cidade e da cultura, Ricardo Klein dá-nos conta do seu trabalho de pesquisa comparada em cidades como Barcelona, Berlim, Porto, Montevideo e Lima (“La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*”). Partindo de uma análise documental e visual de obras de *street art*, nomeadamente *graffitis*, o autor mostra-nos como o *mainstream* do negócio e das instituições urbanas apropria e valoriza o *graffiti* enquanto forma de salvaguarda e revitalização do património, a par da inserção em circuitos artísticos internacionais que atraem significativos fluxos turísticos. Ricardo Klein acentua ainda o cariz ambivalente deste movimento, pois os seus efeitos tanto podem ser de fortalecimento dos laços comunitários como de alavancagem de processos emergentes de gentrificação.

Tiago Miranda mergulha no “olhar turístico” (“The touristic Porto – gazing over the city”) e mostra como a cidade se tornou um modelo de *City Break*. Ainda que regida sob a lógica de um turismo de massas, a dinâmica turística do Porto, segundo o autor, consegue uma aura de singularidade e “autenticidade”, fortemente enraizada nas origens, percursos e projetos dos turistas, mas também naquilo que há de intrínseco na experiência turística: uma rotina não rotinizada, em que o extraordinário irrompe com fulgor.

Finalmente, Lúcia Ferro e Julio Cesar Nicodemos (“Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a «escuta» da população sem-abrigo na Rua de Cimo da Vila, cidade do Porto”) cruzam sociologia, antropologia e psicanálise, à escala de uma rua do Porto. Analisando os discursos da população sem-abrigo, estabelecem ligações com os fenómenos mais vastos das deslocações, segregações e relegações urbanas, não se coibindo de lançar desafios epistemológicos, metodológicos e deontológicos através da construção de um trabalho clínico-etnográfico ou etnográfico-clínico.

Em suma, estamos na presença de um número com fortes afinidades temáticas, conceptuais e metodológicas, ainda que jogando numa observação pluriescalar (a rua, o centro histórico, o bairro, as cidades, o capitalismo global...). Não por acaso, há uma mesma rede de conceitos mobilizada, em diferentes apropriações, por vários autores. Denota-se, igualmente, ainda que enquadrada numa preferência pelos métodos mistos, uma forte adesão à abordagem etnográfica, como olhar ou perspectiva, articulação de diferentes técnicas, relação local/global e catalisadora de relações sociais de pesquisa em que o investigador é chamado a desempenhar um papel central de crítica, reflexividade e imaginação. E, como tal, de intervenção possível sobre os territórios urbanos.

Referências bibliográficas

AMAR, Georges (2010), *Homo Mobilis*. Une civilisation du mouvement. Paris: FYP, La Fabrique des Possibles

LEFBVRE, (1974), *La production de l'espace*, Paris: Anthropos

- (1981) *Critique de la vie quotidienne, III. De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)* Paris: L'Arche.

LYNCH, Kevin (1960), *The Image of the City*. Cambridge MA: MIT Press

FORTUNA, Carlos (1999), *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais*. Oeiras: Celta

João Teixeira Lopes (autor de correspondência). Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) (Porto, Portugal). Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP) (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. Portugal. E-mail: jlopes@letras.up.pt

LOPES, João Teixeira; VILAÇA, Helena; AZEVEDO, Natália (2018), “Nota de apresentação. Da ambivalência do turismo na transformação das cidades”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 9-12

Helena Vilaça. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) (Porto, Portugal). Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP) (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. Portugal. E-mail: hvilaca@letras.up.pt

Natália Azevedo. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) (Porto, Portugal). Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP) (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto. Portugal. E-mail: nazevedo@letras.up.pt

ARTIGOS

Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa

Luís Vicente Baptista

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa

Jordi Nofre

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa

Maria do Rosário Jorge

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa

Resumo

Mobilidade e turismo aparecem como fatores centrais das transformações urbanas que ocorreram no sul da Europa ao longo das últimas décadas. Em particular, a recente turistificação nas áreas centrais das maiores ‘cidades post-recessão’ está muito ligada aos processos de gentrificação transnacional e turística. Pretendemos, com este artigo, contribuir para a compreensão das intensas mudanças que se verificam no centro da cidade de Lisboa, resultantes das dinâmicas globais e das políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia de renovação do centro da cidade.

Palavras-chave: mobilidade, cidade, turismo.

Mobility, city and tourism: Clues to analyse current urban transformations in Lisbon city centre

Abstract

Mobility and tourism are two central factors of urban transformation in post-recession southern European cities, where the recent touristification is much related to other complementary processes such as transnational and tourist gentrification. In this article, we intend to contribute to the understanding of the intense changes that take place in the center of the city of Lisbon resulting from global dynamics and the state-led touristification and leisurisation of the urban space as a strategy for renewing the city center of Lisbon.

Keywords: mobility; city; tourism.

Mobilité, ville et tourisme: clues pour analyser les changements au centre historique de Lisbonne

Résumé

La mobilité et le tourisme sont deux facteurs centraux de la transformation urbaine dans les villes d'Europe du Sud après la récession, où la touristification récente est étroitement liée à d'autres processus complémentaires tels que la gentrification transnationale et touristique. Dans cet article, on a l'intention de contribuer à la compréhension des changements intenses qui se produisent dans le centre de la ville de Lisbonne résultant des dynamiques globales et des politiques publiques de touristification et de récréation de l'espace urbain comme stratégie pour renouveler le centre-ville.

Mots clés: mobilité; ville; tourisme.

Movilidad, ciudad y turismo: Pistas para analizar las transformaciones en curso en el centro histórico de Lisboa.

Resumen

Movilidad y turismo aparecen como dos factores fundamentales de transformación urbana en las ciudades del sur de Europa, en donde la reciente ola de turistificación en sus áreas centrales está íntimamente ligada a procesos de gentrificación transnacional y turística. En este artículo, pretendemos contribuir a la comprensión de los intensos cambios que se producen en el centro de Lisboa que surge como resultado de las dinámicas globales y de la creación e implementación de políticas públicas turistificadoras y ludificadoras del espacio urbano como estrategia de rejuvenecimiento del centro de la ciudad.

Palabras clave: movilidad; ciudad; turismo.

1. INTRODUÇÃO

Uma tarde de sábado de setembro de 2017. Lisboa. Um turista circula no meio da multidão que pretende subir a Rua do Carmo. Em conversa com amigos diz que, apesar de estar a algumas horas de casa (de avião), mantém o conforto que tem aí porque em qualquer local para onde viaje sabe como encontrar o que lhe pode faltar. Não precisa de grandes malas, nem de dinheiro vivo e pode a qualquer momento com alguns cliques tomar decisões e, por isso, a qualquer momento pode ir para onde quiser.

O que ressalta desta perceção é o estabelecimento de uma linha de separação muito mais ténue entre viver num lugar e visitar outro local. Ainda que se trate de um processo que ocorre com grande intensidade, é historicamente muito recente o acesso de uma grande parte da população mundial a um conjunto de meios de deslocação que mudaram profundamente o modo de nos movermos em contextos territoriais desconhecidos. Não só a mobilidade por via aérea se generalizou, como também a deslocação nas cidades, sejam destinos turísticos ou de negócios, foi simplificada pela disponibilidade permanente de informação nas plataformas móveis ligadas

à internet, sem que o *homo mobilis* (Amar, 2010) sinta que perde o controlo na relação com os territórios alheios.

Mobilidade e turismo aparecem como dois fatores de transformação espacial, económica, social e cultural que afetam os territórios contemporâneos, especialmente no sul da Europa. Recentemente, a Organização Mundial do Turismo (2017) informou que o turismo é a única economia global em crescimento, enquanto o jornal britânico *The Guardian* (2017) afirmou que o turismo deve ser visto como “colete salva-vidas” para as cidades do sul da Europa fortemente afetadas pela última recessão económica. Todavia, a recente onda de intensa turistificação nas áreas centrais das maiores ‘cidades’ (Roberts *et al.*, 2016) do sul da Europa como Madrid, Roma, Barcelona e Lisboa – entre muitas outras – está muito ligada aos processos de gentrificação transnacional e gentrificação turística (Füller e Michel, 2014; Cocola-Gant, 2018; Barata-Salgueiro *et al.*, 2017; Mendes, 2018). Em particular em Lisboa, este complexo processo não-linear de mudança urbana é baseado, entre outros fatores, (i) na expansão da instabilidade geopolítica na última década em mercados recetores de fluxos turísticos como o Magreb, o Egipto e outros países do Médio Oriente (Basu e Marg, 2010); (ii) no surgimento do imobiliário turístico e hoteleiro como um *campo seguro de investimento* em tempos de volatilidade nos mercados financeiros; e (iii) na adoção do turismo e lazer como estratégias centrais defendidas por muitas administrações locais e nacionais no sul da Europa para superar os impactos sociais e económicos resultantes da recessão económica (a partir de 2008).

Pretendemos, com este artigo, contribuir para a compreensão das intensas mudanças que se verificam no centro da cidade de Lisboa – antes desvalorizado e degradado – resultantes em grande medida da criação e implementação de políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia de renovação do centro da cidade. Após uma breve discussão teórica sobre o papel da mobilidade e do turismo como fatores de competitividade urbana entre cidades globais, o artigo explora o conjunto de políticas públicas aprovadas pela Câmara Municipal de Lisboa e pela administração nacional que têm contribuído para a recente turistificação dos bairros históricos da cidade. Os resultados apresentados na segunda parte do artigo baseiam-se no trabalho de campo “ambientalmente fundamentado”, realizado por J. Nofre, em Alfama (2015-2018) e no Bairro Alto (2010-2017) (Nofre *et al.*, 2016, 2017; Nofre e Martins, 2017; Nofre e Malet-Calvo, 2018; Sequera e Nofre, *no prelo*).

2. Mobilidade, turismo e competitividade urbana global: um debate em aberto

Não é nova a questão da mobilidade. Sabemos que a deslocação de pessoas, grupos, de populações organizadas étnica, política ou religiosamente é, de forma mais ou menos intensa, de

forma mais ou menos recente, uma dinâmica central na vida de todas as sociedades humanas. Para além das migrações produzidas pelas alterações climáticas e pelos conflitos bélicos, e do também generalizado movimento de populações quer por motivos lúdico-turísticos ou laborais, que percorrem todo o planeta, interessa salientar que a mobilidade espacial passa progressivamente a ser vista como um direito (uma possibilidade generalizada e democratizada), mas também como uma necessidade que se exige nas atuais circunstâncias de globalização do mercado de trabalho (Flamm e Kaufmann, 2006)¹.

Mas esta mobilidade física dos indivíduos nas sociedades contemporâneas corresponde a uma possibilidade vivida de forma muito diferenciada consoante os capitais acumulados. Nesse sentido, a mobilidade espacial, enquanto materialização do processo de mobilidade social, está intimamente ligada à forma como o capital económico e o capital social se transformam em capital de mobilidade (Kaufmann *et al.*, 2004). O *homo mobilis* (Amar, 2010), portanto, nasce como elemento *sine qua non* da lógica do capitalismo global, ao mesmo tempo que constitui um novo objeto de análise sociológico povoado por emergentes atores: estudantes internacionais de ensino superior (e.g., estudantes Erasmus); académicos e investigadores em mobilidade internacional; trabalhadores transnacionais (qualificados ou não; formais e informais); refugiados e outros migrantes; reformados transnacionais; turistas, visitantes e viajantes; e neo-nómadas (incluindo ‘velhas tribos’ como os Roma, ou ‘novas tribos’ como os *hippies e novas comunidades de sentido*). Ao mesmo tempo, a mobilidade transnacional está ligada ao desenvolvimento de relacionamentos e identidades que frequentemente se estendem a múltiplas localidades.

O turismo, entendido como uma forma de mobilidade temporária orientada para o lazer, é moldado pelas práticas contemporâneas de consumo, produção e estilo de vida. As implicações do turismo como forma de mobilidade temporária remetem para a mobilidade como uma forma de capital social (Amar, 2010), com visíveis impactos nos territórios, urbanos e globais. A crescente competição entre cidades globais para melhorar o seu posicionamento no mercado turístico internacional deve ser entendida como resultado de um *tourist turn* que tem reconfigurado espacial, económica, social e culturalmente a cidade pós-industrial. Nesse sentido, e como resultado do *tourist turn*, o *status* do turismo mudou aos olhos dos responsáveis

¹ Isto é especialmente relevante na maior parte das chamadas sociedades ‘ocidentais’ e em alguns países asiáticos com políticas neoliberais agressivas, como por exemplo a China ou o Japão, como requisito comum para a contratação no mercado de trabalho. Esta pressão aumenta em contextos de elevados níveis de desemprego, onde, frequentemente, à necessidade de adaptação se associa a necessidade de deslocações quotidianas ou de mudança residencial. Esta realidade tem mesmo levado alguns autores a introduzir o conceito de *motility* (“motilidade”), que se define como a capacidade de um indivíduo tirar partido das inúmeras possibilidades de mobilidade e utilizar essa capacidade motorizada para planear os seus projetos pessoais (Flamm e Kaufmann, 2006).

municipais das políticas públicas urbanas. Enquanto o turismo urbano era considerado uma atividade económica secundária na cidade capitalista até ao final dos anos 1980, a desindustrialização e a progressiva terciarização, juntamente com a revalorização económica e cultural das áreas centrais da cidade pós-industrial, contribuíram para transformar muitos centros urbanos em “teatros do consumo” (Ritzer, 2010). Mas simultaneamente, a turistificação do centro da cidade (Ashworth e Page, 2011; Judd e Fainstein, 1999; Knafou, 2012) serve também como uma fonte de oportunidades em termos de empregos para jovens e adultos jovens qualificados e não qualificados, para o empreendedorismo e novas formas de lazer (Rath, 2005). Para os principais centros urbanos, o turismo tornou-se uma componente fundamental da economia urbana. No entanto, isso não ocorreu sem consequências económicas, sociais e culturais conflituais. Este é o caso de Lisboa.

3. Breves notas sobre o turismo e reconversão urbana de Lisboa

Ao longo dos últimos anos, o número de passageiros de cruzeiros em Lisboa aumentou de 164.259 em 2002 para 241.557 em 2004, 500.872 em 2014 e 522.497 em 2016 (Administração do Porto de Lisboa, 2006, 2014, 2016), enquanto o número de passageiros que aterrou no aeroporto de Lisboa passou de 5.243.954 em 2004 para 11.254.738 em 2016 e mais de 26 milhões em 2017 (Turismo de Portugal, 2014, 2017). Além disso, o número de hotéis localizados no município de Lisboa também aumentou, passando de 93 em 2009 para 167 em 2016, registando-se um aumento de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros nos últimos anos – de 5.715.176 dormidas em 2009 para 9.996.817 em 2015². Simultaneamente, a cidade tem 13.051 apartamentos turísticos³ – mais de 80% concentrados nos bairros históricos do centro da cidade – para 0,5 milhões de residentes, o que situa Lisboa como uma cidade mais turistificada do que Barcelona (com 18.866 apartamentos para 1,6 milhões de residentes) e Madrid (15.290 apartamentos para 3,1 milhões de residentes). Além da consolidação de Lisboa no mercado turístico global como *city-break destination* de referência mundial, interessa salientar aqui a necessidade de analisar a construção do enquadramento legal para o apoio público na turistificação dos bairros históricos do centro de Lisboa.

² Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, segundo os dados da PORDATA (consult. 13 setembro de 2017; disponível em <https://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Tabela>).

³ Disponível em: <https://www.airdna.co/market-data/app/pt/lisboa/lisbon/overview>.

Figura 1. Grupo organizado de turistas sénior entrando no bairro da Sé pela Porta do Mar



Fonte: Jordi Nofre (2018)

Vinte e cinco anos depois da declaração de Alfama e Mouraria como *Áreas Críticas de Recuperação e Reconversão Urbanística* (Decretos Regulamentares n.º 60/1986 e 61/1986, de 31 de Outubro) a Câmara Municipal de Lisboa publicou dois documentos fundamentais para pensar a reabilitação urbana dos bairros históricos do centro da cidade. O primeiro é a *Carta Estratégica de Lisboa 2010-2024*, que coloca o rejuvenescimento da cidade como o primeiro desafio estratégico no planeamento da cidade⁴. O segundo, a *Estratégia para a Reabilitação Urbana em Lisboa 2011-2024* (ERUL) visa, entre outros objetivos, o “rejuvenescimento do centro da cidade, a atração de novas famílias, empregos e negócios” (ERUL, 2010:13), assim como “Manter a memória da cidade, restaurar o património histórico, arquitetónico e paisagístico de Lisboa” (ERUL, 2010:13). Para isso, a ERUL prevê a criação de um “novo mercado de arrendamento habitacional para jovens e jovens de classe média” (ERUL, 2010:8). Interessa salientar que este documento prevê reforçar a relação triangular turismo/lazer/habitação (Relatório 4 – ERUL, 2010:10) como uma das principais recomendações para a renovação da competitividade urbana de Lisboa. Daí que a ERUL aposte no fortalecimento da promoção de Lisboa como “cidade da cultura, do turismo e do lazer” (Ib.:16), como “grande alavanca de internacionalização da região em articulação, quer com a afirmação de iniciativas e estruturas de negócios, congressos, feiras e

⁴ Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Camara_Municipal/Carta_Estrategica/Relatorio_1_Demografia_Habitacao.pdf.

exposições, quer o desenvolvimento das indústrias criativas e culturais, quer com uma aposta de grande qualidade arquitetónica e ambiental no sector imobiliário” (Ib.:14).

A emergência de Lisboa como ‘cidade turística’ é acompanhada legislativamente pelo forte impulso da primeira liberalização do mercado de arrendamento (Decreto-lei n.º 6/2006 de 27 de Fevereiro) seguida, numa segunda fase de ainda maior liberalização com o Decreto-lei n.º 31/2012 de 31 de Agosto. Junto com este quadro geral de operacionalização do mercado imobiliário, surge o quadro legal para a criação de um mercado de Alojamento Local Turístico (Decreto-lei n.º 39/2008 de 7 de Março, e Decreto-lei n.º 128/2014 de 28 de Agosto), que incorpora isenções fiscais para os investidores. Interessa salientar a aprovação do Decreto Regulamentar n.º 15-A/2015 para a Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI), que permite a dispensa de visto de residência (Visa Gold) para entrar em território nacional através – entre outras hipóteses – da aquisição de bens imóveis de valor igual ou superior a 500.000 euros, ou da aquisição de bens imóveis, cuja construção tenha sido concluída há, pelo menos, 30 anos ou localizados em área de reabilitação urbana (nomeadamente, em bairros históricos dos centros das cidades portuguesas) e realização de obras de reabilitação dos bens imóveis adquiridos, no montante global igual ou superior a 350.000 euros.

Este processo tem levado ao surgimento de novas cartografias da propriedade imobiliária em Lisboa (Montezuma e McGarrigle, 2018), revelando uma multiplicidade de formas complexas de mobilidade transnacional de pessoas e capitais que estão a reconfigurar continuamente o espaço físico e simbólico da cidade. Encontramos um fator fundamental para a análise destas reconfigurações: os mecanismos municipais de apoio financeiro para a reabilitação urbana⁵, nomeadamente o Instrumento Financeiro de Reabilitação e Revitalização Urbanas 2020⁶,

⁵ Ver Programas de Incentivo à Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa (disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana>).

⁶ O Instrumento Financeiro de Reabilitação e Revitalização Urbanas 2020 é um instrumento financeiro destinado a apoiar investimentos em reabilitação urbana, para financiar a reabilitação integral de edifícios através de produtos financeiros com condições mais vantajosas face às praticadas no mercado, vocacionados especificamente para apoiar a reabilitação urbana. O IFRRU 2020 reúne diversas fontes de financiamento, quer fundos europeus do Portugal 2020, quer fundos provenientes de outras entidades como o Banco Europeu de Investimento e o Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa, conjugando-os com fundos da banca comercial (disponível em: <https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/portugal/pt/portugal/reabilitacao/ifrru/documentos/Programa-de-acao-IFRRU2020.pdf>).

o Programa RE9⁷ e o Programa Reabilita Primeiro-Paga Depois⁸. No entanto, estes mecanismos de regeneração urbana e dinamização socioeconómica têm resultados desiguais: a fixação de novos residentes fica longe de atingir um cenário consolidado no curto e meio prazo.

Todavia, entre 2001 e 2011, data dos dois últimos censos, assistiu-se a um ligeiro rejuvenescimento residencial do centro histórico da cidade (Baptista *et al.*, 2017). Mesmo com diferenças pouco acentuadas, é possível verificar que a idade média da população em algumas freguesias diminuiu em 2011 e regista-se até alguma capacidade de atração de novos residentes. As estatísticas de variação residencial desagregadas por grupo profissional – criadas a partir dos Censos da População de 2001 e 2011 – revelavam a presença crescente de novos residentes empregados em profissões liberais, intelectuais e outros quadros técnico-científicos (PLIC).

Uma análise pormenorizada do recente Recenseamento Eleitoral (QP, 2017), que exclui a população com menos de 18 anos, permite identificar algumas mudanças demográficas mais recentes nos bairros históricos do centro da cidade de Lisboa. Assim, apesar da tendência geral para a diminuição do número de eleitores, na área da Baixa, na (nova) freguesia de Santa Maria Maior, regista-se uma recuperação do número de eleitores desde 2007. O mesmo acontece nas antigas freguesias de São Paulo e Castelo, onde esta recuperação ocorre mais tarde, entre 2015 e 2016. A análise da situação demográfica do centro histórico, realizada em estudos anteriores a partir dos recenseamentos da população de 2001 e 2011 (Baptista *et al.*, 2017), permite salientar o contributo, mesmo que ligeiro, da entrada de estrangeiros para atenuar o declínio demográfico do centro histórico, assim como a sua importância para o rejuvenescimento destas áreas, uma vez que, entre os estrangeiros, o peso relativo dos jovens é superior aos indivíduos com naturalidade portuguesa. Mas esta tendência contrasta com a entrada plena da cidade no circuito turístico internacional que altera a configuração demográfica e social nos bairros históricos, como é o caso da *Airbnbização* (Richards, 2017) destes bairros que tem expulsado alguns desses “novos” residentes (Sequera e Nofre, *no prelo*).

⁷ O Programa RE9 apresenta diferentes benefícios fiscais, isenção de taxas municipais, financiamento com condições especiais e descontos nos materiais de construção (disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana/re9>).

⁸ O Programa Reabilita Primeiro-Paga Depois promove a reabilitação de património municipal devoluto e em mau estado de conservação, sem recurso a capitais próprios nem aumento do endividamento; otimiza a sustentabilidade da gestão do parque habitacional, permitindo aos pequenos investidores diferir o pagamento do preço do imóvel para o final da operação de reabilitação e criando novos incentivos à economia local, através da geração de investimento diversificado no mercado da reabilitação urbana, da dinamização do setor da construção, fundamental para a manutenção e criação de novos postos de trabalho, do aumento da oferta de habitação na cidade e da captação da população para os bairros históricos (disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/reabilitacao-urbana/programas-de-incentivo-a-reabilitacao-urbana/programa-reabilita-primeiro-paga-depois>).

4. Usufruto lúdico e turístico do espaço urbano: novas formas de renovação ou de rejuvenescimento da cidade?

Na verdade, a transformação dos bairros históricos do centro da cidade de Lisboa em *touristscapes* (Mitchell e Murphy, 1991; Edensor, 2007) deve-se à existência de uma *state-led touristification* (Freytag e Bauder, 2018; Pixová e Sládek, 2017) que, ao longo da última década, tem vindo a ser acompanhada por uma crescente ludificação das áreas centrais da cidade (Baptista, 2005; Nofre, 2013; Baptista, 2016; Malet *et al.*, 2017; Nofre *et al.*, 2017, 2018). O surgimento e a consolidação de novos padrões de uso e de consumo do espaço público nos bairros históricos do centro da cidade justificam a necessidade de definir uma nova abordagem no estudo das mudanças urbanas na cidade de Lisboa. Alguns trabalhos publicados recentemente apontam, ainda que de forma algo tangencial, para a importância crucial dos jovens adultos PLIC (Profissionais Liberais, Intelectuais e Cientistas), turistas, viajantes e estudantes universitários, nos processos de revitalização dos bairros históricos do centro da capital, tais como Alfama, Baixa, Bairro Alto, Mouraria e Cais do Sodré (Mendes, 2006, 2011, 2014a, 2014b; Malheiros *et al.*, 2012; Malet-Calvo, 2013; Malet *et al.*, 2017; Nofre, 2013; Nofre *et al.*, 2016, 2017, 2018; Sánchez, 2017). Com efeito, num tempo de mobilidade generalizada associada à disponibilidade para a viagem, a cidade continua a ter uma inegável atratividade profissional e lúdica. Os jovens voltaram ao centro da cidade (embora de forma micro-temporária): bares, discotecas, quiosques, lojas de roupa, livrarias (umas com mais tradição do que outras), *ateliers* e galerias de arte, rotas turísticas... os bairros históricos do centro da cidade voltam a ser objeto de uma vibrante atividade económica e cultural. Destino turístico e destino Erasmus Europeu por excelência, a cidade de Lisboa assume-se como um grande teatro de consumo (Ritzer, 2010), de marcado carácter hedonista e juvenil. Os turistas de mochilas, os estudantes Erasmus e os estudantes universitários portugueses, junto com os jovens precários altamente qualificados, voltam a habitar ou apenas a consumir o centro da cidade. Ora, é precisamente no caso de Alfama e Bairro Alto, que podemos analisar o papel fundamental que o padrão *homo mobilis* joga na mudança das duas áreas históricas da cidade.

4.1. Alfama: mercantilização, “safaris humanos” e Instagram

A Rua dos Remédios e a Rua do Vigário constituem um campo privilegiado de observação de cariz etnográfico para o estudo do impacto do *homo mobilis* em Alfama no período intercensitário em que nos encontramos. Como primeira nota de contextualização da observação de terreno importa ressaltar a proliferação de apartamentos turísticos em Alfama – 1.359

apartamentos oferecidos através do Airbnb em Maio de 2018⁹ para um total de 3581 alojamentos familiares (INE, 2011), quando a oferta de alojamento turístico formal no bairro antes da chegada do Airbnb à cidade era de apenas dois *hostels* – a que se deve somar a presença de estudantes Erasmus residentes no bairro desde meados da década passada (Malet, 2013). O impacto destes *novos residentes móveis* em Alfama traduz-se, entre outros aspetos, na introdução de novos usos e consumos do espaço público e no seu impacto nas dinâmicas comunitárias do bairro, tais como o surgimento de bares (como o *The CorkScrew Tapas & WineBar*) onde os tradicionais petiscos portugueses são designados, ao modo espanhol, como “tapas”; ou onde o tradicional vinho tinto é substituído pelo *gin tonic*. A mudança ocorrida no bairro de Alfama e a sua rápida mercantilização correspondem à reconversão deste bairro histórico do centro de Lisboa num parque turístico urbano intimamente ligado ao consumo da “cidade vintage” ou *retroscape* (Brown e Sherry, 2003), como mecanismo de exibição e de distinção social. Neste parque turístico urbano, a mercantilização do Fado é reforçada a partir do seu reconhecimento como património imaterial da humanidade pela UNESCO (2011) e afirma-se um novo *Fadoscape* (Elliot, 2010) hedonista, classista, higienizado social, moral e politicamente, consumido de maneira significativa não só pelos turistas, viajantes e alguns estudantes Erasmus, mas também por jovens e jovens adultos lisboetas de vários estratos sociais.

Entretanto, Alfama como *retroscape* é massivamente fotografada e inclusive “instagramada” (sem esquecer a imagem com filtro de cor sépia). Para o *mobilita*, Alfama – consumida ludicamente tanto por turistas e residentes temporários, como por jovens estudantes e quadros internacionais - converteu-se num objeto de elevadíssimo valor simbólico de distinção para o registo fotográfico. Especialmente durante os meses de Primavera e Verão, Alfama enche-se de turistas, que circulam pelo bairro ou seguindo visitas guiadas a pé, em *seegway* ou em bicicleta (após a proibição da circulação dos veículos *tuk-tuk* no meio do bairro), fotografando por toda a parte, esperando conseguir aquela fotografia que capta aquele passado de miséria, sordidez e degradação urbana num presente disneyficado (Figura 2) – na expressão de A. Bryman (2004). Os vizinhos octogenários são fotografados como expressão do passado. Alfama apresenta-se como uma espécie de safari urbano, um parque de diversões móvel, tematizado em torno do Fado.

Enquanto isso, no café gerido pela Dona Fernanda, na Rua do Vigário, as cinco senhoras que todos os dias se encontram entre as nove e as onze horas da manhã mantêm uma conversa muito animada acerca do “episódio do domingo” (lit.). Uma discussão fortíssima entre uma jovem portuguesa de trinta anos e a sua vizinha septuagenária, num domingo do mês de setembro de

⁹ Ver <https://www.airdna.co/market-data/app/pt/lisboa/lisbon/overview>.

2015 fez parar a circulação no cruzamento da Rua dos Remédios e da Rua do Vigário. Não tanto por elas, mas pelos vizinhos que vieram observar para assistir ao final do episódio do conflito originado pela discussão que a primeira mantinha via *skype* com o seu chefe. Perante a expectativa gerada, a circulação de veículos manteve-se cortada (a polícia também fazia parte do conjunto de espectadores), com a conseqüente irritação dos condutores dos veículos *tuk-tuk* e dos seus clientes turistas. Quando questionada sobre a evolução do bairro durante os últimos anos, Dona Fernanda afirmou que em cinco anos ocorreram mais mudanças que durante os quarenta e cinco anos em que viveu no bairro, chegada da margem sul para trabalhar em Lisboa: “Daqui a alguns anos, Alfama será como um grande hotel, os vizinhos de toda a vida vão morrendo e as casas vão ser para apartamentos turísticos”.

Figura 2. Alfama, território urbano turístico



Fonte: Jordi Nofre (2018)

Alfama aparece, portanto, como um *retroscape* caracterizado por edifícios do século XVIII que antes se encontravam num estado semi-ruinoso – em grande parte já reabilitados ou substituídos –, por pequenos bares tradicionais com cheiro a tabaco e vinho, por sociabilidades *bairristas* (Firmino da Costa, 2008) que adquirem novos significados como elementos de “autenticidade” (Belk, 2003; Zukin, 2009) e que procuram resistir adaptando-se à turistificação através da sua mercantilização como elemento fulcral desse *touristscape* vintage. No meio de uma “colonização do presente pelo passado” (Belk, 2003:23), ou de “um passado eternamente presente” (Sherry, 2003:21), a figura do *homo mobilis* emerge enquanto presença de um certo

cosmopolitismo que desafia o chamado modo de vida genuíno e único dos vizinhos de Alfama num tempo em que o bairro é (re)configurado e transformado constantemente. Eis que surge Alfama como um “outdoor hotel” como resultado da entrada em jogo do capital financeiro global (e nacional), o que tem suscitado grande contestação por alguns atores locais relevantes.

4.2. *Pubcrawling* Bairro Alto: no reino do lazer urbano noturno

Historicamente identificado como bairro boémio, pela presença dos jornais e dos intelectuais e jornalistas noctívagos, o Bairro Alto tornou-se mais recentemente o núcleo emblemático do lazer noturno lisboeta que remonta à década de 1970. Mas só na década de 1980 e sobretudo na de 1990, novos modelos de lazer noturno e consumo jovem hedonista foram colonizando o bairro durante as horas noturnas (especialmente ao fim de semana), convivendo com uma população maioritariamente de classe trabalhadora, progressivamente envelhecida. Apareceram novos residentes, na sua maioria jovens adultos, com mais poder de compra do que as famílias tradicionais do bairro, que protagonizaram o primeiro processo de gentrificação (Mendes, 2006). A essa primeira gentrificação importa acrescentar a protoestudantização do Bairro Alto, que os estudantes Erasmus protagonizam a partir de 2005-2006, quando começaram a considerar o Bairro Alto, não apenas como uma área residencial de interesse pelos motivos já referidos no caso de Alfama, como também enquanto área de referência para as suas atividades de lazer noturno, pela mão de estudantes universitários locais e de grupos de jovens alternativos lisboetas, sobretudo *punks*, que se encontravam entre a esquina do Bar Mezcal e a porta do bar de *punk-rock* Boca do Inferno (Malet-Calvo *et al.*, 2017). É neste contexto que emerge um claro conflito de interesses com os habitantes de idade avançada e com baixo poder de compra que são um incómodo para o processo de internacionalização da cidade levado a cabo pelas elites locais, nacionais e transnacionais dos sectores imobiliário, turístico, de restauração e de lazer.

Nos últimos anos, o Bairro Alto vem sendo ocupado por consumidores de lazer noturno, maioritariamente (ainda que não exclusivamente) jovens e jovens adultos de diversas origens económicas, socioprofissionais, culturais, étnicas e inclusive religiosas (Malet *et al.*, 2017; Nofre *et al.*, 2016, 2017). Com efeito, a existência de uma oferta de habitações com arrendamentos muito acessíveis para estudantes Erasmus, juntamente com a possibilidade de viver num bairro lisboeta “autêntico” com bares de fado minúsculos, prostituição marginal, locais boémios e um crescente número de locais de lazer noturno dirigidos aos estudantes, levou o Bairro Alto a converter-se na principal zona de vida noturna da cidade (Malet-Calvo *et al.*, 2017). De facto, aparece como o bairro de diversão noturna por excelência de Lisboa, largamente publicitado tanto em revistas especializadas em turismo urbano e sobretudo pelo *lobby* turístico nacional: “A vida

noturna de Lisboa é conhecida como uma das mais longas e vibrantes da Europa e do mundo (...). É pelo Bairro Alto que pode começar a noite de todas as folias, em Lisboa. Depois das 22h00, o Bairro Alto transforma-se num mar de gente e de automóveis estacionados nas ruas estreitas, autênticos becos. Ali, há hipóteses de programas e diversão para todas as 'tribos', gostos e idades, num conjunto sem fim de restaurantes, bares, discotecas e casas de fado (...)” (Agência Abreu e TAP, 2013: 63). De facto, os processos de gentrificação e estudantização do Bairro Alto foram acompanhados por uma mais recente, rápida turistificação do espaço urbano do bairro, situando a cidade no circuito internacional de turismo urbano (Nofre *et al.*, 2017).

Como se se tratasse de uma comédia vitoriana, a cena urbana no Bairro Alto muda de modo substancial quando se põe o sol. O bairro familiar onde a vida comunitária assume a rua como espaço de (re)produção social e cultural dá lugar à abertura, dia sim dia sim, de um parque temático de lazer noturno caracterizado pela presença – sobretudo aos fins de semana e especialmente durante a época estival – de milhares de pessoas em busca de diversão. É durante a noite que “o corpo, o sexo e o prazer são frequentemente definidos sem uma existência mental ou social antes de anoitecer, quando as proibições que sofrem durante o dia, durante as atividades ‘normais’, são suspensas” (Lefebvre, 1991[1974]: 319-320). Simultaneamente, no trecho da Rua da Atalaia definido pela intersecção de Rua da Atalaia com a Travessa da Queimada e a Travessa do Poço encontram-se estudantes universitários portugueses e estrangeiros em grandes grupos, turistas nórdicos desenfreados pelo preço do álcool, despedidas de solteiro e de solteira, espanhóis ou ingleses que vêm passar o fim de semana, etc.

Figura 3. Rua Atalaia, vida noturna e convívio no espaço público no Bairro Alto



Fonte: Jordi Nofre (2015)

À semelhança de outras estâncias turísticas da Europa, como Bulgária ou Espanha (Tutenges, 2009, 2012, 2015), a vida noturna neste bairro da capital portuguesa surge como uma “máquina que fabrica energia emocional para as massas” (Tutenges, 2012:132). A noite urbana no Bairro Alto aparece, portanto, como um espaço-tempo no qual as experiências vividas dos *partiers* são mercantilizadas e fazem parte – em terminologia Lefebvriana – da produção e (re)produção de modos alternativos de existência contrários à opressiva rotinização do trabalho, evocando a alegria e estimulando o *fora-do-ordinário* (Nofre e Malet-Calvo, 2018). Os ambientes noturnos podem ser entendidos como campos de força de energia emocional nos quais se vão produzindo, reproduzindo e consumindo evasões micro-espaciais e temporais para as suas vidas quotidianas (às vezes precárias, incertas) no meio de uma paisagem noturna neoliberal hipersecurizada (Nofre e Martins, 2017).

5. Lisboa visitada, lisboa habitada: repensar a cidade turística

Este artigo apresenta algumas reflexões em torno da mobilidade e do turismo como fatores centrais das intensas mudanças que se tem verificado no centro de Lisboa nos últimos anos, com especial relevância nos bairros de Alfama e Bairro Alto. Nesse sentido, a análise pretende contribuir para uma futura agenda de investigação que vise uma melhor e mais aprofundada compreensão dos impactos sociais, espaciais e económicos das políticas públicas de turistificação e ludificação do espaço urbano como estratégia central de revitalização socioeconómica dos bairros históricos centrais da ‘Lisboa pós-recessão’. Mas, enquanto as políticas de cariz neoliberal de turistificação do centro da cidade têm tido como resultado – entre outros – uma progressiva expulsão da população local (além de uma reduzida capacidade de rejuvenescimento) dos bairros históricos do centro da cidade¹⁰, a recente expansão e mercantilização do lazer e do turismo em bairros históricos do centro da capital portuguesa permite verificar como o usufruto jovem da cidade cresce, embora de natureza fundamentalmente temporária e associada à dicotomia dia/noite, às atividades académicas, turísticas, lúdicas ou recreativas. Este paradoxo entre o enfraquecimento progressivo do peso da população jovem residente na cidade de Lisboa e o aumento da população jovem visitante/usufrutuante da cidade coloca novos desafios aos decisores públicos. Se parece ser importante que a cidade mantenha a

¹⁰ Neste ponto deve se sublinhar a falta de estatísticas de natureza censitária atualizadas anualmente, o que dificulta a análise e a monitorização do impacto espacial, social, económico e cultural dos processos de mudança urbana que nos últimos anos assumiram uma intensidade notável nos bairros históricos do centro de Lisboa.

sua ocupação lúdica jovem, mesmo que temporária, de que modo se pode articular o usufruto lúdico e turístico com uma ocupação mais duradoura e sustentada baseada no ‘direito à cidade’?

O papel da administração pública local foi, sem dúvida, determinante na promoção da turistificação de Lisboa e nos processos de estudantização e de ludificação dos bairros históricos da cidade. Contudo, estas mudanças estão na origem de novas formas de uso do espaço urbano, muitas vezes geradoras de conflitos entre ‘velhos’ e ‘novos’ usos que obrigam a repensar a ação pública e a equacionar igualmente a regeneração e a reabilitação. A evidente estratégia municipal de turistificação, assente em medidas facilitadoras dos investimentos turísticos que promovem o aumento de visitantes, obriga por isso a repensar as políticas públicas para garantir a qualidade de vida dos já aqui residentes. Por outras palavras, obriga quer os decisores municipais, quer a academia, quer ainda o conjunto dos cidadãos, a repensar Lisboa como cidade experienciada, visitada, mas simultaneamente cidade habitada.

Agradecimentos

Este trabalho contou com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal (SFRH/BPD/108458/2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE LISBOA (2006, 2014, 2016), *Tráfego de Cruzeiros, Relatório de Actividade 2006, 2014, 2016*. [Consult. a 28.05.2018]. Disponível em: http://www.portodelisboa.pt/portal/page/portal/PORTAL_PORTO_LISBOA/CRUZEIROS/ESTATISTICAS.

AMAR, Georges (2010), *Homo mobilis Le nouvel âge de la mobilité. Éloge de la reliance*. Limoges, FYP Editions.

ASHWORTH, Gregory.; PAGE, Stephen. J. (2011), “Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes”, *Tourism Management*, 32.1, 1–15 doi:10.1016/j.tourman.2010.02.002.

BAPTISTA, Luís (2005), “Territórios Lúdicos (e o que torna lúdico um território): ensaiando um ponto de partida”, *Fórum Sociológico*, n.º 13/14 (2ª série), pp. 47-58.

- (2016), “A dimensão lúdica da cidade: uma perspectiva de análise a propósito da programação global de lugares para o entretenimento urbano”, in Augusto, N.M. (org.) *Sociedade em Debate*, Braga, Húmus, pp. 349-363.

BAPTISTA, Luís; JORGE, Rosário; NOFRE, Jordi (2017), “As dinâmicas de residência e de usufruto lúdico da população jovem na cidade de Lisboa”, in *Atas IX Congresso Português de Sociologia*, Faro, Universidade do Algarve, 6-8 Julho 2016, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, pp. 1-15. Disponível em: http://www.aps.pt/ix_congresso/docs/final/COM0227.pdf.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

BARATA-SALGUEIRO, Teresa; MENDES, Luís; GUIMARÃES, Pedro (2017), “Tourism and urban changes: lessons from Lisbon”, in M. Gravari-Barbas e S. Guinand (eds), *Tourism and Gentrification in Contemporary Metropolises. International Perspectives*, New York, Taylor & Francis, pp. 255-275.

BASU, Kaushik; MARG, Vikram S. (2010), “Impact of political instability and terrorism in the tourism industry of three Middle-East countries: An Econometric exploration”, in *International Conference on Tourism, Transport & Logistic*. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/ef60/6fbd64b50807c84713b9417547b9623816d3.pdf>.

BELK, Russel. W. (2003), “The Sims and the retro future”, in S. Brown, J. F. Sherry Jr (eds.), *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge, pp. 35-53.

BROWN, Stephen; SHERRY Jr, John F. (eds.) (2003), *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge.

BRYMAN, Alan (2004), *The Disneyization of society*, New York, Sage.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2010), *Relatório 4 – Desenvolvimento Económico. Estratégia para a Reabilitação Urbana em Lisboa 2011-2024*, Lisboa, CML.

- (2012), *Programa Estratégico LX-Europa2020 – Lisboa nos Próximos Programas Comunitários*, Lisboa, CML.

CÓCOLA-GANT, Agustin (2018), “Tourism gentrification”, in L. Lees and M. Phillips (eds.), *Handbook of Gentrification Studies*, Cheltenham and Northampton, UK, Edward Elgar Publishing, pp. 281-293.

- (2016), “Holiday rentals: The new gentrification battlefield”, *Sociological Research Online*, 21(3), pp.1-9.

COLOMB, Claire; NOVY, Johannes (eds.) (2017), “Contemporary geographies of leisure, tourism and mobility”, in *Protest and resistance in the tourist city*, London, Routledge.

DMPU-Departamento de Planeamento Urbano (2009). *Relatório do Estado do Ordenamento do Território*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: www.habitacao.cm-lisboa.pt.

EDENSOR, Tim (2007), “Mundane mobilities, performances and spaces of tourism”, in *Social & cultural geography*, 8(2), pp. 199-215.

ELLIOT, Richard (2010), *Fado and the Place of Longing: Loss, Memory and the City*, Farnham, Ashgate.

FIRMINO da COSTA, António (2008), *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta.

FLAMM, Michael; KAUFMANN, Vincent (2006), “Operationalising the concept of motility: a qualitative study”, *Mobilities*, 1(2), pp.167-189.

FREYTAG, Tim; BAUDER, Michael (2018), “Bottom-up touristification and urban transformations in Paris”, *Tourism Geographies*, 20(3), pp. 443-460.

FÜLLER, Henning; MICHEL, Boris (2014), “‘Stop being a tourist!’ New dynamics of urban tourism in Berlin-Kreuzberg”, *International Journal of Urban and Regional Research*, 38(4), pp.1304-1318.

JUDD, Dennis R.; FAINSTEIN, Susan S. (eds.) (1999), *The tourist city*, New Haven, CT, Yale University Press.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

KAUFMANN, Vincent; BERGMAN, Manfred M.; JOYE, Dominique (2004), “Motility: mobility as capital”, *International Journal of Urban and Regional Research*, 28(4), pp. 745-756.

KNAFOU, Rémy (2012), *Les lieux du voyage [The Place of Voyage]*, Paris, Le Cavalier Bleu.

LEFEBVRE, Henri (1991[1974]), *The production of space*, Oxford, Blackwell.

MALET-CALVO, Daniel (2013), “Procesos de revalorización patrimonial en el barrio de Alfama: el papel de los estudiantes Erasmus en la tematización de la ciudad”, *Etnográfica*, 17(1), pp. 31–50.

MALET-CALVO, Daniel; NOFRE, Jordi; GERALDES, Miguel (2017), “The Erasmus Corner: place-making of a sanitised nightlife spot in the Bairro Alto (Lisbon, Portugal)”, *Leisure Studies*, 36(6), pp. 778-792.

MALHEIROS, Jorge; CARVALHO, Rui; MENDES, Luís (2012), “Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, (1), pp. 97-128.

MENDES, Luís (2006), “Nobilitação urbana no Bairro Alto: análise de um processo de recomposição socio-espacial [Gentrification in Bairro Alto: An analysis of a socio-spatial reshaping process]”. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1741>.

- (2011), “Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado”, *Cadernos Metrópole* 26, pp. 473-495.

- (2014a), “Da gentrificação marginal enquanto movimento urbano crítico: Evidências empíricas de um bairro histórico de Lisboa, Bairro Alto”, *Revista Iberoamericana de Urbanismo* 9, pp. 29-46.

- (2014b), “Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal: uma análise crítica à luz da tese *rent gap* de Neil Smith”, *Cadernos Metrópole* 32, pp. 487-511. doi: 10.1590/2236-9996.2014-3209.

- (2018), “The Panacea of Touristification as a Scenario of Post-Capitalist Crisis”, in I. David (ed.), *Crisis, Austerity, and Transformation: How Disciplinary Neoliberalism Is Changing Portugal*, Lanham, MA, Lexington Books, pp. 25-48.

MITCHELL, Lisle S.; MURPHY, Peter E. (1991), “Geography and tourism”, *Annals of Tourism Research* 18.1, pp. 57-70.

MONTEZUMA, Joaquim; MCGARRIGLE, Jennifer (2018), “What motivates international homebuyers? Investor to lifestyle ‘migrants’ in a tourist city”, *Tourism Geographies*, doi: 10.1080/14616688.2018.1470196.

NOFRE, Jordi (2013), “Vintage Nightlife: Gentrifying Lisbon downtown”, *Fennia* 191.2, pp.106–121.

NOFRE, Jordi *et al.* (2017), “Exploring nightlife and urban change in Bairro Alto, Lisbon”, in *City & Community*, 16 (3), pp. 330-344.

NOFRE, Jordi *et al.* (2018), “The ‘Pink Street’ in Cais do Sodré: Urban change and liminal governance in a nightlife district of Lisbon”, *Urban Research & Practice*, doi: 10.1080/17535069.2018.1449010.

NOFRE, Jordi; MALET-CALVO, Daniel (2018), “Pubcrawling Lisbon: Nocturnal Geoethnographies of Bairro Alto”, in Giacommo Botta and Geoff Stahl (eds.), *Nocturnes: Popular Music and the Night*, New York, Palgrave Mac Millan (*in press*).

NOFRE, Jordi; MALET-CALVO, Daniel; CASSAN, Adán; WODZINSKA, Sylwia (2016),

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

“Club Carib: A geoethnography of (self)seduction in a dancing bar of Bairro Alto, Lisbon”, *Social & Cultural Geography* 17.

NOFRE, Jordi; MARTINS, João C. (2017), “The Disneyzation of the neoliberal urban night”, in P. Guerra; T. Moreira (eds.), *Keep it Simple Make it Fast! An approach to underground music scenes* (vol. 3), Porto, Universidade do Porto, pp. 113-124.

PIXOVÁ, Michaela; SLÁDEK, Jan (2017), “Touristification and awakening civil society in post-socialist Prague”, in C. Colomb and J. Novy (eds), *Protest and resistance in the tourist city, Contemporary geographies of leisure, tourism and mobility*, London, Routledge, pp. 73-89.

AGÊNCIA ABREU e TAP PORTUGAL (2013). *Portugal Único*, Lisboa, Agência Abreu & TAP Portugal.

QUATERNAIRE PORTUGUESA (2017), *Estudo sobre as Novas Dinâmicas Residenciais, Económicas e Urbanísticas no Centro Histórico de Lisboa*. [Consult. a 28.05.2018]. Disponível em: <https://www.jf-santamariamaior.pt/wp-content/uploads/2018/04/Enquadramento-e-diagnostico.pdf>.

RATH, Jan (2005), “Feeding the festive city. Immigrant entrepreneurs and tourist industry”, in E. Guild, J. van Selm (eds.), *International migration and security. Opportunities and challenge*, New York, London, pp. 238-23.

RICHARDS, Greg (2017), “Sharing the new localities of tourism”, in D. Dredge y S. Gyimóthy (eds), *Collaborative Economy and Tourism: Perspectives, Politics, Policies and Prospects*, New York, Springer, pp. 169-184.

RITZER, George (2010), *Enchanting a disenchanted world: Continuity and change in the cathedrals of consumption*, Los Angeles, Pine Forge Press.

ROBERTS, Peter; SYKES, Hugh; GRANGER, Rachael (eds.) (2016), *Urban regeneration*, New York, Sage.

SÁNCHEZ, Iñigo (2017), “Mapping out the Sounds of Urban Transformation: The Renewal of Lisbon's Mouraria Quartier”, *Toward an Anthropology of Ambient Sound*, New York, Routledge.

SEQUERA, Jorge; NOFRE, Jordi “Exploring urban change, transnational gentrification and social displacement in touristified Lisbon”, *Urban Studies (no prelo)*.

SHERRY Jr, John F. (2003), “Bespectacled and bespoken: Gazing from throne zone to five o'clock and head”, in S. Brown and J. F. Sherry Jr (eds.) *Time, space, and the market: Retrosapes rising*, New York, Routledge, pp. 19-34.

TUTENGES, Sébastien (2009), “Safety problems among heavy-drinking youth at a Bulgarian nightlife resort”, *International Journal of Drug Policy*, 20(5), pp. 444-446.

- (2012), “Nightlife tourism: A mixed methods study of young tourists at an international nightlife resort”, *Tourist Studies*, 12(2), pp. 131-150.

- (2015), “Pub crawls at a Bulgarian nightlife resort: A case study using crowd theor”, *Tourist Studies*, 15(3), pp.283-299.

ZUKIN, Sharon (2009), *Naked city: The death and life of authentic urban places*, New York, Oxford University Press.

BAPTISTA, Luís Vicente; NOFRE, Jordi; JORGE, Maria do Rosário (2018), “Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 14-32

Luís Vicente Baptista. (Autor de correspondência) CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: luisv.baptista@fcs.unl.pt

Jordi Nofre. CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: jnofre@fcs.unl.pt

Maria do Rosário Jorge. CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa, Portugal). Universidade NOVA de Lisboa (Lisboa, Portugal). Endereço de correspondência: Avenida Berna 26-C, Ed. ID, Sala 3.14, 1069-061 Lisboa, Portugal. Email: jmrg@fcs.unl.pt

Artigo recebido em 2 de agosto de 2018. Aprovado para publicação em 29 de setembro de 2018

A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto

Diogo Guedes Vidal

Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde
Universidade Fernando Pessoa

Resumo

O presente artigo apresenta diferentes formas de ler e imaginar a cidade do Porto através de uma interpretação da cidade como um espaço plural, multivocal e multissensorial. A transformação dos espaços urbanos efetuada pelos que residem na cidade e pelos que nela se movimentam origina diferentes leituras, imagens e representações que, reunidas, constroem verdadeiros mapas mentais. A partir de uma investigação no Mestrado em Sociologia, realizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, centramo-nos nos seus estudantes, devido à sua heterogeneidade social, geográfica e cultural, enquanto potenciais lentes da cidade, concluindo que o local de residência e a formação académica têm influência na construção dos mapas mentais urbanos.

Palavras-Chave: Cidade; Mapas Mentais; Representações.

The imaginable city: elements for a visual and sensorial journey in the city of Porto

Abstract

This article aims to present different ways of reading and imagining the city of Porto through an interpretation as a plural, multivocal and multisensorial space. The urban spaces transformation, caused by who lives in the city and who move in it, gives rise to different readings, images and representations

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

that, together, are able to construct true mental maps. Based on a master's degree research in sociology, at the Faculty of Arts of the University of Porto, we focus on its students, due to their social, geographical and cultural heterogeneity, as potential lenses of the city, concluding that the place of residence and the academic field has influence in the construction of the urban mental maps.

Key-Words: City; Mental Maps; Representations

La ciudad imaginable: elementos para un viaje visual y sensorial en la ciudad de Oporto

Resumem

El presente artículo presenta diferentes formas de leer e imaginar la ciudad de Porto a través de una interpretación de la ciudad como un espacio plural, multivocal y multisensorial. La transformación de los espacios urbanos efectuada por los que residen en la ciudad y por los que en ella se mueven origina diferentes lecturas, imágenes y representaciones que, reunidas, construyen verdaderos mapas mentales. A partir de una investigación de maestría en sociología, realizada en la Facultad de Letras de la Universidad de Porto, centrándose en sus estudiantes, debido a su heterogeneidad social, geográfica y cultural, en cuanto potenciales lentes de la ciudad, concluyendo que el lugar de residencia y la formación académica tiene influencia en la construcción de los mapas mentales urbanos.

Palabras Clave: Ciudad; Mapas Mentales; Representaciones.

La ville imaginable: éléments pour un voyage visuel et sensoriel dans le Porto

Résumé

Cet article présente différentes manières de lire et d'imaginer la ville de Porto à travers une interprétation de la ville comme un espace pluriel, multivocal et multisensoriel. La transformation des espaces urbains opérée par ceux qui vivent dans la ville et ceux qui s'y déplacent donne lieu à différentes lectures, images et représentations qui, ensemble, construisent de véritables cartes mentales. Basé sur une maîtrise en recherche sociologique à la Faculté des Lettres de l'Université de Porto, nous nous concentrons sur ses étudiants, en raison de leur hétérogénéité sociale, géographique et culturelle, comme des lentilles potentielles de la ville, en concluant que le lieu de résidence et la formation académique a une influence dans la construction des cartes mentales urbaines.

Mots-Clé: Ville; Cartes Mentales; Représentations.

Introdução

A cidade do Porto é hoje uma cidade internacionalmente reconhecida. Causa e efeito deste reconhecimento são os sucessivos prémios que lhe são atribuídos, nomeadamente o de Melhor Destino Europeu (Santos, 2017) e o facto de ser palco de uma afluência turística em grande escala.

Nesta lógica, são vários os estudos e investigações que se têm debruçado sobre o Porto procurando explorar as transformações físicas e simbólicas de que a cidade tem vindo a ser palco. Diretamente relacionadas com estas transformações encontram-se aquelas que se caracterizam como revitalizações e requalificações urbanas, projetos interventivos a nível cultural e social e, de forma intensa, fenómenos turísticos. Tais mudanças conduzem, inevitavelmente, a que as paisagens da cidade sofram alterações, proporcionando que o seu universo simbólico se altere, resultando em diferentes formas de ler e sentir a cidade. Perante esta evidência, o presente artigo pretende explorar o universo simbólico da cidade através dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A escolha deste público tem como fundamento o facto da Universidade do Porto acolher cada vez mais estudantes provenientes do exterior da cidade que extravasam os limites da Área Metropolitana do Porto e do próprio âmbito nacional. Por conseguinte, no espaço físico da FLUP conflui um número significativo de estudantes provindos de vários cantos do país e do mundo sendo, por isso, um espaço onde existem diferentes formas de usar e sentir a cidade resultantes deste fenómeno que conduzem a uma alteração do seu código identitário.

O seu universo simbólico é, desta forma, sujeito a alterações e, neste sentido, a dimensão representacional da cidade do Porto será o nosso objeto, sendo guiados pelos trabalhos de Carlos Fortuna e Paulo Peixoto (Fortuna e Peixoto, 2000; Fortuna, 2001).

1. A cidade é de quem nela se perde: considerações sobre a *flânerie* na contemporaneidade

O urbano, a cidade e as suas dinâmicas são mutáveis e flutuantes. Entender as transformações da urbanidade implica mergulhar nos escritos de Walter Benjamin (2001) e na nova imposição do século XIX que o autor discute: um novo horizonte. Este novo horizonte foi fruto das transformações físicas e sociais do século XIX que provocou o surgimento de um novo paradigma de cidade e de Homem. Nascia assim um novo olhar sobre a cidade e sobre as suas dinâmicas, próprio da modernidade. Benjamin (2001) refere que já Baudelaire dava conta da afirmação de uma nova figura entre a multidão: o *flâneur*. Moderno, aventureiro e observador, destaca-se na cidade pelo facto de contemplar sem os véus que até então a tornavam encoberta.

Percebermos que para o *flâneur* a cidade representa o “seu templo, seu local de culto (...) o verdadeiro lugar sagrado da *flânerie*” (Rouanet, 1992: 50), ou seja, a cidade é o seu local por excelência, o espaço que contempla e analisa, é um ser da cidade (fruto do urbano). É o *flâneur*, o novo “...alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber

integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado...”. (Rouanet, 1992:50). Esta nova figura da cidade era um verdadeiro poeta da cidade, conhecia-a de uma forma inigualável e representava-a como ninguém. Na verdade, o *flâneur* é o coprotagonista de uma paixão correspondida entre ele, as cidades e as multidões. Baudelaire compara-o a um “...espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugida.” (Baudelaire, 1997: 21). Esta figura cidadina é dotada de uma capacidade inequívoca de deambular pela cidade que se apropria, para além do que é visível, do invisível. A sensibilidade do *flâneur* permite que o mesmo auxilie no processo de desconstrução das suas múltiplas dinâmicas, sendo por isso um exercício (a *flânerie*) essencial para um conhecimento integral da cidade.

Teixeira Lopes (2007) refere num artigo seu que o tempo das cidades, ou seja, a forma como se organizam temporalmente os meandros do quotidiano e das práticas sociais, é cada vez mais lido através de uma “...vertiginosa velocidade de fluxos de pessoas, mercadorias e bens imateriais...”, sendo que o autor vai mais longe acrescentando que a metrópole “...elimina as fronteiras oficiais e administrativas” (Lopes, 2007: 72). O autor sugere-nos um novo tempo da cidade, marcado por uma variedade de trocas impossíveis de controlar dada a sua característica efémera e veloz. Perante esta evidência, a cidade do Porto também se assume como um espaço cada vez mais plural e multivocal. Percorrer a cidade é comparável a um ritual de evocação de aromas, sons e sentidos díspares que, reunidos, resultam numa poderosa experiência sensorial. Odores que se misturam no dobrar de cada esquina, sons que se compõem e resultam numa partitura diversa e “Os diferentes lugares do Porto são eles próprios palcos de práticas regulares, rotineiras e fugazes. Ao percorrermos a cidade somos levados pelos fluxos citadinos, pelos movimentos pendulares que alteram a paisagem da cidade.” (Vidal, 2016a: 8).

Carlos Fortuna (1998) esboça de forma peculiar e envolvente as plurisonoridades a que somos sensíveis em ambientes urbanos. Fortuna (1998) não se coíbe de referir que Simmel, apesar dos seus valiosos contributos relativos à sociologia sensorial, despreza de uma forma demasiadamente relegadora o sentido auditivo. Quer com isto dizer que o facto de Simmel entender o sentido auditivo como “... passivo, despojado que está de autonomia própria...” (Fortuna, 1998: 23; Simmel, 2001 [1903]), enaltecendo a supremacia da visão face ao mesmo, conduz a uma incapacidade de ouvir os sons da cidade e de conseguir organizá-los segundo uma partitura. Segundo o autor (1998), da cidade e da sua identidade fazem hoje também parte os seus sons. A verdade é que em “...ambiente citadino damos conta de plurisonoridades,

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

aparentemente contraditórias, mas que mapeiam atualmente as paisagens sonoras. Esta pluralidade de sons é visível em ambientes multiculturais... onde culturas diferentes, ou melhor dizendo, sonoridades culturalmente diferentes, se misturam e compõem uma partitura diversa.” (Vidal, 2015:1). Esta noção permite-nos perceber que estamos perante uma ininterrupta reelaboração dos sons da cidade.

Lynch (1960) refere que as imagens da cidade devem conter na sua base uma componente de individualidade/particularidade, ou seja, deverão primar pela marca distintiva face às demais; devem possuir uma relação com o observador e, por fim, essa relação deve ser de carácter emocional, permeada por memórias e experiências pessoais. Mas é neste último ponto que a imagem deve realmente assentar. Quanto mais viva, clara e física a imagem da cidade for, maior será a probabilidade de criarmos um elo para memórias coletivas. Este processo criativo de memórias possui em si mesmo uma particularidade: é fonte de segurança emocional a um espaço físico. Na verdade, a imagem “...deveria, de preferência, possibilitar um fim em aberto, adaptável à mudança, permitindo ao indivíduo continuar a investigar e a organizar a realidade.” (Lynch, 1960:19). Cabe ao indivíduo ser o protagonista desse fim em aberto, de escrever as imagens e fazer, das mesmas, um espólio de uma memória coletiva, ora não fosse esse o verdadeiro sentido da cidade. A construção da memória coletiva tem vindo a ser discutida por vários autores (Lowenthal, 1989; Halbwachs, 1992; Nora, 1993) e o lugar que a memória ocupa na organização social de um grupo ou comunidade reside no facto da mesma ser dinâmica e de ter sempre um fim em aberto, ou seja, podendo ser alterada ao longo dos tempos consoante a própria dinâmica de evolução dos grupos (Nora, 1993). A memória é sempre um elemento atual.

O deambular pela cidade é um ato de conhecimento do espaço e dos lugares que a compõem. Paulo Cunha e Silva¹, vereador da cultura do mandato 2013-2017 de Rui Moreira, evidenciou que amar a cidade é captar a essência da mesma. Acreditava que a cultura é um poderoso elo de coesão social e, como tal, idealizava o Porto como uma “Cidade Líquida” (Cleto, 2016):

“A cidade movia-se como um barco. (...) A cidade parecia de cristal. Movia-se com as marés. Era um espelho de outras cidades costeiras. Quando se aproximava, inundava os edifícios, as ruas. Acrescentava-se ao mundo. Naufragava-o. Os habitantes que a viam aproximar-se ficavam perplexos a olhá-la, a olhar-se. Morriam de vaidade (...) Tantas vezes desejaram soltar as cordas da cidade. Agora partiam com ela dentro de uma cidade líquida.” (Leal, 2006:9)

¹ Paulo Cunha e Silva faleceu, precocemente, em 2015. A ele devemos uma paixão pela cidade e pela cultura.

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

E se esta é a cidade que Cunha e Silva vê para o Porto, então devemos procurar, a cada passo, tornar real a sua vontade. Uma cidade aberta no sentido literal da palavra. Predisposta a receber sem receios, onde a cultura se dispersasse, se “...derramassem, inundando praças, ruas e vielas, indo ao encontro de todos.” (Cleto, 2016:21). O contributo de Paulo Cunha e Silva encontra-se materializado nos esforços contínuos e ativos para o Porto ser uma cidade de cultura democratizada, acessível a todos, sem barreiras físicas e simbólicas, permitindo a construção e reconstrução das representações, imagens e semânticas da cidade. É certo que em parte as mesmas são balizadas pelo peso do passado e da história mas sem dúvida que o presente molda, altera, modifica e transforma. Uma cidade líquida onde o contato físico entre os que nela vivem, deambulam e trabalham se multiplica e se materializa em diversas formas, espaços e lugares. Uma cidade internacional, cosmopolita, desassossegada, luminosa, voltada para uma cumplicidade entre todos.

2. Mapear a cidade, cartografar sentimentos e emoções: o papel dos mapas mentais numa sociologia da cidade e das suas representações

Kevin Lynch, urbanista, expressa em várias obras que a cidade e as suas imagens são elementos fulcrais para um entendimento da mesma (Lynch, 1960). Na verdade, acredita-se que a sua proposta deveria ser testada e uma das técnicas operacionalizadas na investigação que baseia este artigo (Vidal, 2016b; Vidal, 2017) foi a técnica dos mapas mentais.

Importa ter em linha de conta que os mapas mentais devem ser entendidos como representações do que foi vivido, ou seja, fragmentos de experiências e memórias de um contacto com a realidade representada; ou como representações do imaginado, das representações transmitidas por pessoas ou imagens. Nos mapas mentais encontra-se presente a apropriação do lugar que cada um de nós, enquanto indivíduos, faz dos mesmos. Revelam ainda como o espaço é vivido, numa espécie de aproximação à realidade que contribui, em parte, para a configuração do lugar.

Tendo como objeto a cidade do Porto, mais concretamente, a sua dimensão simbólica e representacional (Fortuna, 2001), encontram-se contidos nos mapas mentais emoções, memórias e sensações. A análise da sensorialidade da cidade do Porto extravasa campos disciplinares diversos pelo que é fulcral comparar posições sobre a mesma temática. Utilizando, a título de exemplo, um mapa sensorial do Porto da autoria de Alexandre Burmester², arquiteto portuense,

² Para consulta do mapa aceder em <http://porto.taf.net/dp/node/6578&print.html>.

consegue-se perceber que nele está implícita uma leitura da cidade e das suas divisões simbólicas em relação aos usos e sentidos dos espaços. A relevância deste mapa reside no que o mesmo representa, tal como os mapas mentais que os estudantes construíram: uma representação sobre a cidade e uma imagem mental sobre a mesma. Como o autor afirma “Perceber é conhecer através dos sentidos. Perceber o espaço em que vivemos faz-nos compreender a melhor forma de nele intervir.” (Burmester, 2010:1), revelando a importância dos sentidos e da sensibilidade aos sons, imagens e aromas da cidade. A própria percepção do espaço pode ser partilhada ou não. A sua unicidade assenta precisamente nisso. Antes de partirmos para a análise do mapa devemos ter em consideração que o mesmo corresponde a uma visão da cidade baseada numa leitura de um tipo de comportamento coletivo disperso no espaço, sustentado na visão que o autor possui sobre a forma como a usamos e vivemos (Burmester, 2010).

A leitura do mapa possibilita um conhecimento das representações que são atribuídas a determinados espaços da cidade. O grande objetivo deve passar por, segundo Burmester, eliminar as ruturas urbanas, ou seja, espaços fragmentados, descontinuados, sem conexão ou sentido entre si, aproximando os espaços considerados neutrais, tendo em vista a construção de espaços sensorialmente agradáveis para os habitantes e transeuntes. O mapa sugere que é na zona ocidental da cidade, identificada como a zona onde existe um elevado capital económico, onde o espaço é permeado por sentimentos positivos relacionados com o prazer e aceitação pela condição em que vivem. Lugares quentes que promovem a empatia, atraem os turistas, transformando-a num local privilegiado e de difícil acesso a classes sociais mais desfavorecidas. Segundo Burmester estes são lugares “... onde a cidade cumpre nas suas formas e funções os seus usos, e de onde resulta um sentimento de aceitação.” (Burmester, 2010:1). Já o centro e norte da cidade são, de certa forma, pautados por clima de resignação e de indiferença face à situação, quase como que numa lógica de naturalização (Burmester, 2010). É neste local que o centro histórico se localiza, balizado por um clima misto de indiferença/resignação face ao lugar que ocupam na cidade. A zona mais oriental, tal como em algumas zonas dispersas no mapa, surgem lugares de rejeição e revolta face ao contexto em que as populações se inserem, marcados por vazios urbanos (Burmester, 2010). A este respeito, torna-se impossível não refletir sobre as transmissões de imagens e representações associadas a vários espaços da cidade. A criminalidade e marginalidade, muito ligadas às zonas limítrofes e orientais onde se localizam complexos habitacionais sociais, são exemplos de representações que os meios de comunicação social, frequentemente, transmitem, resultando numa construção representacional desses espaços com base em suposições e mediatismos muitas vezes pouco aproximados da realidade.

Tomou-se como ponto de partida que a cidade do Porto é passível de se articular com um dos conceitos primordiais de Lynch, o de *Legibilidade*, referindo-se à “... facilidade com a qual as partes [da cidade] podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente.” (Lynch, 1960:13). Nas palavras de Lynch, estruturar e identificar um ambiente é uma tarefa essencial para todos nós que nos movemos, na medida em que permite orientar-nos na cidade, conferindo-nos segurança. É nesta capacidade de organização imaginária e mental da cidade que reside a sua componente visual e complexa, revelando-se neste processo. Mas também o conceito de *Imaginabilidade* é referido por Lynch, entendendo-a como a “...qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis.” (Lynch, 1960:20). Este conceito interliga-se com o de *Legibilidade* na medida em que só é possível representar mentalmente a cidade se a mesma transmitir significados e identidades.

3. Os mapas mentais enquanto técnica: trajetória metodológica

A importância do desenho metodológico numa investigação é atestada pelo resultado da mesma. Na verdade, o desenho metodológico deve ser entendido como uma bússola que nos orienta nos meandros das dinâmicas sociais quando “somos ofuscados pela iluminação das partes, enquanto o todo permanece obscuro.” (Frisby, 1992:95).

Como já fora referido, a presente investigação é notoriamente influenciada pelos trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), nomeadamente por Carlos Fortuna e Paulo Peixoto (Fortuna, 1998; Fortuna e Peixoto, 2000; Fortuna, 2001), respetivamente “As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas” (2001), “Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de Sociologia” (2000) e “Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos” (1998). Por detrás do desenho metodológico encontram-se as seguintes interrogações: será que a formação de um estudante tem implicações na forma como o mesmo pensa e age? E o Porto e as suas representações onde se encaixam nesta lógica? A formação académica tem peso na forma como interpretamos uma determinada realidade? Terá também influência na forma como concebemos a cidade e a interpretamos? Perante estes questionamentos, acrescentamos ainda que para além da formação académica também a naturalidade/residência poderá aqui desempenhar um papel importante enquanto dimensão que

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

condiciona (ou não) a forma como lemos a cidade. Mas também o lugar onde a FLUP se insere poderá, eventualmente, ter peso na mesma leitura sobre a cidade. Inspirados por Kevin Lynch e pelos seus mapas mentais (1960), procuramos analisar se a cidade do Porto é passível de *legibilidade e imaginabilidade*.

A aplicação dos mapas mentais obedeceu à construção de uma amostragem teórica. Este tipo de amostra, frequente em estudos qualitativos, baseia-se em pressupostos que a distinguem da amostragem estatística, nomeadamente pelo facto que a mesma termina quando a saturação teórica é alcançada. Este tipo de amostra refere-se a um processo de colheita de dados de forma a criar uma teoria, codificando os resultados e sendo orientada pelo decorrer da própria investigação (Glaser e Strauss, 2006). Importa referir que antes de aplicada esta técnica fora aplicado um inquérito por questionário que procurou conhecer a realidade em análise de forma a orientar sobre que grupos deveriam recair os mapas mentais. Não se procurou representatividade, pois essa também não é a principal finalidade, mas sim, a partir do terreno, conseguir construir conhecimento sobre o mesmo. Neste sentido podemos afirmar que os questionamentos iniciais se basearam em “Quais grupos ou subgrupos serão os próximos na coleta de dados? E com que finalidade teórica? (...) Há infinitas possibilidades de comparações múltiplas, por isso os grupos devem ser escolhidos de acordo com critérios teóricos” (Garfinkel, 1984: 47).

Perante esta abordagem, os mapas mentais foram construídos pelos estudantes da FLUP sem qualquer orientação sobre o que deveriam escrever ou desenhar e, ao fim de 18, consideramos que foi atingida a saturação teórica.

O sexo dos estudantes evidencia uma preponderância do sexo feminino que vai de encontro à realidade estudantil da FLUP. Dos estudantes que participaram neste estudo, 83,3 % são do sexo feminino e 16,7 % são do sexo masculino. Relativamente aos seus locais de residência e naturalidade, dos estudantes que participaram 78 % reside ou é natural de municípios que integram a Área Metropolitana do Porto. Os restantes estudantes ou são naturais/residem fora da Área Metropolitana do Porto, com uma percentagem de 11,2 %, ou são de nacionalidade estrangeira, cerca de 11,2 %.

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

Tabela 1 – Distribuição dos cursos dos estudantes que construíram os mapas mentais

Licenciatura	N	%
Sociologia	2	11,1
História	1	5,6
Línguas, Literaturas e Culturas	3	16,7
Ciência da Informação	2	11,1
Línguas e Relações Internacionais	1	5,6
Tradução	1	5,6
Mestrado		
Sociologia	1	5,6
Estudos Africanos	1	5,6
Estudos Literários, Culturais e Interartes	1	5,6
História, Relações Internacionais e Cooperação	1	5,6
Mestrado em Ensino do Inglês e de Língua Estrangeira no 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, nas áreas de especialização de Espanhol	1	5,6
Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário	2	11,1
Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Espanhol	1	5,6
Total	18	100

Fonte: (Vidal, 2016b).

Para além destas dimensões, a leitura e interpretação dos mapas foi orientada pelos cinco elementos que Kevin Lynch (1960) aponta como organizadores mentais da cidade, a saber: caminhos/vias (*paths*), aqui entendidos como ruas ou caminhos percorridos pelos indivíduos, normalmente dotados de uma certa característica (ruas comerciais ou de serviços); limites (*edges*), que podem ser aqui entendidos como limites não administrativos, como o caso de rios, estradas ou muros, às vezes associados a barreiras simbólicas de segregação espacial; bairros (*districts*), que se caracterizam por espaços homogéneos, portadores de uma identidade própria, cultural ou social; nós (*nodes*), espaços de cruzamento, de mudança, onde o observador entra e visualiza a cidade; e, por fim, os marcos ou pontos marcantes (*landmarks*), mais concretamente, espaços singulares onde o observador não entra dada a sua aura memorável e identitária para a cidade. Revelou-se duplamente aliciente aplicar esta técnica: por um lado, a novidade e o risco associados à mesma; por outro, os resultados, verdadeiramente enriquecedores e quase mágicos de explicar e entender a cidade no seu domínio não físico.

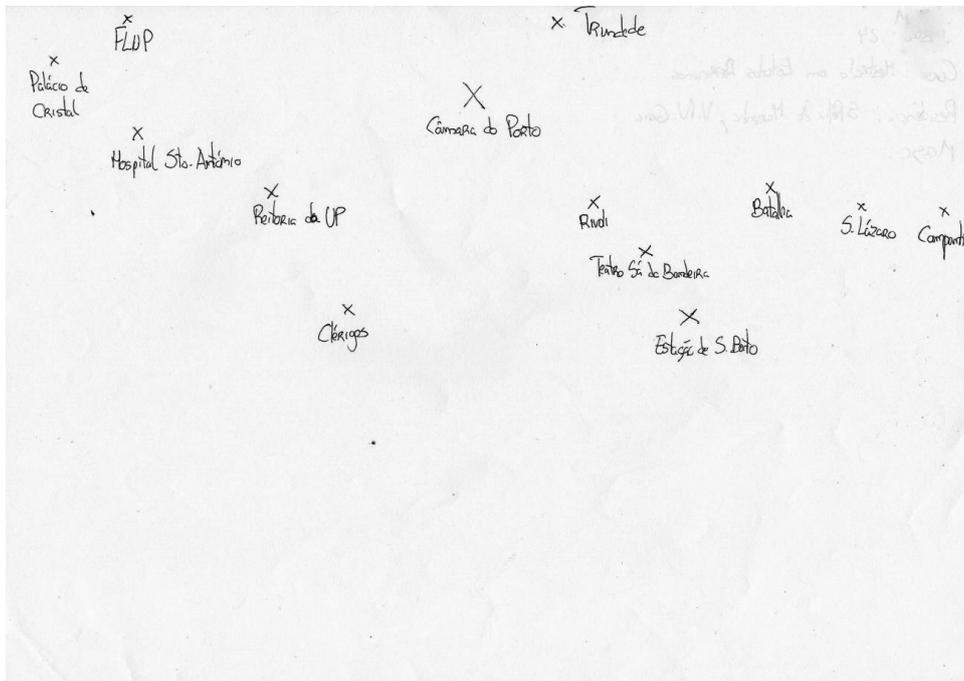
Com base na análise qualitativa realizada, a construção dos mapas mentais por parte dos estudantes possibilitou alcançar seis formas de representar a cidade que se distinguem entre si pelo grau de detalhe, noção do espaço (e sua organização) e pelos elementos referidos.

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

O Porto nos mapas mentais: uma experiência sensorial

É de referir que em grande parte dos mapas ocorre uma ausência de caminhos (*paths*), devido ao facto dos estudantes se deslocarem, durante os trajetos na cidade, munidos de aparelhos tecnológicos (como telemóveis, *tablets*, *phones*) abstraindo-os da realidade que os rodeia. A análise dos 18 mapas construídos revela seis grandes formas de ler a cidade e devido à impossibilidade de apresenta-los todos, selecionamos cinco que representam a diversidade encontrada. A noção ou organização do espaço conduz-nos ao primeiro mapa.

Figura 1 – Mapa mental número 1



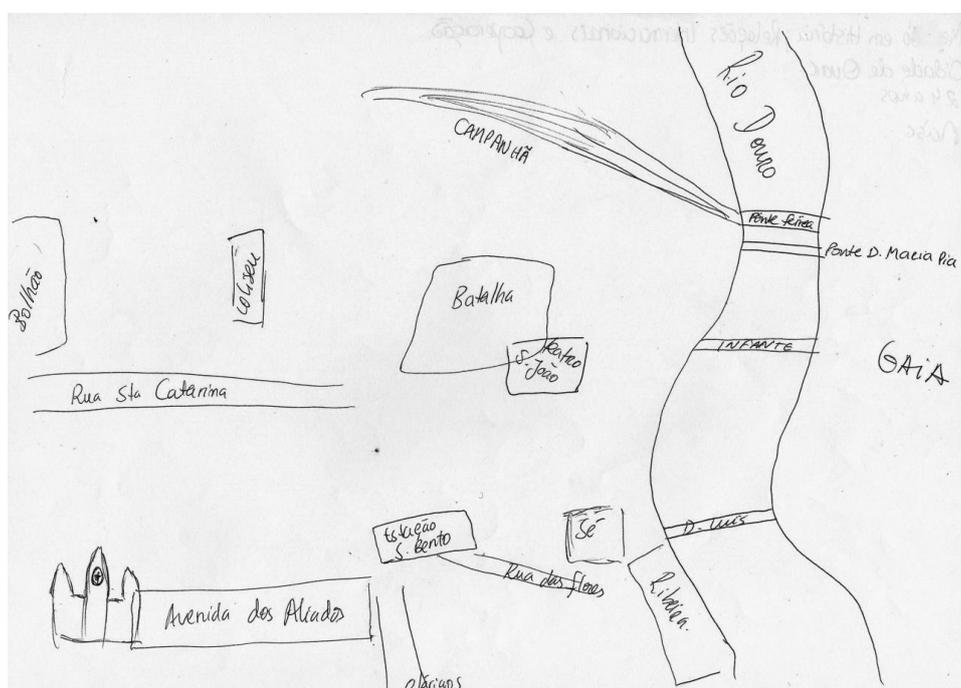
Fonte: (Vidal, 2016b)

O autor do mapa acima é um aluno com 24 anos que frequenta o Mestrado em Estudos Africanos, residente em Vila Nova de Gaia. É observável uma quase nula noção do espaço. De notar a ausência de *paths* (caminhos) mas uma preponderância significativa de marcos, como é o caso dos Clérigos, Palácio de Cristal, Estação de S. Bento, Biblioteca Municipal, Teatro Sá de Bandeira e Rivos. A orientação na cidade é ancorada nos marcos patrimoniais mediáticos que a caracterizam para o exterior. Não existe organização do espaço e os elementos mencionados

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

encontram-se dispersos e de forma desarticulada, sem ordem ou sentido entre si. Revela uma noção da cidade pouco harmoniosa e orientadora, um certo grau de desconhecimento da mesma. Apenas o centro do Porto é que se encontra representado, sendo entendido como um lugar desorganizado, disperso no espaço e desligado entre si. No mapa que se segue, Figura 2, verifica-se uma evolução da noção de espaço e de organização da cidade. É da autoria de um aluno do Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, com 24 anos, a residir em Ovar.

Figura 2 – Mapa mental número 2



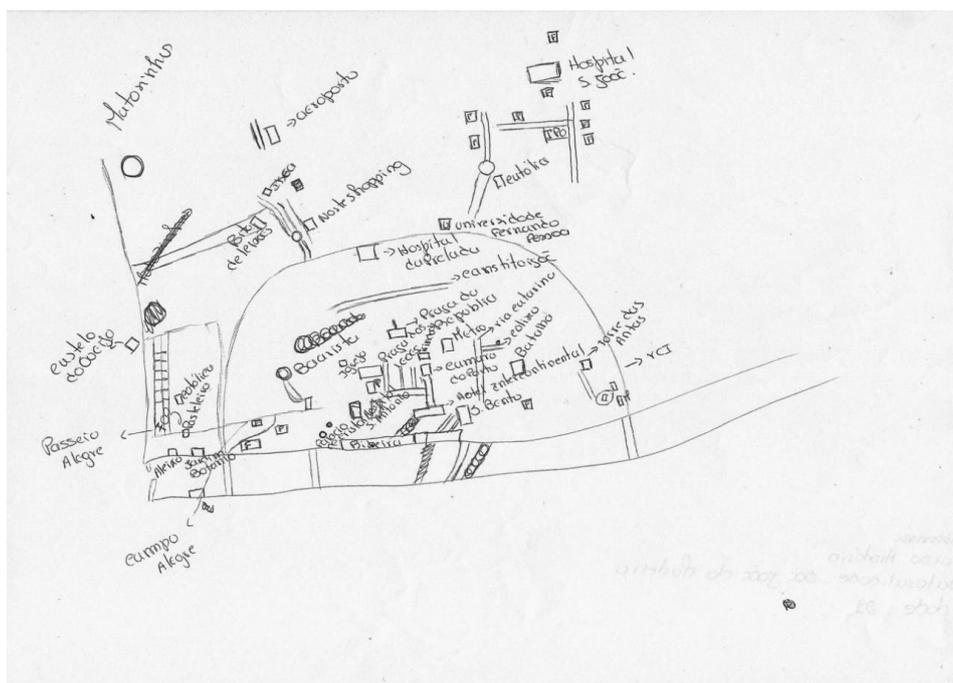
Fonte: (Vidal, 2016b).

A análise do mapa sugere-nos uma organização da cidade baseada em caminhos (*paths*) e em marcos importantes da mesma. Destacamos os Aliados e a Rua de Santa Catarina no caso dos caminhos que permitem aos indivíduos orientarem-se na cidade. Apenas esta figura dá conta de uma pequena referência a Campanhã mas aqui entendida como uma porta de entrada na cidade pois o restante mapa concentra-se, notoriamente, na zona centro e ocidental da cidade. No que se refere aos limites (*edges*) da cidade é notória a presença do rio Douro e da Margem Sul que corresponde à cidade de Vila Nova de Gaia, bem como a Campanhã. Neste sentido, a

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

cidade é entendida e organizada segundo os seus caminhos, marcos e limites. Damos conta de uma organização e ordenação do espaço mais cuidada e segura, ainda que apenas referente a uma pequena parte da cidade do Porto. A Figura 3 apresenta um mapa mental de uma estudante com 21 anos da licenciatura em História e residente em São João da Madeira.

Figura 3 – Mapa mental número 3



Fonte: (Vidal, 2016b).

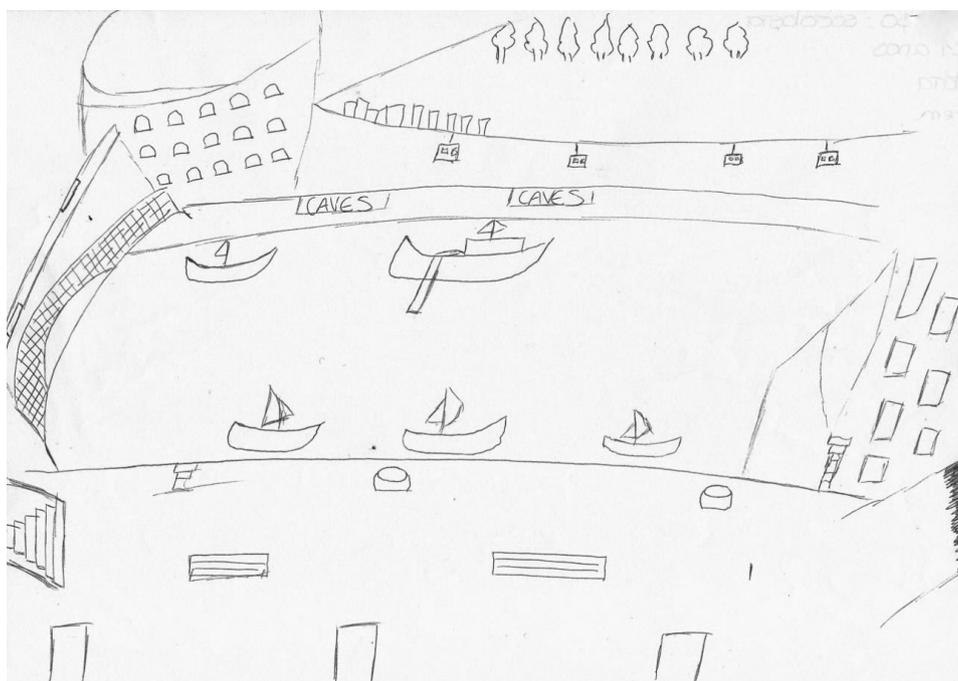
A imagem mental sobre o Porto é bastante alargada pois encontramos referências a Matosinhos. Verdadeiro é também o grau de detalhe que a estudante apresenta, evidenciando um conhecimento da cidade bastante familiar. O semicírculo que apresenta é a VCI – Via de Cintura Interna – importante elo de ligação para a cidade permitindo a sua comunicação interna, aqui entendida enquanto um nó (*node*) na tipologia de Lynch. No entanto, constata-se que em termos administrativos alguns elementos não fazem parte do Porto-cidade como é o caso do NorteShopping, Aeroporto Francisco Sá Carneiro, Porto de Leixões e Ikea. Ao nível dos caminhos (*paths*) não são referenciados mas, no entanto, os bairros (*districts*) são referidos como é o caso da Pasteleira e do Aleixo. Já em termos de marcos verificamos a referência à Torre das Antas, Câmara do Porto, Palácio de Cristal e, contrariando a regra, o Jardim Botânico e o Castelo do Queijo. O Hotel Intercontinental surge como integrante das referências

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

simbólicas da cidade, apesar de apenas ter sido inaugurado em 2011. A mobilidade encontra-se igualmente presente no mapa, entendida enquanto dimensão importante na cidade. O Metro surge representado no mapa segundo um “M” o que revela a importância deste transporte e o seu lugar no imaginário simbólico dos estudantes, sendo o cartão Andante o cartão da mobilidade do momento que assegura, para além da ligação interna entre os vários pontos da cidade, ligações com os municípios contíguos. A dimensão cultural da cidade aparece representada pelo Coliseu do Porto como marco simbólico da cidade. O que distingue este mapa dos restantes é a referência a elementos que não fazem parte do núcleo central da cidade, como é o caso do Pólo Universitário de São João e da zona da Foz, contrariando as imagens simbólicas apresentadas até então. É, desta forma, uma visão da cidade mais realista, mais concreta e, seguramente, mais administrativa, esquecendo, porém, a zona oriental da cidade.

O mapa mental seguinte (Figura 4) apresenta a imagem mental de uma estudante da licenciatura em Sociologia, com 21 anos, residente na Maia.

Figura 4 – Mapa mental número 4



Fonte: (Vidal, 2016b).

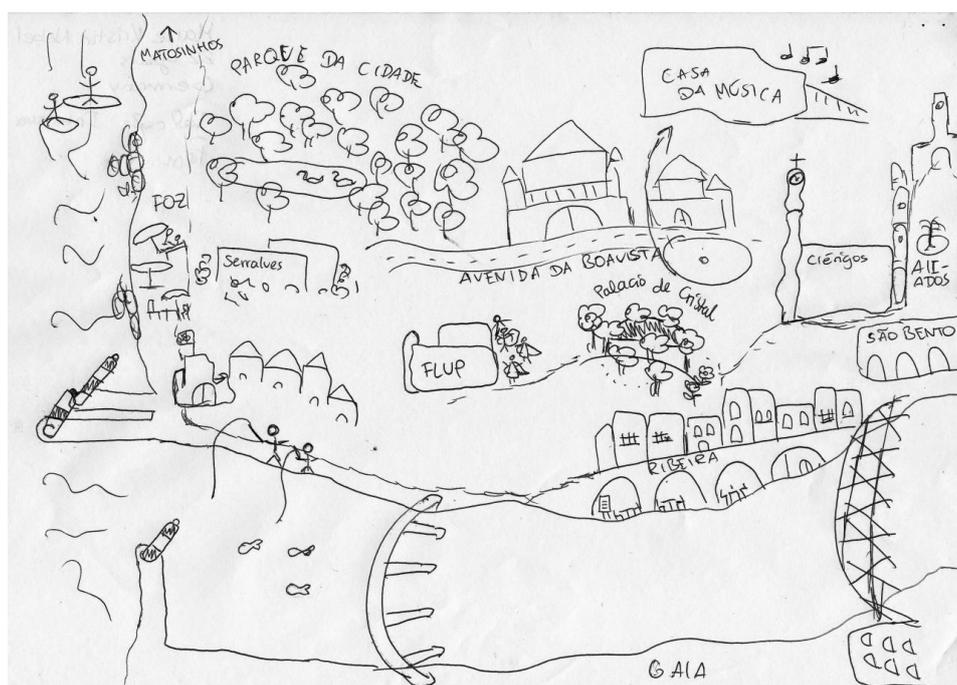
A imagem que se encontra representada não corresponde ao Porto mas sim a Vila Nova de Gaia como podemos ver relativamente às Caves do Vinho do Porto, ao teleférico e ao

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

Mosteiro da Serra do Pilar. Esta situação leva-nos a três reflexões: uma primeira que se refere à relação de proximidade entre a cidade do Porto e Vila Nova de Gaia, como cidades onde a fronteira administrativa não é visível aos olhos dos seus habitantes na medida em que a distância entre as duas margens é bastante reduzida (quando comparada com o caso de Lisboa e Almada, por exemplo); uma segunda remete-nos para o Vinho do Porto e as suas Caves, associadas de imediato à cidade do Porto, mas que se localizam na cidade de Vila Nova de Gaia; um terceiro ponto referente à imagem do Porto representada no mapa com a paisagem da cidade de Vila Nova de Gaia.

O último mapa mental (Figura 5) apresenta a cidade não somente através de desenho, mas também de escrita. É da autoria de uma estudante de 22 anos da licenciatura em Línguas e Relações Internacionais, natural da Alemanha e que se encontrava a realizar Erasmus.

Figura 5 – Mapa mental número 5



Fonte: (Vidal, 2016b).

O grau de pormenor e a capacidade sensorial e multivocal que o mapa nos apresenta convidam a que nos deixemos perder nele. Os espaços dominantes do mapa correspondem a espaços de lazer da zona ocidental da cidade do Porto, como é o caso de Serralves, Parque da

Cidade e, curiosamente pela primeira vez referido, a praia da zona da Foz. A referência à praia apenas ocorreu num mapa mental de uma estudante não portuguesa. Outros elementos interessantes devem-se, em parte, à referência à Casa da Música como espaço cultural e musical aqui representado com as notas musicais. Também a própria FLUP representada pelos “estudantes trajados”³ exemplifica a tradição e a importância da mesma no imaginário simbólico do Porto. No que diz respeito aos caminhos (*paths*), apenas encontramos referência à Avenida da Boavista como elo de ligação do centro à Foz. Em relação a marcos da cidade vemos a Estação de São Bento, a Ribeira (bairro/*districts*), o Palácio de Cristal – representado pelos seus jardins e não pelo edifício -, a Torre dos Clérigos e os Aliados. Em relação aos limites destacamos o rio Douro e as duas pontes – Arrábida (esquerda) e D. Luíz (direita) – e o parque da cidade a dividir a cidade do Porto e Matosinhos. Este mapa contribui para uma cidade marcada pelo percurso de uma estudante Erasmus, que se desloca nos espaços próximos da FLUP, relacionando-se com a cidade de uma forma intensa para alguém que não é residente na mesma. Corrobora a ideia de que conhecer a cidade é saber perder-nos nela pois só assim é possível conhecer os seus sentidos e experienciar as emoções que a mesma desperta.

A análise dos mapas mentais sugere um conjunto de elementos que importa refletir. A diversidade de cursos e de origens dos estudantes coincide com leituras plurais sobre a cidade do Porto. Se por um lado os mapas mentais da cidade revelam esta diversidade, por outro aproximam-se em vários pontos. A desorganização da imagem mental da cidade do Porto, características dos primeiros mapas (Figura 1 e Figura 2), possibilita que se estabeleça uma ligação com o que Carlos Fortuna refere como “microcosmos sonoro” (Fortuna, 1998) para o espaço público. Esta situação é visível no desligamento por parte dos indivíduos do próprio percurso que traçam, fruto do seu carácter rotineiro ou simplesmente por estarem conectados à dimensão virtual, resultando num desconhecimento da cidade, dos seus elementos e dos seus percursos. Esta situação assemelha-se a um “piloto-automático” em que o percurso que traçamos não carece de orientação pois já está automatizado. Quando isto ocorre estamos também perante a atitude *blasé*, ficando indiferentes ao que nos rodeia. Além deste resultado, é visível que da cidade representada, na generalidade dos mapas, fazem somente parte elementos localizados na zona central e ocidental (Figura 3, Figura 4 e Figura 5). A zona oriental da cidade continua esquecida, quase como de costas voltadas para o resto da cidade, desligada ou desconectada. Traz ao debate a necessidade de diversificar a oferta cultural, artística, laboral e

³ O traje académico é um elemento identificativo do estudante português que simboliza o facto de frequentar o ensino universitário. É composto por uma capa, fato, gravata e sapatos pretos, sendo a camisa o único elemento branco.

social da zona oriental do Porto, de redobrar esforços conjuntos entre instituições que resulte no dinamismo deste espaço e na sua atratividade.

A divisão física e administrativa da cidade acaba também por se esbater nos mapas mentais dos estudantes. A cidade do Porto vê os seus limites serem estendidos no espaço, abraçando os municípios contíguos e trazendo, para o seu campo representacional, elementos externos à cidade. Por fim, é também relevante para o desenvolvimento desta investigação o grau de pormenor que os estudantes estrangeiros possuem sobre a cidade. Ainda que apenas esteja representado um mapa cuja autoria é de nacionalidade estrangeira (Figura 5), um outro mapa integrado e analisado na dissertação de mestrado a partir da qual este artigo se desenvolve (Vidal, 2016b: 74) está alinhado com o grau de pormenor daquele. Apesar de não ser possível generalizar para outros estudantes com as mesmas características, a verdade é que a análise qualitativa, de carácter exploratório, sugere que os estudantes não residentes no Porto ou de nacionalidade estrangeira perdem-se na cidade, o que possibilita que conheçam os seus percursos mais e menos oficiais, por vezes diferentes dos que constam nos guias e roteiros turísticos massificados. Já Carlos Fortuna (1998) referia esta necessidade, de nos perder para que assim fosse possível conhecer, desconstruir e, no fim, representar o mosaico da cidade, tal como ele conheceu a cidade de Nova Iorque pela mão de um invisual (Anísio Correia).

De forma a aglutinar toda a discussão feita até ao momento, os mapas mentais revelam vários “Portos” e que estes variam conforme a nossa origem e formação. Mas, na verdade, o Porto continua a ser um espaço dual, moldado por espaços distintos, uns mais nobres (ocidental), outros mais turísticos (central) e alguns esquecidos (oriental). Importa que se continue a refletir e a repensar sobre esta temática de modo a que se consiga redesenhar políticas de atratividade para as populações e para as camadas mais jovens. Políticas que vão para além do quesito turístico. O Porto também deve ser para os que nele residem e que o configuram enquanto cidade.

Conclusões

Alicerçados nos contributos de Carlos Fortuna sobre as suas interpretações da cidade, “perder-se na cidade” de Walter Benjamin (2001), na sensibilidade de Simmel e na capacidade *descristalizadora* de Paulo Peixoto e Carlos Fortuna (2000) sobre as imagens da cidade, percebemos que a cidade e o seu universo simbólico se encontram carregados de símbolos e representações. Como Burmester nos diz, “Perceber é conhecer através dos sentidos. Perceber o

espaço em que vivemos faz-nos compreender a melhor forma de nele intervir.” (Burmester, 2010:1) e os mapas mentais evidenciam essa mesma capitalização dos seus sentidos. O Porto é uma cidade que convida a passear nas suas ruas, a conviver em espaços de fruição, de cultura e de lazer. Os mapas mentais analisados sugerem que a cidade líquida de Paulo Cunha e Silva se fez e faz cumprir atraindo os estudantes a usufruir dos seus espaços. Os mapas mentais mostraram que a zona de residência dos inquiridos e a zona onde se encontra a FLUP moldam a forma como os mesmos recriam a cidade no seu imaginário simbólico. Principalmente o local onde a FLUP se encontra permite um contato muito próximo com zonas envolventes sendo que as mesmas foram referenciadas nos mapas na sua maioria, sendo a paisagem dominante o território que compreende a Baixa e a zona do Campo Alegre. A primeira por ser um espaço de lazer e central onde muitos estudantes iniciam o seu percurso de autocarro ou metro com destino à faculdade. A própria atividade praxista, referida por alguns, leva a que a zona envolvente da faculdade seja explorada e daí advém a referência a espaços próximos como o caso da rua da Torrinha. Mas também é notório que nos mapas elaborados pelos estudantes Erasmus ou pelos que residem na Faculdade de Letras, o grau de pormenor aumenta igualmente em espaços circundantes à mesma. Ainda ao nível dos mapas mentais destacamos o valioso contributo em que se tornaram, desconstruindo os receios e dúvidas que antecederam a sua aplicação. Foi através dos mesmos que conseguimos ler a cidade aos olhos dos estudantes, através das suas lentes interpretativas da mesma. Olhares diferentes que variam consoante algumas variáveis, sendo as mais determinantes o curso e a residência, não havendo diferenças segundo o sexo.

O Porto é uma cidade com uma facilidade de *imaginabilidade* poderosa pois os espaços próprios e característicos como a Casa da Música, a Estação de São Bento e a Ribeira assim o permitem. É também passível de *legibilidade* pois verifica-se que existe uma capacidade de organização do espaço da cidade na maioria dos mapas através da orientação a partir de pontos estratégicos. É, por si só, um Porto que se multiplica em vários Portos. E se assim é, deve-se ao facto de a cidade se construir simbolicamente por elementos referenciais para os indivíduos. Contudo, temos de ter em linha de conta que muito ficou por fazer, abrindo pistas para um estudo mais alargado e possivelmente comparativo, por exemplo com as representações de elementos da comunidade académica pertencentes a outras Faculdades da Universidade do Porto e outras Universidades da cidade. O que esta investigação evidenciou é que os estudantes são um poderoso meio para a conhecer, pois a sua heterogeneidade revela-se em diferentes formas de representação da mesma.

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

O Porto, enquanto entidade viva, não se esgota e novas interpretações sobre a sua dimensão simbólica são necessárias para um conhecimento mais aprofundado sobre as imagens e representações da cidade e das situações de dualidade que parecem continuar a persistir.

Referências Bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles (1997), *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BENJAMIN, Walter (2001), “Paris, capital do século XIX”, in Carlos Fortuna, (org), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 67-82.
- BURMESTER, Alexandre (2010), “Mapa Sensorial do Porto”, *a Baixa do Porto* [Consult. a 7.10.2017]. Disponível em: <http://portoantigo.taf.net/dp/node/6578>
- CLETO, Joel (2016), “Lendas numa cidade líquida”, *O Tripeiro*, 7ª série, 1, pp. 20-22.
- FORTUNA, Carlos (1998), “Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos.”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51, pp. 21-41.
- FORTUNA, Carlos; PEIXOTO, Paulo (2000), “As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas”, Atas do IV congresso português de sociologia, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. pp. 1-22, [Consult. 8.10.2017]. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462deae230d68_1.PDF
- FORTUNA, Carlos (2001), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editores.
- FRISBY, David (1992), *Sociological Impressionism: A Reassessment of Georg Simmel's Social Theory*, Londres, Routledge.
- GARFINKEL, Harold (1984), *Studies in Ethnomethodology*, Cambridge England: Polity Press.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm (2006), *The Discovery of Grounded Theory. Strategies for Qualitative Research*, United States of America, Aldine Transaction.
- HALBWACHS, Maurice (1992), *On Collective Memory*, Chicago, University Chicago Press.
- LEAL, Filipa (2006), *Cidade Líquida e Outras Texturas*, Porto, Deriva.

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

LOPES, João Teixeira (2007), “Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público.”, *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XVII/XVIII, 1, pp. 69-80.

LOWENTHAL, David (1989), *The Past is a Foreign Country*, Cambridge, Cambridge University Press.

LYNCH, Kevin (1960), *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70.

NORA, Pierre (1993), “Entre memória e história: a problemática dos lugares”, *Projeto História*, 10, pp. 7-28.

ROUANET, Sérgio Paulo (1992), “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”, *Revista USP. Dossiê Walter Benjamin*, vol.1, 15, pp. 49 -75.

SANTOS, Ana Luísa (2017), “Porto considerado melhor destino europeu de 2017”, *Evasões*, [Consult. a 30.04.2018]. Disponível em <https://www.evasoes.pt/noticias/porto-considerado-melhor-destino-europeu-de-2017/>

SIMMEL, George (2001[1903]), “A metrópole e a vida do espírito”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editora.

VIDAL, Diogo Guedes (2015), “Sons da cidade – uma revisão das paisagens sonoras de Carlos Fortuna”, *Plataforma Barómetro Social*, [Consult. a 1.11.2017]. Disponível em <http://barometro.com.pt/archives/1409>.

- (2016a), “Deambulando pelo Porto: notas introdutórias para uma Sociologia do Quotidiano.”, *Revista Café com Sociologia*, vol.5, 1, pp. 7-10, [Consult. a 25.10.2017]. Disponível em <http://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/512>

- (2016b), “Um Porto em Cada Nós: Imagens, Representações, Semânticas e Memórias da Cidade”, *Dissertação de Mestrado em Sociologia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [Consult. 25.9.2017]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84603/2/138698.pdf>

- (2017), “O Porto visto da FLUP: pistas para um conhecimento das imagens, representações, semânticas e memórias dos estudantes”, *IS Working Papers*, 3ª série, 56, pp. 1-17, [Consult. 16.10.2017]. Disponível em <http://isociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/WP%2056.pdf>

VIDAL, Diogo Guedes (2018), “A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 33- 53.

Diogo Guedes Vidal. Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde (FP-ENAS) (Porto, Portugal). Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal). Morada de correspondência: Praça 9 de Abril, 349, 4249-004 Porto, Portugal. Email: diogovidal@ufp.edu.pt

Artigo recebido em 20 de fevereiro de 2018. Publicação aprovada em 10 de julho de 2018

La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*

Ricardo Klein

Facultad de Ciencias Sociales. Universidad de la República

Resumen

Este artículo plantea una discusión entre la ciudad y el turismo a partir de diferentes iniciativas que se realizan con la gestión del *street art*. En este sentido, uno de los objetivos centrales es analizar cómo esta práctica artística urbana es utilizada como medio turístico y en la revalorización de la ciudad, sea éste con sentido comunitario o de gentrificación. Por ejemplo, creando circuitos de arte callejero o fortaleciendo el sentido de pertenencia barrial. Para el marco analítico se aplicó la técnica de observación participante y se realizaron varias rutas de *street art* en ciudades como Barcelona, Berlín, Porto, Montevideo y Lima. Por último, se trabajó con un acervo de 22 mil fotografías realizadas *in situ* en diferentes ciudades latinoamericanas y europeas.

Palabras claves: ciudad; turismo; gestión del *street art*.

A cidade e o turismo. Experiências de gestão da street art

Resumo

Este artigo propõe uma discussão entre a cidade e o turismo com base em diferentes iniciativas que são realizadas com o gerenciamento de *street art*. Nesse sentido, um dos objetivos centrais é analisar como essa prática artística urbana é usada como meio de turismo e na revalorização da cidade, seja sentido comunitário ou gentrificação. Por exemplo, criando circuitos de arte de rua ou fortalecendo o sentido de pertença del bairro. Para o quadro analítico, foi aplicada a técnica de observação participante e várias rotas de *street art* foram realizadas em cidades como Barcelona, Berlim, Porto, Montevideú e Lima. Finalmente, trabalhamos com uma coleção de 22 mil fotografias feitas *in situ* em diferentes cidades latino-americanas e europeias.

Palavras-Chave: cidade; turismo; gestão de *street art*

City and tourism. Experiences from the management of street art

Abstract

This article proposes a discussion between the city and tourism based on different initiatives of *street art* management. In this sense, one of the central objectives is to analyze how this urban artistic practice is used as a means of tourism and of revalorization of the city, be it community sense or gentrification. For example, creating circuits of *street art* or strengthening the sense of territorial / neighborhood belonging of its inhabitants. For the analytical framework, the participant observation technique was applied and several street art routes were carried out in cities such as Barcelona, Berlin, Porto, Montevideo and Lima. Finally, we worked with a collection of 22 thousand photographs made in situ in different Latin American and European cities.

Keywords: city; tourism; management of street art.

La ville et le tourisme. Expériences de la gestion de street art

Résumé

Cet article propose une discussion entre la ville et le tourisme basée sur différentes initiatives réalisées avec la gestion de *street art*. En ce sens, l'un des objectifs centraux est d'analyser comment cette pratique artistique urbaine est utilisée comme moyen de tourisme et de revalorisation de la ville, qu'il s'agisse du sens communautaire ou de l'embourgeoisement. Par exemple, en créant des circuits de *street art* ou renforçant le sentiment d'appartenance de voisinage de ses habitants. Pour le cadre analytique, la technique d'observation participante a été appliquée et plusieurs itinéraires de street art ont été réalisés dans des villes telles que Barcelone, Berlin, Porto, Montevideo et Lima. Finalement, nous avons travaillé avec une collection de 22 mille photographies réalisées in situ dans différentes villes d'Amérique latine et d'Europe.

Mots-clés: ville; tourisme; gestion de *street art*.

1. Introducción

Este artículo expone y discute la relación entre la ciudad y el turismo a partir de diferentes iniciativas de gestión del *street art*. Se concibe actualmente el arte en el espacio público como una experiencia (sensorial, material, simbólica, política) que asume nuevos protagonismos y oportunidades para la administración pública, el sector privado y la sociedad civil organizada. En esta nueva coyuntura, expresiones callejeras como el arte urbano se reconfiguran de sus definiciones originarias ampliando sus particularidades hacia un marco también más instrumental y de mercado.

En este sentido, uno de los objetivos centrales del presente artículo es analizar el uso que trae aparejada la gestión del *street art* como un medio de atractivo turístico, y posibles consecuencias subyacentes a la revalorización del territorio. Se argumenta que estos nuevos

arreglos favorecen a la creación de rutas del *street art*, dinamizando las economías locales y valorizando estas expresiones artísticas.

De la misma manera, el artículo profundiza sobre cómo estas experiencias de gestión del arte callejero se manifiestan en la comunidad local. La atracción turística con mirada comunitaria fortalece y dignifica el territorio local (un barrio, una calle o un complejo de viviendas, por ejemplo), en muchos casos posicionándose en confrontación a procesos de gentrificación y/o turistificación. A su vez, a modo complementario a estas formas de gestión en el territorio, también surgen otros proyectos donde el turismo y la ciudad se benefician, tales como festivales urbanos de grafiti y *street art*.

2. Metodología aplicada

Para el presente análisis se tomó una perspectiva metodológica cualitativa, entendiendo metodología en su sentido más amplio. Se aplicó, como técnica de recolección de información, el uso de fuentes secundarias. Para ello se analizaron *documentos visuales* (Valles, 1999: 121) como fotografías y registros audiovisuales (Ciudad González, 2011). Fueron dos los criterios para la recogida de material: i) registros fotográficos realizados por el propio investigador *in situ* en las ciudades seleccionadas, y ii) material documental obtenido en páginas especializadas con vinculación a las áreas del grafiti y el *street art*.

Durante el trabajo de campo se realizaron registros fotográficos y audiovisuales de intervenciones del grafiti y el *street art*. Actualmente, son 22 mil las fotografías realizadas *in situ* en ciudades latinoamericanas (Buenos Aires, Lima, Montevideo) y europeas (Ámsterdam, Barcelona, Berlín, Lisboa, Londres, Madrid, París, Porto), consideradas todas ellas centrales en la producción de arte callejero. Se hicieron registros específicos de obras de grafiti y *street art*, así como también se delimitaron espacios territoriales locales de las ciudades elegidas.

Por último, se aplicó también la técnica de observación (Blanchet y Massonnat, 1989) para el recogimiento de información analítica. Sobre la pertinencia del uso de la observación participante (en un sentido genérico) se tomó en cuenta la perspectiva de Jorgensen (Valles, 1999: 147-148). De la misma manera, se realizaron múltiples recorridos territoriales, diurnos y nocturnos, para el reconocimiento de intervenciones (como de concentración de producción) provenientes de grafiti y el *street art* de las ciudades mencionadas. Para la construcción de las dimensiones de observación se tuvo en cuenta el contexto físico, el contexto social, las interacciones informales y las interpretaciones de los actores sociales (Corbetta, 2007: 319-322)

3. Contextualización

Como punto de partida se sostiene que es indisoluble la relación entre el grafiti y *street art* con la ciudad y el espacio público. En su origen el grafiti nace como parte de un proceso urbano ampliado sumamente dinámico y veloz. Su rápida expansión en Nueva York, entre finales de los años 60’ y primeros años de los 70’ del siglo XX, fue una de sus características sobresalientes (Chang, 2014). El grafiti surgió como expresión de los jóvenes habitantes de los suburbios segregados, población latina (puertorriqueña, cubana y dominicana) y población afrodescendiente, y fue acompañado por las tensiones sociales existentes en esos territorios. En sus inicios, daba cuenta de minorías marginadas en los centros urbanos donde el alto índice de desempleo o la crisis industrial estaban presentes. Los jóvenes escritores grafiteros instituían su radical descontento con lo establecido, y la calle comenzó a ser un espacio alternativo de expresión y resistencia de estas nuevas generaciones. En un mundo al que sentían y creían les era hostil, y fue a través de estas prácticas que “negaron la segregación de sus barrios al transformarse en artistas de la calle” (López, 1998: 184), formando parte (seguramente de manera no esperada) de un movimiento contracultural de la hegemonía imperante, considerados posiblemente como *desviados* (Becker, 2009: 4).

A partir del desarrollo de la práctica, y a lo largo de los años, el *subway muralist* llama la atención de dueños de galerías, críticos y compradores de Nueva York generando un interés desde el mercado artístico. Son dos los momentos de inflexión en este sentido, el primero a finales de 1972 (sin mucho éxito) y el segundo a inicios de los años 80’. Es aquí cuando surgen las primeras galerías que expondrán obras de artistas del grafiti tales como Jean Michel Basquiat (en este caso, discutido en cuanto a su verdadera relación con esta expresión) y Keith Haring. Hacia fines de los años 70’, nace el período pos grafiti en el entorno del arte académico y de artistas provenientes de las industrias creativas, tales como el diseño o la fotografía. En esta etapa se sintetiza en un momento histórico la corriente originaria, el grafiti, junto con la nueva escena que estaba naciendo, el *street art*.

Actualmente la producción de arte callejero como alternativa artística de innovación cultural en contextos urbanos, sean estos locales o globales, provoca y genera tensiones entre sus artífices (grafiteros y artistas de *street art*) con otros actores que forman parte de la escena de la ciudad, tales como la administración pública. A partir de estas dinámicas se va construyendo en simultáneo un espacio de tensiones y cercanías. Por ejemplo, el propio universo social del arte callejero va constituyendo un campo creativo para asociarse y alcanzar procesos deseados en cuanto a la evolución y maduración de su práctica. Estas dinámicas de creatividad urbana (Cohendet *et al*, 2011) desemboca, muchas de las veces, en políticas

asociadas a la innovación y a la aportación de industrias creativas como el diseño y el turismo. Esta combinación aparece -y cada día es mayor su visibilidad- en productos que sintetizan acuerdos entre las prácticas (individuales y colectivas) del grafiti y *street art* en un marco de gobernanza cultural. Estas escenas locales (Blum, 2001) son en parte producto de prácticas artísticas valorizadas, fruto de diferentes procesos que cada ciudad estructura a nivel social, cultural y económico.

4. Ciudad, turismo y gestión del *street art*

La importancia del turismo para algunas ciudades del mundo es innegable, convirtiéndose en uno de los motores principales de su economía. Por ejemplo, en el contexto europeo, Londres o Barcelona ocupan los primeros lugares en la lista de ciudades donde los turistas extranjeros en 2016 gastaron más dinero. En la capital británica, sumando el aporte extranjero y el nacional, el turismo contribuyó en más de 22.000 millones de euros y 228.000 empleos para dicha ciudad¹.

En Barcelona, mencionando el otro ejemplo, el desarrollo exacerbado de las políticas del turismo es fuertemente cuestionado desde hace años, sobre todo en lo que refiere a la saturación de turistas en determinados lugares de la ciudad, como los cascos históricos, las playas (en verano) o en las visitas a su arquitectura patrimonial o referente (época modernista, Gaudí, etc.). El actual modelo de masificación turística es criticado por parte de la academia y la sociedad civil organizada, generando lo que algunos llaman turistificación (Burgold *et al.*, 2013; Cabrerizo *et al.*, 2016). Es allí donde la ciudad es un espacio de construcción permanente, de interacciones sociales con intereses planteados, y en muchos casos, contradictorios; y es en ella donde debe ejercitarse el derecho a la ciudad (Borja, 2003; Iveson, 2013). Para legitimar un espacio público compartido para todos sus habitantes debe garantizarse la diversidad de funciones y de usuarios, aunque no siempre su uso esté igualmente garantizado para todos. A partir de estas interrupciones, es en el territorio local, y en el uso del espacio público, donde se abren posibilidades reales de intercambios con la comunidad hacia la generación de lugares de convivencia y sociabilidad.

El intento por plantear un modelo de ciudad deriva en consecuencias que ponen en alerta externalidades no deseadas para el tejido social de la ciudadanía. Por ejemplo, el llamado *modelo Barcelona* es difuso en sus fines y motivaciones (Delgado, 2007), donde los márgenes

¹<http://www.lavanguardia.com/ocio/viajes/20171113/432861214088/londres-estambul-barcelona-ciudades-turistas-gastan-mas.html>

para convertirse en una ciudad como producto de consumo y con una inclusión social y multicultural se basan muchas de las veces en intersecciones de tensión más que en políticas de acuerdos.

Es también en estas ciudades europeas donde la presencia del arte callejero es notoria y el aporte al turismo resulta una dimensión importante. Hacia mediados del 2000, considerando la resignificación que se le atribuyó al arte callejero como expresión valorizada en el espacio público, se produce un desplazamiento con fuerte atracción turística tanto en zonas más periféricas de la ciudad (Klein, 2016) como en los centros antiguos de ciudades como Berlín, Lisboa o Barcelona. Ejemplo de periferia territorial reconvertida en centro de interés artístico y turístico es el caso del Poblenou en Barcelona, con la creación de distritos culturales (Chapple *et al*, 2010), de espacios -o fábricas- artísticas, tales como La Escocesa, Hangar o NauArt. En general, estos lugares se nuclean, junto a muchos otros más, en Poblenou Urban District, proyecto territorial creado para consolidar un conglomerado de individuos, grupos e instituciones con iniciativas de carácter creativo e innovador y con captación de turismo diversificado.

Ilustración 1 - La Escocesa (Barcelona, 2014).



© Ricardo Klein

El consumo turístico que hace foco en expresiones artísticas como el arte callejero, entendiéndose como una expresión de turismo cultural, se erige como un tipo de turismo alternativo cuyo objetivo más amplio encierra una comercialización del arte y la cultura. En este sentido, surge un nuevo mercado turístico hacia la consecución de bienes y servicios hasta hace

poco desconocidos. Las dinámicas propias de la sociedad de consumo (García Canclini, 1995) obliga al surgimiento de nuevas necesidades con vías a compensar un mercado siempre insatisfecho. Como ya visualizaba Santana Talavera desde los primeros años del presente siglo:

Desde finales de la década de los ochenta asistimos a la aparición en cascada de multitud de 'nuevos turismos', propiciados en su conjunto por las nuevas condiciones y exigencias del mercado, esto es, competitividad, flexibilidad y segmentación (Santana Talavera, 2003: 34)

Entre otras múltiples posibilidades, el turismo cultural buscará atraer a personas interesadas en vivir una experiencia cultural multidimensional (Judd, 2003) como andar por una ruta de galerías de arte, transitar la ciudad y su arquitectura, o disfrutar de lugares históricos (Santana Talavera, 2003). Pero también, el turismo moderno ya no está centrado en la asistencia a museos o a visitar sitios de interés patrimonial, sino que también coloca su mira en la escena urbana o, más precisamente, en alguna versión de la escena urbana adecuada para el turismo (Sassen, Roost, 1999).

Las nuevas experiencias resaltan la capacidad del turismo para reinventarse a través de acciones que transgreden y hacen porosas las fronteras entre lo ordinario y lo extraordinario, exponiendo destinos alternativos. Como sostienen Condevaux, Djament-Tran y Maria Gravari-Barbas (Condevaux *et al*: 2016):

La evolución de las prácticas turísticas tiende a poner en cuestión la oposición entre lugares turísticos y lugares no turísticos: algunos lugares turísticos se convierten en lugares ordinarios, mientras que, al contrario, ciertos lugares ordinarios se convierten en lugares turísticos. (Condevaux *et al*, s/p)

Este tipo de turismo alternativo, con miras al consumo de arte callejero en el espacio público, se plantea hacia la consecución de vivir algo *diferente* en la ciudad, una experiencia más "real" e intransferible, dentro de una lógica de vida cotidiana novedosa para los turistas no familiarizados con el grafiti o el *street art*. Esta cultura urbana, que nace del *underground* periférico y delictivo, posibilita reconfigurar de manera atemperada su sentido radical a través de un turismo cultural, amigable y comercial. La satisfacción de los turistas por visitar murales o diferentes obras de grafiti ilegal, muchas de las veces, incluso, ubicadas en territorios en conflicto, zonas rojas, vacíos urbanos, barrios segregados, etc. ensancha el tipo de experiencia "auténtica" por aquellos que buscan ser parte de una práctica marginal, pero dentro de un marco controlado y seguro.

Como ejemplo, la ciudad de Londres podría ser mencionada como una de las primeras vidrieras del *street art* en Europa, en parte, gracias al éxito comercial y de institucionalización

de la producción artística que han tenido personajes como Banksy. Estas fórmulas atraen público y generan un destino turístico de nuevas dimensiones. Uno de los puntos de atracción es la búsqueda por alcanzar diálogos con hacedores de todas partes del mundo que consumen este tipo de formatos culturales. Ejemplo de ello fue el proyecto *Dismaland*, en 2015. A poco menos de 200 km de distancia con la capital inglesa, cerca de Bristol, se construyó un parque temático efímero donde colaboraron reconocidos artistas de prestigio internacional como Jimmy Cauty, Jenny Holzer y Damien Hirst. En este tipo de iniciativas, la síntesis entre bellas artes y arte callejero contribuye como mecanismo que opera en pos de una afluencia turística interesada en vivenciar más directamente este tipo de prácticas en el espacio público. No es casual que uno de los sectores que más ha impulsado la promoción y valoración de arte callejero a inicios del 2000 en Europa hayan sido instituciones como la Tate Modern Gallery de Londres, tradicionalmente vinculantes al sector de las artes visuales pero proponiendo nuevos espacios a exponentes emergentes del campo de las artes visuales contemporáneas. Esta primera muestra, en 2008, tuvo repercusión internacional, apostando a un nuevo tipo de visitante, pero también a un turismo más convencional ávido de propuestas culturales creativas e innovadoras. Los artistas urbanos que intervinieron la fachada de la Tate Modern Gallery ya tenían un reconocido prestigio, con una extensa trayectoria en la producción de arte urbano y con una proyección profesional que se iba consolidando en ese momento (Urda Peña, 2016).

De la misma manera, Berlín también ha llamado la atención de artistas callejeros (locales e internacionales) para producir obra, sobre todo a partir de fines de los años 80', seducidos por la caída del Muro, la reunificación de la ciudad y la alta cantidad de edificios abandonados, espejo de una ciudad que daba inicio a un proceso de reinserción al mercado mundial. Por ejemplo, la zona de Friedrichshain-Kreuzberg es un lugar de fusión para el grafiti y *street art*, y como llamamiento turístico. Con la caída del Muro, este distrito obrero inicia un proceso intermedio de transformación con la llegada de población artista y (neo) bohemia (Lloyd, 2010), así como del movimiento okupa (Soysal, 2009).

Para este caso, como se observa en las fotografías, en ese recinto postindustrial ubicado en el corazón del distrito de Friedrichshain se encuentra una galería de prestigio internacional dedicada al grafiti y *street art*, presentando y valorizando las mismas expresiones como culturas urbanas o arte urbano contemporáneo. Además proponen a todos aquellos que la visiten diferentes exposiciones, residencias artísticas, workshops, conciertos de música, una tienda de arte y una gran cervecería con jardín privado (Biergarten). En el mismo lugar, de más de 70.000 metros cuadrados, conviven y se encuentran una feria alternativa de vestimenta y alimentación, un *skate park*, fiestas *raves* e incluso instalaciones que son utilizadas con fines de vivienda por población okupa.

Ilustración 2 - Urban Spree Gallery & Biergarten (Berlin-Friedrichshain, 2015)



© Ricardo Klein

En el contexto latinoamericano, varias son las ciudades que dialogan fuertemente entre el desarrollo y la presencia de grafiti y *street art* y el turismo. En un inicio, estas prácticas estaban muy vinculadas a procesos cercanos al activismo político, de movimientos estudiantiles y grupos de izquierda, como el caso de la ciudad de Bogotá a inicios de la década de 70'. O lo que pasó en San Pablo, una de las ciudades más importantes en la actualidad (por su cantidad y su calidad de arte callejero), con la creación de la técnica del *pixação* (Do Rio Caldeira, 2012). Valparaíso y Santiago de Chile son otras dos ciudades latinoamericanas de referencia en un marco de importantes procesos comunitarios, la atracción turística y la valorización del patrimonio. En la primera, es constante la tensión entre el sector patrimonial y los que desarrollan el “grafiti vandálico”. El área histórica de Valparaíso fue inscrita en la Lista del Patrimonio Mundial en 2003, considerada como un exponente de lo que significó el desarrollo urbano y arquitectónico en Latinoamérica a finales del siglo XIX. Así como las escaleras intervenidas que llevan a los altos de la ciudad son reconocidas a nivel internacional, la línea del muralismo o neomuralismo que allí se ha desarrollado también goza de prestigio. Una muestra destacada de ello es el proyecto “Museo a Cielo Abierto”. Si bien sus artistas provienen, por lo general, de las Bellas Artes, estas iniciativas dieron posibilidad a otras formas de gestión similares, tales como el Museo a Cielo Abierto San Miguel en Santiago de Chile, donde se incorporan artistas provenientes originariamente del grafiti y el *street art* callejero.

El patrimonio y los procesos de patrimonialización juegan un papel importante con

relación al arte callejero y el turismo. Y para ejemplificarlo expondremos el caso de Lima, en Perú. En los últimos años, esta ciudad recorre un momento transición con respecto a las prácticas del grafiti y el *street art* y a las oportunidades que las mismas transfieren a la ciudad en términos de autenticidad, valorización del territorio, atractivo turístico, etc. En el año 2015, la zona histórica de la ciudad se vio transfigurada por decisiones de la actual gestión de la municipalidad limeña, ordenando la eliminación de muros intervenidos en aquel lugar. Allí se han perdido obras de artistas relevantes que han dado a la ciudad un reconocimiento internacional por sus intervenciones, en muchos de los casos funcionando también como una atracción turística en el espacio público. Según Luis Castañeda, alcalde Metropolitano de Lima, se decidió tapar la gran mayoría de murales allí presentes como forma de preservar y cuidar el valor patrimonial de la ciudad, considerada Patrimonio de la Humanidad por UNESCO. Según se mencionó, los únicos murales que se mantuvieron referían a la figura de Chabuca Granda, considerada un ícono de la música y la poesía peruana, y gran contribuyente del fortalecimiento de la identidad del Centro Histórico de Lima. Se entendió, asimismo, que el diseño y el color empleado para su realización fueron acordes al contexto donde se ubican, otro motivo que justificó la permanencia de las obras.

En general, desde la administración pública, la contribución de arte callejero es bien entendida si aporta al entorno pensando en su escala, sus características y su historia previa, si respeta el entorno material y subjetivo por el cual fue pensado ese espacio público. Por otra parte, estos discursos entran en contradicción con otras miradas dentro de la gestión pública, incluso en lo que refiere a iniciativas específicas para promover el arte en la ciudad a través de obras murales. Tal es el caso del municipio de San Isidro que ha inaugurado también en 2015 una obra del artista español Sixe Paredes. En este sentido, la administración pública juega un rol central en la constitución de relaciones entre la gestión del espacio público, la proyección del arte callejero y la puesta en valor del turismo, muchas de las veces entrando en contradicción entre los diferentes niveles de gobierno.

Ilustración 3 - Mural de Chabuca Granda. Artistas: Elliot Túpac & Decertor (Lima, 2015)



© Ricardo Klein

En síntesis, el arte callejero es una práctica que aporta elementos hacia la renovación de la cara urbana de las ciudades (Klein, 2015). Un ejemplo de ello podría ser la iniciativa de mobiliario urbano pintado en la Rúa Das Flores, en el casco histórico de la ciudad de Porto, donde se intervienen cajas de contadores de luz de la compañía Energías de Portugal (EDP) creando así una galería a cielo abierto². Como consecuencia, se reconfigura el espacio material y simbólico de la infraestructura urbana, aportando nuevas señales y significaciones por quienes transitan por la ciudad, y agregando un elemento de valor para el turista visitante.

En este sentido, podría sostenerse que estas iniciativas no son ajenas a los procesos de estetización urbana (regeneración urbana) o reciclajes urbanos llevados a cabo en zonas históricas y/o patrimoniales donde intervienen procesos de valorización del territorio local. Es constante este diálogo donde el patrimonio posee un lugar de discusión y realización de acciones hacia su conservación.

² Proyecto Street Art Porto - Caixas EDP, organizado por la Câmara do Porto

Ilustración 4 - Intervenciones en cajas de contadores de luz. Artista: Godmess (Porto, 2017)



© Ricardo Klein

En general, la creación de rutas de *street art* son principalmente provenientes del ámbito privado, aunque no por ello en determinadas iniciativas el apoyo público también está presente. Es un lugar común vender estos circuitos en una síntesis de vivir la ciudad a modo de un safari urbano artístico, revelando al turismo o visitante local una forma de vivenciar el espacio público desde una experiencia visual, sensorial y material. La idea de una cultura urbana que nace en los márgenes de la ciudad está presente como parte de una propuesta que roza más lo simbólico que lo real. La “ciudad vandálica” deja paso al poder expresivo de la “ciudad creativa” para ser resignificada en un marco amplio de posibilidades de gestión, en este caso, a través de un arte que nace de manera callejera. Como parte del atractivo para el turista, algunas rutas se desarrollan en colaboración directa con los propios artistas locales/internacionales que *in situ* van compartiendo la obra que han realizado. Se trataría, por tanto, de compartir una historia vivida (más allá de que sea cierta o falsa, no hay discusión al respecto) del artista de grafiti/*street art* con el visitante en un marco de ciudad para todos.

El grafiti y el *street art*, como formas de “cultura independiente”, han generado una mercancía activa al sistema (Guerra Lage, 2009). Esta comercialización constante y pujante se explica en pro de utilizar una imagen asociada a la expresión, es decir, utilizar una “estética” informal para vender un producto privado (indumentaria, bebidas, servicios, etc.) en el espacio

público, con especial hincapié en el destinatario joven y en el turismo urbano. En este último caso, se trata de asociar una imagen de ciudad que pueda ser contemplada por los habitantes locales y los visitantes desde una práctica que nace de la propia calle y con un lenguaje artístico que expresa originalidad.

Ilustración 5 - Festival de Arte Urbano Wang/Ruta de Street art. Artista: David de la Mano (Montevideo, 2015)



© Ricardo Klein

Es en este contexto donde la creatividad urbana (Anheier y Raj Isar, 2010) es central como parte del panorama de regeneración urbana, visto como un nuevo valor añadido (económico, social, cultural) a las dinámicas ciudadinas (Rosenstein, 2011). El turismo de festivales asociados al turismo creativo, UNESCO lo define como parte de una experiencia participativa, muy vinculante a las artes, al patrimonio o a características que hacen a la propia esencia del lugar específico (UNESCO, 2006). Autores como Santillano, Retamoza y Gastélum (2013) destacan el impacto positivo que tienen en la región eventos turísticos como la realización de festivales. Desde esta mirada, el principal objetivo a conquistar es la revitalización de las economías locales (Janeczko, Mules y Brent, 2002). Este tipo de turismo creativo y cultural ha generado en ciudades como Barcelona, Berlín o Porto un atractivo complementario al turismo más convencional o establecido. De alguna manera, se busca atraer a nuevos públicos interesados en habitar la experiencia urbana del arte callejero viviendo la ciudad. Al tratarse de un espacio público heterogéneo, las posibilidades de consumo turístico de

estas prácticas se multiplican, creando un interés multidimensional por compartir un espacio con estas obras.

5. Palabras finales

En el presente artículo se ha pretendido dar cuenta de diferentes líneas existentes de discusión entre la ciudad y el turismo a través del análisis de la gestión de las experiencias que brindan el grafiti y *street art* en diferentes ciudades latinoamericanas y europeas en la revalorización del espacio público y los diálogos que establecen con la comunidad. Para ello, se realizó un trabajo de campo centrado en la observación y la recolección de documentos visuales, principalmente fotografías realizadas *in situ* por el mismo investigador, que permitieron dar cuenta y analizar diferentes proyectos y momentos de desarrollo del grafiti y *street art* en las ciudades mencionadas a lo largo del texto.

Por un lado, se observa una tendencia de alta concentración turística en distintas ciudades, tales como Barcelona o Londres. Estas realidades de masificación turística exigen un replanteamiento a la hora de gestionar los espacios públicos para que turistas y comunidad local puedan disfrutar y hacer uso de dichos espacios. Se identifica que la inclusión social y multicultural de todos ellos resultará un foco de atención a la hora de confeccionar las políticas públicas del espacio urbano. Además, se observa que es en estos contextos de gestión del espacio público donde el grafiti y el *street art*, debido a la visibilidad que dichas prácticas artísticas tienen en las calles y paredes de las ciudades, adquieren una revalorización dentro del contexto urbano, sea céntrico o periférico, y se convierten en puntos de atracción turística. Tanto es así que diferentes barrios y ciudades de alrededor del mundo se han convertido en polos de recepción de artistas locales e internacionales, convocando a partir de su producción artística a visitantes nacionales y extranjeros para visitar y conocer las obras.

A su vez, se ha resaltado que el uso y la resignificación del patrimonio local también juegan un papel importante en la relación que se establece entre el arte callejero y el turismo. Desde la administración pública, se entenderá que la contribución que las obras de arte callejero aportan al espacio público no sólo dependerá del valor intrínseco de la obra, sino también de la relación que ésta establece con el entorno material y subjetivo del mismo contexto urbano.

En algunos casos, el arte callejero no solo favorecerá un incremento del reclamo turístico de las ciudades, sumando al valor patrimonial ya existente en ellas, sino que se utilizará como medio de renovación de algunas zonas de la infraestructura de las ciudades, aportando en los procesos de estetización urbana y de reciclaje de zonas históricas y/o patrimoniales. Estas iniciativas pueden desencadenar en la creación de rutas del *street art* ofrecidas principalmente a

turistas y a parte de la comunidad local, lo cual coloca al arte callejero como un elemento más de comercialización en la oferta que las ciudades ofrecen como atractivo turístico.

Estas formas de gestión en un marco ampliado de administración pública de la ciudad podría desencadenar ciertos procesos (gentrificación y turistificación) no deseados por parte de la sociedad civil local. Es por ello que se identifica que las iniciativas concretas de gestión del arte callejero que se promuevan desde la administración pública resultarán cruciales para garantizar el acceso al espacio público y la generación de lugares de convivencia y diálogo entre la comunidad y el turismo.

Referencias bibliográficas

- AGUAS, Jean-Christophe; GOUYETTE, Bruno (2011), “L’invention d’un tourisme de l’ordinaire. L’exemple des Promenades urbaines”, *Espaces*, n° 292.
- ANHEIER, Helmut; RAJ ISAR, Yudhishthir (2010), *Cultural Expression, Creativity & Innovation*, London, Sage Publications.
- BECKER, Howard S. (2009), *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*, Rio de Janeiro, Zahar.
- BLANCHET, Alain; MASSONNAT, Jean (1989), *Técnicas de investigación en Ciencias Sociales*, Madrid, Narcea.
- BLUM, Alan (2001), “Scenes. Public”, *Public*, n° 22-23, pp. 7–35.
- BORJA, Jordi (2003), *La Ciudad Conquistada*, Madrid, Alianza Editorial.
- CIUDAD GONZÁLEZ, Carmen (2011), “Fotografiar grafiti: siguiendo el rastro de ‘los otros’” a través de sus huellas en la ciudad”, *Quaderns de l’Institut Català d’Antropologia*, vol. 16, n° 1-2, pp. 159–172.
- COHENDET, Patrick; GRANDADAM, David; SIMON, Laurent (2011), “Rethinking urban creativity: Lessons from Barcelona and Montreal”, *City, Culture and Society*, vol. 2, n° 3, pp. 151–158. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.ccs.2011.06.001>
- CONDEVAUX, Aurélie; DJAMENT-TRAN, Géraldine; GRAVARI-BARBAS, Maria (2016), “El antes y el después del turismo. Evolución de los lugares y papel de los actores del turismo «fuera de lo común». Análisis bibliográfico”, *Via*, n° 9, [Consultado 29.05.2018]. Disponible em: <<http://journals.openedition.org/viatourism/414>; DOI: 10.4000/viatourism.414>.
- CORBETTA, Piergiorgio (2007), *Metodología y técnica de Investigación Social*, Madrid, Mc Graw-Hill.
- CHAMBERS, Erve (Ed.) (1997), *Tourism and culture: an applied perspective*, Albany, USA, State University of New York.
- CHANG, Jeff (2014). *Generación Hip-Hop. De la guerra de pandillas y el grafiti al gangsta rap*, Buenos Aires, Caja Negra Editora.
- CHAPPLE, Karen; JACKSON, Shannon; MARTIN, Anne J. (2010), “Concentrating creativity: The planning of formal and informal arts districts”, *City, Culture and Society*, vol. 1, n° 4, pp. 225–234. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.ccs.2011.01.007>
- DELGADO, Manuel (2007), *La ciudad mentirosa. Fraude y miseria del “modelo Barcelona”*, Madrid, Los libros de la Catarata.
- DO RIO CALDEIRA, Teresa. P. (2012), “Inscrição e circulação. Novas visibilidades e configurações do espaço público em Sao Paulo”, *Novos Estudos*, n° 94, pp. 31–67.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (1995), *Consumidores y ciudadanos. Conflictos culturales de la globalización*, México, D.F., Editorial Grijalbo.

KLEIN, Ricardo (2018), “La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo – novos cruzamentos, pp. 54-71.

GUERRA LAGE, María Cecilia (2009), “Intervenciones urbanas en la ciudad global. El caso del stencil en Buenos Aires (2000-2007)”, *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, vol. 7, n° 1, pp. 355–374.

IVESON, Kurt (2013), “Cities within the City: Do-It-Yourself Urbanism and the Right to the City”, *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 37, n° 3, pp. 941–956. DOI: <http://doi.org/10.1111/1468-2427.12053>

JANECZKO, Ben; MULES, Trevor; RITCHIE, Brent (2002). *Estimating the economic impacts of festivals and events: a research guide*, Queensland, CRC for Sustainable Tourism.

JUDD, Dennis R. (2003), “El turismo urbano y la geografía de la ciudad”, *EURE*, vol. 29, n° 87, pp. 51–62. DOI: <http://doi.org/10.4067/S0250-71612003008700004>

KLEIN, Ricardo (2015), “Alice Pasquini en Montevideo o de cómo el *street art* contribuye a recuperar espacios urbanos. Plataforma Urbana”, *Plataforma Urbana* [Consult. a 2.12.2017]. Disponible em: < www.plataformaurbana.cl/archive/2015/11/15/alice-pasquini-en-montevideo-o-de-como-el-street-art-contribuye-a-recuperar-espacios-urbanos/>.

- (2016), “Creativity and territory. The construction of centers and peripheries from graffiti and *street art*”, *Street Art & Urban Creativity Scientific Journal*, vol. 2, n° 2, pp. 6-15.

LÓPEZ BARAJAS, Luis Arturo; RETAMOZA ÁVILA, Melissa Guadalupe (2013), “El arte callejero, nuevo paradigma turístico del siglo XXI”, *Topofilia. Revista de Arquitectura, Urbanismo y Ciencias Sociales*, vol. IV, pp. 46-58, Centro de Estudios de América del Norte, El Colegio de Sonora.

LÓPEZ, Ángela (1998), “El arte de la calle”, *Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, vol. 84, pp. 173–194. DOI: <http://doi.org/10.2307/40184082>

LLOYD, Richard (2010), *Neo-Bohemia. Art and Commerce in the Postindustrial City*, New York, Routledge.

MAITLAND, Robert (2010), “Everyday life as a creative experience in cities, International Journal of Culture”, *Tourism and Hospitality Research*, vol. 4, n° 3, pp. 176–185. DOI: [10.1108/17506181011067574](http://doi.org/10.1108/17506181011067574)

MAITLAND, Robert; NEWMAN, Peter (2004), “Developing metropolitan tourism on the fringe of central London”, *International Journal of Tourism Research*, vol. 6, pp. 339-348. DOI: [10.1002/jtr.496](http://doi.org/10.1002/jtr.496)

Organización Mundial del Turismo y Comisión Europea de Turismo (2005), *El Turismo urbano y la cultura - La experiencia europea*, Organización Mundial del Turismo, Madrid, España.

PEARCE, Philip L. (1982), *The social psychology of tourism behaviour*, New York, Pergamon.

RICHARDS, Greg (2018), “Creativity and tourism. The state of the art”, *Annals of Tourism Research*, vol. 38, n° 4, pp. 1225–1253. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.annals.2011.07.008>

ROSENSTEIN, Carole (2011), “Cultural development and city neighborhoods”, *City, Culture and Society*, vol. 2, n° 1, pp. 9–15. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.ccs.2011.02.002>

SANTANA TALAVERA, Agustín (2003), “Turismo cultural, culturas turísticas”, *Horizontes Antropológicos*, n° 20, pp. 31-57, Porto Alegre.

SANTILLANO TINOCO, Astrid Deyanira; RETAMOZA ÁVILA, Melissa Guadalupe; GASTÉLUM RIVERA, María Alejandra (2013), “Festivales de arte callejero como detonantes turísticos”, *Topofilia. Revista de Arquitectura, Urbanismo y Ciencias Sociales*, vol. IV, n° 3, Centro de Estudios de América del Norte, El Colegio de Sonora.

SASSEN, Saskia; ROOST, Frank (1999), “The City: Strategic Site for the Global Entertainment Industry”, Judd, Dennis. R. & Fainstein, Susan S. (eds.), *The Tourist City*, New Haven, Yale University Press.

SMITH, Valene L. (Ed.) (1992), *Anfitriones e invitados: la antropología del turismo*, Madrid, Endymion.

SOYSAL, Levent (2009), “Rap, Hiphop, Kreuzberg: Scripts of/for Migrant Youth Culture in the WorldCity Berlin”, *New German Critique*, n° 92, pp. 62–81.

UNESCO (2006), *Towards sustainable strategies for creative tourism discussion. Report of the Planning Meeting for 2008 International Conference on Creative Tourism*, Santa Fe, Nuevo México, USA.

KLEIN, Ricardo (2018), “La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo – novos cruzamentos, pp. 54-71.

URDA PEÑA, Lucila (2016), “Las experiencias artísticas efímeras contemporáneas en el espacio urbano. El arte efímero como dinamizador de la vida urbana”, *On the w@terfront*. vol. 45, pp. 7-32.

VALLES, Miguel S. (1999), *Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional*, Madrid, Síntesis Sociología.

Páginas de periódicos

Agencia EFE (2017), “Barcelona, la tercera ciudad europea donde los turistas gastan más”, *La Vanguardia*. Consult. a 12.11.2017. Disponible em: <www.lavanguardia.com/ocio/viajes/20171113/432861214088/londres-estambul-barcelona-ciudades-turistas-gastan-mas.html>.

FOWKS, Jacqueline (2015), “Sentencia a los murales en Lima”, *El País*. Consult. a 14.10.2017. Disponible em: <elpais.com/internacional/2015/03/13/actualidad/1426284839_685963.html>.

POSTICO, Daniel (2015), “La Disneylandia de Banksy”, *El Periódico*. Consult. a 4.12.2017. Disponible em: <www.elperiodico.com/es/ocio-y-cultura/20150821/la-disneylandia-de-banksy-4447337>.

Páginas relacionadas a creatividad y rutas de street art

Alternative Berlin Tours, Berlin: <alternativeberlin.com/tours/>.

Free Tours by Foot, New York: <www.freetoursbyfoot.com/new-york-tours/walking-tours/new-york-grafiti-and-street-art-tours/>.

Grafitimundo, Buenos Aires: <grafitimundo.com/>.

Madrid Street Art Project, Madrid: <madridstreetartproject.com/safaris-urbanos/>.

Museo a Cielo Abierto San Miguel, Santiago de Chile: <www.museoacieloabiertoensanmiguel.cl/>.

Poble Nou Urban District, Barcelona: <www.poblenourbandistrict.com/poblenou-urban-district/>.

Street Art 13, París: <www.streetart13.fr>.

Índice de Ilustraciones

Ilustración 1 - La Escocesa (Barcelona, 2014)	59
Ilustración 2 - Urban Spree Gallery & Biergarten (Berlin-Friedrichshain, 2015)	62
Ilustración 3 - Mural de Chabuca Granda. Artistas: Elliot Túpac & Decertor (Lima, 2015).....	64
Ilustración 4 - Intervenciones en cajas de contadores de luz. Artista: Godmess (Porto, 2017)	65
Ilustración 5 - Festival de Arte Urbano Wang/Ruta de Street art. Artista: David de la Mano (Montevideo, 2015)	66

Todas las fotografías: © Ricardo Klein

KLEIN, Ricardo (2018), “La ciudad y el turismo. Experiencias desde la gestión del *street art*”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo – novos cruzamentos, pp. 54-71.

Ricardo Klein. Sociólogo, Ph.D. en Gestión de la Cultura y el Patrimonio (Universitat de Barcelona). Profesor e investigador de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República (Uruguay). Profesor Colaborador Máster Universitario de Gestión Cultural (Universitat Oberta de Catalunya - Universitat de Girona). Investigador Asociado, Sistema Nacional de Investigadores (ANII, Uruguay). Dirección de correspondencia: Montmany 29, 4, Barcelona, España. CP. 08012. Email: rklein78@gmail.com

Artigo recebido em 18 de janeiro de 2018. Publicação aprovada em 25 julho de 2018.

The touristic Porto – gazing over the city

Tiago Miranda

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract

This article is the outcome of a research in Sociology about tourism in the city of Porto in the year of 2015, viewed through the emerging city break modes of travel. We endeavored to understand, through the foreign tourists’ gazes as well as from images that shape the city as touristic, whether Porto was an “authentic” city, unlike any other, in the context of rampant growth tourism has seen there and in Portugal during the first two decades of the twenty-first century, subject to a larger European circuit. The most relevant conclusions point toward the touristic and global turn of Porto, with ever-growing visitors, and grappling with potentially nefarious effects derived therefrom; but keeping - in the eyes of the foreign tourist who visits it – its authenticity, unique in its own way, and in the distinct way of each one who experiences and beholds this city.

Keywords: city; tourism; the tourist gazes.

O Porto turístico - olhares sobre a cidade

Resumo

O presente artigo resulta de uma investigação sociológica sobre o turismo na cidade do Porto no ano de 2015, entendido na sua configuração emergente de *city break*. Procurou-se compreender – a partir dos olhares de turistas estrangeiros que a visitam, bem como de imagens que a constroem como destino turístico – se o Porto seria uma cidade “autêntica”, diferente das outras, no contexto de crescimento galopante que o turismo regista em e para Portugal nas primeiras duas décadas do século XXI, subjacente a um circuito europeu mais amplo. As conclusões mais relevantes apontam para a viragem turística e global do Porto, recebendo cada vez mais visitantes, deparando-se com efeitos potencialmente nefastos daí derivados; mas mantendo – aos olhos do turista estrangeiro que o visita – a sua autenticidade, única à sua maneira, e à maneira distinta de cada um que contempla e vivencia esta cidade.

Palavras-chave: cidade; turismo; olhares dos turistas.

Le Porto touristique - regards sur la ville

Résumé

Cet article est le résultat d’une recherche en sociologie sur le tourisme dans la ville de Porto pendant l’année 2015, vu à travers de nouveaux modes de tourisme urbains, comme le *city break*. Nous avons essayé de comprendre, à travers les regards des touristes étrangers et les images qui font la ville touristique, si Porto était une ville “authentique”, pas comme les autres, dans le contexte de croissance rapide que le tourisme a connu au Porto et au Portugal pendant les deux premières décennies du XXI^e siècle, soumises à un circuit européen plus large. Les conclusions les plus pertinentes pointent vers le virage touristique et global de Porto, recevant de plus en plus de visiteurs, rencontrant des effets potentiellement néfastes qui en découlent ; mais en gardant – aux yeux du touriste étranger qui la visite – son authenticité, unique à sa manière, et à la manière distincte de chacun qui contemple et expérimente cette ville.

Mots-clés: ville; tourisme; regards des touristes étrangers.

El Oporto turístico - miradas sobre la ciudad

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación en sociología sobre el turismo en la ciudad de Oporto en el año de 2015, vista a través de los modos emergentes de viaje *city break*. Nos esforzamos por comprender, a través de las miradas de los turistas extranjeros y de las imágenes que le dan forma turística, si Oporto era una ciudad “auténtica”, como ninguna otra, en el contexto del galopante crecimiento que el turismo ha visto allí y en Portugal durante las dos primeras décadas del siglo veintiuno, sujetos a un circuito europeo más grande. Las conclusiones más relevantes apuntan hacia el viraje turístico y global de Oporto, recibiendo cada vez más visitantes, encontrándose con efectos potencialmente nefastos derivados; pero manteniendo – a los ojos del turista extranjero que lo visita – su autenticidad, única a su manera, y a la manera distinta de cada uno que contempla y vivencia esta ciudad.

Palabras-clave: ciudad; turismo; miradas de los turistas.

Introduction

This article retraces the footsteps of a sociological research made by the author within the scope of his master’s degree thesis (Miranda, 2015): the underlying purpose is to condense its findings in a more approachable form.

The research itself was about tourism in the city of Porto, in Portugal, having taken place there throughout the year of 2015. The main objective was twofold, looking to find out, through the *gazes of the foreign tourist*, what makes a city to be authentic and different from others – in our case, Porto; and, on the other hand, to explore tourism and globalization’s roles in the making of their representations of the same city. The specific nature of our work dwelled in urban tourism, and in particular, in the emerging configurations of *city break*, a touristic trip-taking noted for its

shorter length and increasing popularity amidst the choices of foreign visitors to Porto. Accordingly, this city has come to be established of late as a touristic destination of growing appeal to the foreigner, gradually reinforcing its presence in the tourist trails of Europe since the middle of the first decade of the twenty-first century: in this *milieu* and through this relationship, “city break” is seen as decisive. Nevertheless, the city and tourism sprang forth as fundamental themes, regarded as two mutually influenced phenomena, at the same time placing the tourist as a favored agent in that dialectical context – their gazes would step in as a metaphor of their own representations, a way to translate the city. Was Porto a *unique* city in the background of tourism and globalization?

We wanted to know where the foreign tourists to Porto were coming from, how they felt, the sentiments created and maintained with the city. Would they travel so much – a chance granted by city break modes of voyage – insofar as to reduce the charm of any given city? Would they be influenced during the bustle of their visit by previous, stereotyped, viewings of the destination in the Internet and mass media? How would the act of taking photos in the visit *per se* intersect with their imagination and general practices of tourism? Through these and other questions we strove to ascertain the perceived uniqueness (or *authenticity*) of Porto, whether that remained unscathed in the vortex of modern urban tourism, or otherwise levelled and tarnished regarding other visits made to different cities by the same tourists.

1. Manifest affinities between the city, tourism and the tourist

First things first, like packing up before a trip. In the briefest of sociohistorical framings, tourism knows its first inception as the British aristocracy’s *grand tour* between the seventeenth and eighteenth century: with several sojourns across Europe, its constituents hoped to garner a universal education and spiritual clarity whilst socially distinguishing themselves from other groups who could not yet make this new kind of journey (Gagliardi, 2009: 246-248). Despite the rest of Europe’s nobility following suit, the next breakthrough only came in the nineteenth century, with the advent of a trip more concerned with leisure rather than ethereal improvement. As the Industrial Revolution began, those who held the means of production found themselves with increasing wealth; the bourgeois class, then, could and would spend that newfound wealth in leisure and joyful travelling (Gagliardi, 2009: 248-249), adjoined by myriad advances in the means of transport and spatial displacement (Lash and Urry, 1998). Capitalism continued to grow, and at the outset of the twentieth century, tourism did so too: it is truthfully born here, in organized capitalist fashion (Gagliardi, 2009: 250-251), wherein a conjunction of collective and individual

rights (better wages and vacations, for example) widens the possibility of travelling to other social groups (Fortuna, 1999a: 48-51). With Bauman, we argue tourism was a human activity nestled in the outskirts of European society, undertaken by few, before becoming a central facet of contemporary social life, engaged by many (Bauman, 1996: 29).

One of the theoretical anchors of this research was set by Urry (2002), and the “tourist gaze” he drew upon to analyze tourism and its inherent travelling. Tourism as a “visual contrast” tried to place the act of practicing tourism as different from everyday social life through eyesight: by having, living and *seeing* common experiences in the latter, the former would elicit extraordinary experiences by providing a series of different visual elements for the tourist to set his gaze upon. Tourism, therefore, carved a boundary between the experiences it encouraged and the recurring, perhaps even methodical, everyday life of people; first and foremost, through eyesight, which nonetheless served as a gateway for the rest of the human senses to be enlivened by a distinct set of circumstances. More so than tourism as an illusion, as purported by Boorstin (1992), whereupon touristic sites presented a forged event ready to be consumed by hapless visitors, and tourism as a means of proximity between visitor and visited in staged authentic locales where the first can quench his curiosity about the second, as defended by MacCannell (1999), the *tourist gaze* rose to us as a more suitable conceptual framework which to encompass contemporary urban tourism with.

In Portugal, in spite of some travel literature in line with the bourgeois kind of journey, written by famous novelists like Eça de Queiroz (Cunha, 2010: 129-130), amongst others, tourism began institutionally with the foundation of the *Sociedade Propaganda de Portugal* in 1906, a united effort of both republicans and monarchs to develop tourism indoors and its innate economic potential (Cunha, 2010: 131). Notwithstanding this pioneer movement, tourism moderately grew in the coming decades, bereft of political support (Portugal limped through a dictatorship of nearly 50 years, from 1926 to 1974, a system mostly incompatible with international openness), a professional body of individuals and ideas. Only during the last three decades of the twentieth century, and the following of the twenty-first, did Portugal grow in quantity and quality in terms of touristic flows, supply and demand (Moreira, 2008: 185-205). Considering recent data, Portugal has built itself into a “touristic destination” by excellence, diversifying the visages it can take (urban, countryside, business, enotourism, to name a few) as well as the outbound markets it can attract (a type of tourism for each type of tourist). Tourism in 2013 was accountable for 16% of Portugal’s gross domestic product, a driving (and growing) force in the national economy (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015: 113-114).

Porto, in the same vein as its national counterpart, found a stronger touristic leaning in the decade of 1980 thenceforth (Silva, 2007: 15-18). Beginning in earnest in the decennium of

1990, the city managed to redefine its local resources outwards, entering headlong in the international network(s) of culture and tourism: to this much contributed the selection of its historical centre as a World Heritage Site by UNESCO in 1996¹; the designation, made by the European Union, to be the European Capital of Culture in 2001 (Silva, 2007: 18-19; 26-27); and the growth in the Internet marketing of its touristic assets after the millennium switchover (Azevedo, 2007: 251-259). Following new patterns of national segmentation, “city break” thus emerges as a defining touristic product for the city of Porto during the first decade of the twenty-first century and beyond, remarkable for being short, flexible and discretionary, finely adapted to growing individual expenses related to leisure. Besides having a hand in rejuvenating different urban landscapes strongly in favor of city break, this type of journey redraws the European travelling map, discovering and cementing new territories where tourists can embark to (Dunne, Flanagan and Buckley, 2010).

Tourism does not happen in a vacuum: in our case, “city break” was caught on the horns of an intricate urban landscape. We argued, following Fortuna (2001: 3-4; 23), that the city of the twenty-first century was, within itself, a redoubt of innumerable cities, laying bare the multitude of its significances and spaces, crisscrossed and continually overlaying; fragmented and hybrid, no longer the uniform counterpart of the rural countryside (if it ever was). The “touristic city” would be one of these cities-within-the-city, one more way of making and consuming the city, side by side with the remainder of urban territories it encircled, more often than not in discord rather than in harmony (Fortuna and Leite, 2009: 7)

Following these thoughts, we laid the stress on the differing manners urban space could be *used* by social agents. Lefebvre (1991) viewed space as both the producer and product of social life: it was a *representation*, as much as it could be projected and designed by architects and urbanists; and through *social use* it was also a *living* space, where individuals carried out their lives, conforming or nonconforming to what was planned beforehand. In regards to tourism, “touristic places” in any given city are meant (“designed”) to be lived and trodden by tourists, but, on the other hand, the tourists themselves may feel them inadequate, challenging the homogenization of spaces created for them by deviating to other, less touristic, urban pockets (Lopes, 2002: 21) (which, in turn, become “touristic” not through the original act of a handful of urban planners or policymakers, but because of reiterated action/use of passing tourists). This is profoundly linked, as we viewed it, to the heterotopies of Foucault (1984), or the *counter-place* opposite to the place we perceive as real, whereupon the first is within the limits of the second but comes from outside of it. Tourists, in general, carry their own images of a given place, furthered by their imagination and the curiosity of previewing the destination; when that core of

¹ As seen in UNESCO’s World Heritage list within its official website, referenced below.

images does not match what is truly found and lived *there*, the tourist can, and probably will, reinterpret the space around him. Through different *usages* of (urban) space, we argued that it was always an unfinished matter, ready to be employed again and again by social agents.

Taking heed of what was said earlier about Porto’s touristic disposition, cities that strive to become “global” endeavor to monetize their local resources (like their historical heritage and other equipment) in order to capture overseas mobility flows, of which tourism is a prime example (Fortuna, 2001: 14-15). In a competitive, capitalist world, cities henceforth become much like regular, private enterprises, building corresponding brands (like, in our case, “Porto Ponto” or just “Porto.”²), seeking success, profits, investors, recognition (Ferreira, Rua, Marafon and Silva, 2013: 9; 13). Leaning on Choay’s (1999) important remarks about the subject, we beheld the historical centre of Porto as having been redefined as merchandise, revalued when it was undervalued, preserved when it was supposedly about to be forgotten. Enveloped by the idea of “if it’s old, it’s valuable”, this particular urban space is later embellished, more palatable for consumption, viewed and viewing itself as more of a commodity than history or culture. Regardless of the pessimism imbued in these arguments, they provide an apt context in which to perceive World Heritage Site declarations by UNESCO: this institution consecrates historical locales as worthy of being preserved, thus allowing their entrance into a so-called “authenticity market” (Fortuna, 1999a: 66). These places are, so to speak, thoroughly globalized at this moment, transferring their local, perhaps unknown, uniqueness to the global tribune; and through that process, their authenticity is debased by what is necessarily added and invented by way of tourism. Ultimately, Porto gains legitimacy as a brand and touristic destination – it is more *sought after* than before.

In our research, we tackled this subject through Benjamin’s (1992) reasoning about the aura of the work of art. As the city enters contemporary touristic markets, does it keep its “aura of uniqueness”, or is otherwise levelled by a commercial logic which attempts to commodify everything in its wake? Benjamin (1992: 77; 84-86) defined “aura” as subject to the single occurrence of the work of art, holding a sort of cult value, the “here and now” of its creation; being technically reproduced, contended Benjamin (1992: 79; 84-86), the same aura would increasingly fade, going from a single event to a mass occurrence, its value measured by newfound exposure and renewed *rendezvous* with more individuals. One does seem indeed unable to “copy and paste”, technically reproduce a city in its specific spatial uniqueness: the “aura” is thus treasured intact (Fortuna, 1999a: 57). Even so, we argued there were particular spaces that

² The brand “Porto.” has revolutionized the graphic image Porto and its inhabitants have of themselves. Designed in 2014, and constantly iterated upon ever since, its visual principles outline every dimension of the local government’s actions, as can be seen in the corresponding official website, referenced below.

were being duplicated all around the world, not *directly* opposing "unique" or "aural" locales within the historical city, but being besides them and in their midst: "non-places" (Augé, 1994), like a mere automobile or touristic bus and, more strikingly, airports, chains of fast food restaurants, apparel shops, hotels, commercial brands known worldwide (Fortuna, 1999a: 58). In this sense, the city was perfectly reproducible, because parts of it could be found in endless other cities across the globe. Closely following Benjamin's (1992: 78; 83) thoughts on photography as well, we discerned that unique urban elements - like singular historical monuments of a given city - could be reproduced through imagery, thrusting them to heights which could not erstwhile be reached: films, photos, advertising, symbols, all subordinate to the technical, and now increasingly virtual, reproduction of a city's landscapes. The far-off observer, in this context, could now (pre)view the aural uniqueness, as a result conveying its supposed cult value to a more exposed form; in touristic terms, the local, previously reserved to the inhabitants, is thrown open to the global, to the throngs of visitors.

Justly, we argued that these "throngs of visitors", namely the tourists, were the translators of the contention upstream. More than passive figurants in the grand stage of urban tourism, we tended to view tourists-in-tourism as living through great upheaval in their lives. Change based on distance from home, but also cultural, symbolic, *experiential*: they left their usual world – ordinary, marked by work and everyday pendulums, in a word *structural* – toward another one entirely unusual, *out of the structure* of daily life – extraordinary, most certainly in vacations, perhaps happy and cathartic (Urry, 2002: 10-11). The touristic experience was to be, then, an intermission in life, a moment of exception, a world upside down: in the transition of non-tourist forms of social life to another deeply touristic, one is relieved of its customary life in order to search for something different, often times overvaluing those circumstances and moments within (Fortuna, 1999a: 69). The collision of different *time rhythms* brings about an awkward uncertainty in the identity of the tourist, though: in a world apart, certain variables like class, work condition and ethnicity, for instance, are thrown out of balance, in favor of more ephemeral variables like a full-fledged leisure of body and mind, the experimentation of novelties, the imagination of being "out" of oneself. Solid identities are figuratively and creatively *destroyed*, giving birth to new, transient figments of personality (with corresponding attitudes and actions), more capable of wading through the chaotic social world of tourism (Fortuna, 1999b: 16-25).

Moreover, we defended tourists had ancillary capacities imbued in their gazes to delve into historical urban contexts. *Imagination* was the first of those, a quality which allowed them to eye distant times from their own present backgrounds. The "official" written history of urban places, monuments and famed people, perhaps overbuilt and with appended charms (Peixoto, 2003), could be challenged by their own perceptions of reality, by their study, ultimately ascribing

personal significances to them which could differ from their official or original properties (Fortuna, 1999c: 30-32). Physical space, to this extent, interferes in the symbolic space of each social agent, and vice versa: the hypothetical rebellious nature of experiencing one place differently from what was planned for it, as glimpsed by Lefebvre (1991) and Foucault (1984), is fully underlined here. The second feature was *photography*. The tourist gaze is reaffirmed by photography, whereby the whole process of visiting someplace in tourism is underscored by the “canonical” ritual of taking pictures: a “routinized non-routine” (Urry, 2002: 11). In all likelihood, the tourist photographs: it proves the journey was made, that he or she was *there* (Sontag, 2012: 17). By extensive use of the camera (or smartphone nowadays), the natural gaze runs the risk of being replaced by a photographic one, setting aside reality by turning the journey into a mere hoarding of photos. In all fairness, tourists may photograph because it is a go-to action in face of uncertainty, the unknown and the *different* (Sontag, 2012: 17; 85): it is easy to do so because they are facing a new reality with the littlest of times to grasp it – and memorize it (Sontag, 2012: 160). To that degree, the touristic picture commands the gaze, telling us where to look, where we *should* look, in a context where the tourism industry strives to glorify some urban locales to the detriment of others, and especially in an epoch when online viewings of the destination abound, having the potential to preordain the tourist gaze even before it angles the surroundings *in loco*.

2. Our methodological design and its connection to Porto

Looking to answer the questions raised in the preliminary lines of this article, and in regards to our research design, we adopted a methodological configuration which entailed both quantitative and qualitative approaches to the subject at hand. Through the lens of a mixed type of research, we tried to reach a compromise between both angles, hoping to gain a more panoramic outlook on reality (Bericat, 1998: 9-15). We started on a strong exploratory note, and went forward constantly shuttling between experience and ideas; as if we wanted not only to say but to testify that experience needed an object of theory, as well as theory needed an empirical counterweight (Guerra, 2006). The outcome was a frequent and enriching discussion between reality, the data acquired, and our analytical “touchstones”.

Throughout the year of 2015, we traced several researching steps in order to fulfill our purposes. Besides the library of social investigation about tourism, which we started reading and kept coming back to, we started our fieldwork by conducting several observations in the historical

centre of Porto³, hoping to grasp the relationship between foreign tourists and the urban space(s) they were visiting; as said earlier, eyesight will often serve as gateway for the rest of the human senses to be expressed, and with this in mind we tried to pinpoint an element of performance on behalf of the visiting tourists, to capture their bodies in motion across the great urban maze (Crang and Franklin, 2001: 12-14).

Afterwards, we amassed, and in turn analyzed, a coherent body of touristic and nigh-touristic images from specialized websites and from the tourists themselves, named afterward in this article. With this fundamental step, we tried to determine the role of touristic photographs in the making of the foreign tourists' representations, namely the search of information about the destination; the sacralization of certain touristic places (Fortuna, 1999a: 53-60); or even the conversion of a city's inherent value into symbolic capital (Gagliardi, 2009: 260).

During this latest step, we also started fieldwork anew by going out and inquiring foreign tourists by survey⁴. This technique allowed up to "stop" the tourists in their tracks, as it was as brief as the short stay most of them would be having in Porto through city break. Approaching tourists in their very visits and hustle and bustle can be troublesome, and the survey was the ideal way of quickly gleaning information from them and their worldviews. The historical centre of Porto was once again the preferred site of operations.

We finalized by interviewing foreign tourists within a more restricted scope, digesting what was discovered in straightforward questions about the nature of city break travelling to, and in, Porto. Apart from one, more prolonged interview to a Portuguese emigrant of the city, who often returns as a tourist, all others were administered online through personal email, left behind as part of the survey, in a tentative way of reaching out some tourists after having returned home⁵.

Hereupon, some subtle remarks are due about the author's relationship with the research subject, his city, Porto. The becoming of this research made us acutely aware that the scientific

³ We carried out 5 unstructured, free-flowing observations during the first phase; and another 5, more structured ones, in a second phase, trying to ascertain the key elements of the foreign tourists' relationship with the visited city – and all of them between March and April of 2015.

⁴ We surveyed 82 foreign tourists during the month of August of 2015, greatly taking advantage of their moments of respite in the gardens and shades of Porto's urban landscape.

⁵ The first interview was an open-ended, unstructured glimpse to the thoughts of a Portuguese emigrant of the city, who was 56 years old at that moment (April of 2015): truck driver, male and married, living in Switzerland for more than 30 years, with a level of education lower than high/grammar school (unspecified, though). The second set of interviews (3 in total) was conducted in September of 2015, in a semi-structured fashion: the first referred to an unmarried Spanish male, who was 31 years old and worked as slater/tiler, having secondary education; the second was made to a divorced Swiss female, who was 30 years old and worked as a social educator, having a bachelor's degree (the only interviewee who had visited Porto before this occurrence); and the third was done to a married French woman, who was 57 years old and worked as a computer engineer, having a master's degree.

knowledge we produce is not entirely objective, in the strict sense that it may contain autobiographical vestiges (Santos, 2003: 50-55), as purported by segments of post-modern science. Although we agree about the contentious nature of this statement or belief, it is indisputable that the knowledge we may discover or author is inseparable of our own life experience: the subject of our research thus follows our own footsteps by other means, preceded by values, beliefs (Santos, 2003: 52) and - most boldly in our case - more than two decades of living in the studied city. We owe a bow of reverence to Porto for igniting within us the spark of curiosity: as we witnessed more and more strange faces, different accents and laughter around the usual pathways and squares, we came to the realization that tourism and its intricate phenomena were changing *our* city of old. From that initial outburst of clairvoyance this work was borne, before a single letter was brought to bear. How to deny the influence?

3. The budding relationship between Porto and tourism

In the mapping of the sociodemographic regularities of the surveyed foreign tourists in the historical centre of Porto, 82 of them during the month of August of 2015, we verified a prevalence of young people between the age of 18 and 30 years old, as many women as men; mostly travelling in pairs (romantic couples), with college education; at the time working but on vacation, arising from several European countries (with considerable French and Spanish presence) and some intercontinental ones. Most were staying three or less nights within the city's limits, in line with city break modes of travelling, but finding that temporality perfectly reasonable to visit a city like Porto, and probable a possible return, so far as air travel remained low cost.

We suggested that a city's authenticity started with each and every tourist who set foot in it, and by the motives which permeate their visit: "History" and "local culture", "sights and landscapes", all moved ahead of "touristic advertising" and "spontaneous travelling" drawn forth by discounts or low travel fares. We viewed advertisement as more insidious than explicit; and even if the "Porto idea" had sprung through word of mouth (digitally too), that does not counteract an ulterior virtual research of the destination, anticipating and imagining its landscapes, nooks and corners by photography. One of the most regular dynamics was the pace of travelling demonstrated by the surveyed tourists within the space of a single year: three quarters added Porto to at least another visited destination, with two or three complementary destinations nearly becoming a *fait accompli* shortly after. They indeed travelled a lot, across dispersed latitudes; and in Porto's example, it was not surprising to confirm that this city break in particular extended its usefulness to neighboring regions, expanding a theoretically concise journey.

We also discovered that the distinction between one city and another is promoted by the relationship the visitor construes with each of them. An array of different ways to touristically relate oneself to a city is discernible; but eyesight, the innate as the one obtained by photographic lens, is the way which acquires dominance toward everything else. To touch, savor, tread, wander about patterned itineraries or routes off the beaten tracks, speaking or not to local denizens, taking photos: everything is filtered first and foremost by the sieve of the eye, providing the frame to fill in afterward. To eye existent photographs of the destination, the map, the guide’s hand, the human panorama, then to act (and photograph). Perhaps here we can recognise the paradox of the inability of the surveyed tourists to relate with the local population, despite saying they greatly valued it as an authentic element of the city’s culture: beyond linguistic barriers, the eye captures first, the photograph stores, and the journey is resumed. But even at this point contradictions work in favor of *variation*: the foreign visitor may want to know a little bit more of the habits and daily tempos of inhabitants, in a curious and unpretending fashion (“*the true life*”, as the interviewed French tourist said); and these may want to devote themselves to that potential relationship, despite the always looming commercial exchange. The authentic of a city and the diverse options of embodying it by means of the tourist gaze. Borrowing the title of a poetic anthology of Ana Hatherly (2004), we sustained that the touristic relationship of the individual with the urban space is often settled by *eye interfaces*, planes of vision which expand and overlap with the remainder of the human senses and personal resourcefulness – for instance, taking pictures also entails a tactile, tangible bodily function.

This “resourcefulness”, we advanced, is tied to the imagination of each tourist, not just on site, but before the journey *per se*. The mind travels as well as the body, and the tourist gaze is startled right at home. We tried to build a corpus of images intrinsically connected to tourism, ones which plausible tourists would look at by searching about the destination at hand. We privileged three very graphical channels: “Visit Porto and North”, a conglomerate of public and private regional agencies representing tourism in the north of Portugal (Miranda, 2015); “European Consumers Choice”, an independent non-profit organisation based in Brussels, Belgium which evaluates consumer products – this institution provided a touristic guide of Porto on the Internet after having crowned the city as the best European destination through online voting in 2012, 2014 (Miranda, 2015) and again in 2017⁶; and the tourists themselves, by staging a kind of ethnographic challenge which positively provoked some tourists to photograph the surroundings after having answered the survey.

⁶ As seen in the European Best Destinations official website, a recent branch of the European Consumers Choice organization related to European travel, referenced below.

Needless to say, we don't have the confines in this article to fully and graphically translate what was done in this regard. Nevertheless, we adopted a strategy oft-used in the making of touristic guides to analyze the extracted body of images and photographs (Gorp, 2012): by symbolically transforming one place, which isn't touristic by default, into *another* place, now touristic and denoting a nuanced representation of reality amongst many possible others, these images hold an important role within the tourism apparatus throughout the world. Images derived from the first two aforementioned channels marked the presence of some typical strategies used to transfigure a place into “another”. The first one was *petrification*, throwing a place to “another time” by extolling its historical monuments and glorious past (Gorp, 2012) - in Porto's case, the frequency of images depicting the tower of Clérigos (of the clergy), São Bento's train station and the Port wine cellars was considerable⁷. The second was *virtualisation*, the creation of ambiance in and around a physical place, trying to take the viewer there by imagining, and seeding the desire to travel to a destination in order to fulfill an experience which is meant to be but isn't quite so yet (Gorp, 2012) – in our research, we found a recurrent “human approach” to this kind of strategy (Barthes, 1997: 115), framing persons, much like the potential tourists, in their daily touristic activities, like sipping a glass of Port besides the Douro river (the watercourse which bathes Porto, flowing toward its end here, in the Atlantic ocean). Akin to this strategy is the unavoidable backdrop of *stereotyped* landscapes with which distinction is attained, in regards to the tourists' country of origin; through simplified and enhanced imagery of places and geography, ones which the eye can quickly glimpse and be enraptured, “another” physical locale is created, reaching out an invitation to whomever is checking (Gorp, 2012). In Porto, the Douro river is ever present, both riverbanks captured at all times of the day to fuel expectations of a daylong adventure.

⁷ As seen next page in figure 1, for example. These three locales are trademarks of Porto's touristic portfolio, referenced below: the first, perhaps the most significant building in the city of Porto, dating back to the eighteenth century; the second, a railway station built at the dawn of the twentieth century, on the site of an ancient convent, whose interior is furnished with a collection of tiles depicting both transport and Portuguese history; and the third, the cellars where Port wine is stored, not in the city proper, but in the neighbor city across the Douro river, Vila Nova de Gaia.

Figure 1



Tower of Clérigos

Figure 2



Downtown tuk-tuks

Source: Miranda (2015)

The last channel mentioned above was special to us, as it was borne out of our own doubts and quandaries considerably late in the research. We wanted to involve the surveyed tourists by setting their gazes to work *in situ*, right after answering our scientific plight; apart from industry photographs, we thought we would've liked to see how they were taking their own photos whilst visiting the city: an “ethnographic challenge” was thus presented to them. The results were interesting, as no statistical analysis could be inferred from them; on the other hand, we discerned the diverging angles the tourist gaze could pivot: conforming, oriented toward what they had seen before in advertising, or what stood as a “mandatory” target for the camera, like a surrounding monument or church; and nonconforming, defiant in the sense the camera targeted less defining, more prosaic, elements of the same context, like a touristic *tuk tuk* (a sort of auto rickshaw which carries people around the city) and the encircling people, instead of the actual tower of Clérigos just beside⁸. We stressed the ambiguous tourist gaze derived from this research step, the double significance that same physical place could elicit on the foreign tourists' representations of visited destinations.

In pursuit of this theme, we asked ourselves what Porto had to offer of most “unique” to the visiting, eye-first tourist (notwithstanding the virulence of this trait, since we reasserted the eye was like a spillway for the rest of the human senses); and its historical and monumental heritage came as a reply, those exemplary urban tracts declared as World Heritage Site by

⁸ As seen in figure 2.

UNESCO in 1996. We found a correlation between Porto being more authentic because of that specific "official and global" lining, despite having concluded the matter was exceedingly difficult to formalize. The *aura* of the typical and historical buildings and squares of Porto, taken from the "aural work of art" of Benjamin (1992) remained foggy: it was obvious that the tourists' attention would always be directed toward those urban elements, in turn finally deciding they were "unique" to anything else. The urban maze can't be duplicated building by building, street by street, tile by tile, despite its images and photographs (a sort of iconography of reality) freely flowing about touristic, imaginary and media channels. We went the other way around, heading toward the antithesis of the unique work of art: the reproduction of what surrounds the aural/authentic urban examples of Porto - places easily transposed from city to city - like chains of fast food restaurants (a McDonalds, for instance), transnational clothing and apparel stores, hotel networks, services, touristic buses, *tuk tuk*s. Essentially, simple places tourists would find at home or in other near or distant urban destinations. We arrived at the conclusion that these non-typical elements tarnish the aura (or authenticity) of a city like Porto, trivializing it to some degree and making it increasingly kindred to other cities perfectly embedded in touristic circuits. At the same time, a double consciousness is manifest among foreign tourists to Porto: walking abreast and within the same city, the unique in the more local elements, and the commonplace in the more global ones.

Taken in this background, city break displays uncanny traits. We suggested this type of travel would disenchant the city in favor of the journey itself, as it opened up more frequent and diverse travel during a shorter span of time. This assertion dwindled as we took in our data, not because the surveyed tourists travelled much (they indeed did) but because the choice of city still mattered, overcoming the unbound desire of travelling to "new" and "undiscovered" destinations (the so-called *pleasure* of travelling, along with the novelty it entails), whichever they may be. The few interviews we conducted reassured the solemnity of choosing a particular urban destination, over the obstinacy of the new and quick-fire trips. Each city, then, appears to be unique, one before the others, despite demanding more analytical criteria to truly know their "aura".

With which hues should we have painted our first questioning? Was Porto or not a unique city to the tourist(s) gaze(s)? We believed it was, but quickly dispelling a supposed "universal quality" of its uniqueness; in other words, it may not have been Porto emanating that aura or authenticity, but the tourist itself, during its many-faced relationship with the visited space. Instead of being solely imbued within its concept of city, Porto's aura spread out, built by all those that traversed and experienced the city (and keep doing so); just like, perhaps, not being a

“unique” and common aura, potentially similar to all, but a fragmented one, in accord with the intents and innermost feelings of each social agent, inhabitant or tourist alike.

In this measure, we alluded to the “builders of the city”, in loose translation of Lopes’ expression (2002: 71-72), insofar as each social agent upheld an imagined (and imaginary) city, ever exposed to the slopes of objective and daily reality and to the breadth of its own possibilities. We believed it was through the dialogue between the *represented* city and the *encountered* city that the social agent could perceive its significance and therefore its aura. During the ethnographic challenge we posed to the foreign tourists, we saw how their gazes contrasted: the charm and allure of the historical building or enticing landscape were interspersed by a tree, a sitting person, less known statues laughing about one another. Both ways the nurture of a specific aura: more imagined than actual, and other times more real than imagined – the accepted and “official” meaning of a given space *versus* the intimate significance bestowed upon that space by each individual.

Or, pursuing a literary vein, “the invisible cities” within any city, as written by Calvino (2015), being carried about by social agents: Zirna (2015: 28), wherefrom each traveller returns with different memories; Tamara (2015: 22-23), city of signs which tell us everything we should think, where every page has been already written; or Fedora (2015: 16) and Isidora (2015: 41-42), where places we have dreamt for ourselves are confronted with reality, turning dreams impossible, only presumed.

We advanced each tourist would take a different keepsake, an aura represented as only theirs, even though confined by the singularity of the journey, by the knowledge of the city (foregoing and elapsed), by negative accidents or emotive incidents, by their own perceptions of reality, all shaped by their specific and objective life conditions in travel and back home. We thought Porto’s aura would be defined like this as observed by the tourist gaze, just as a kind of sentimental geography of a life spent there would be for the local dweller. “One Porto in each” maybe is too romantic and post-modern, and it is through the difficult and frustrating dialectic with the “Porto of everyone” that each one may build its city. Numberless and renowned examples could be purveyed, *multiple* cities of Porto that have been built over the bumped streets of living reality: the historical Porto, which may never return, spoken by local famed journalists and historians as Germano Silva - “*Porto: Histórias e Memórias*” (2011)⁹ - and Helder Pacheco -

⁹ Germano Silva, a man of multiple crafts in his life, notably journalism, has published several more accounts of Porto’s history, such as “*Porto: Nos Lugares da História*” (2013) and “*Porto: Viagem ao Passado*” (2015).

“*Porto: Da Cidade e da Gente*” (2003)¹⁰; the magical Porto as written through the pen of poets like Manuel António Pina - “*Porto, Modo de Dizer*” (2002)¹¹; the sorrowful and romantic Porto as celebrated by Camilo Castelo Branco on his novel “*Amor de Perdição*” (2006), first published in 1861; the sardonic Porto of Ramalho Ortigão and Eça de Queiroz, in a series of satirical chronicles about the Portuguese society of the nineteenth century published by both between 1871 and 1872, and by the former alone until 1882, titled “*As Farpas*” (2013); the bourgeois city of old, pointedly characterized by a commercial class of English businessmen who had come to Porto and made their lives there, written by Júlio Dinis in “*Uma Família Inglesa*” (2010), firstly issued in 1868; and finally, the city of each one’s human and social experience, the home-work pendulums (overlooking what is around) or the gardens of infinite jaunts, the culture and sports, the one pertaining to the tourists, the one arising from the foggy river mouth.

We could have tapped Porto’s surface further, as far as tourism is concerned: adding the practical level of maps and guides to the analysis, not just delving into the performance of using a map or into the imagination touristic photographs can induce, for instance. Or even a bolder, more constructive approach to the tourist itself and corresponding population-in-motion, in the same ilk of the ethnographic challenge: a bigger focus on interviews, perhaps “touristic life stories”, sociological portraits, since tourism, and the ensuing imagination, is increasingly integrated within the leisure practices of contemporary societies. And what about the other side, pertaining to Porto’s citizens and residents? What significance do they grant to city break’s intensified type of tourism in “their own city”? Which pros and cons? Do they really view tourists as a massive horde of invaders, conscripted to perpetual commercial exchange, with no added emotional and human value? How do they internalize erstwhile “free” spaces now subject to entrance fee - like Lello’s famed and centennial bookshop¹² – due to touristic influx? Here, we imagined Michel de Certeau (1980) and the great divide between dominant and popular cultures,

¹⁰ Helder Pacheco, a teacher by calling, and lifetime researcher of Porto’s social and cultural forms, has been at the forefront of the city’s written historiography, including titles like “*Porto – Memória e Esquecimento*” (1994) and “*Porto: Lugares dentro de nós*” (2001).

¹¹ The late Manuel António Pina, on the other hand, was a writer and poet throughout his life, and adopted Porto as *his* city, having been born elsewhere in Portugal, in the district of Guarda. His works range from poetry to children’s literature, and his thoughts about the city of Porto can be more readily found in the journalistic pieces he authored while working at a local newspaper, namely “*Crónica, Saudade da Literatura*” (2014), and “*O Anacronista*” (1994).

¹² “Lello & Irmão” is a bookstore located within the scope of Porto’s historical center, inaugurated in 1906. Famous for its architecture - façade and interior alike - it has become a mainstay of the city’s touristic postcard (and attendant routes), gaining international prominence in the meantime: it has been oft named one of the most beautiful bookstores in the world, as can be seen on their official website, referenced below. The aforementioned “entrance fee” is redeemable by purchasing a book there, and it was instituted to minimize the newfound pressure the place has been subject to by its increasing visitors.

and the actions or shapes each would undertake when facing the other: the “occupation armies” of the first type of culture toward the second; and the “guerrilla armies” of the second type fighting the first. Tourists as part of an “occupation army” in native lands? Grounded and objective research conditions can also hinder whatever invisible imaginaries the researcher may cling to.

What about Porto? Will it always be a fashionable city with regard to international tourism? According to Benjamin (2001: 72), merchandise embodies an autophagic rite, destined to be replaced by another commodity in due time. Within the scope of the fray between “commodified” cities in the cultural arena of global tourism - on the threshold of sociology of fashion and consumption – here’s another possible road to be taken, which could be combined with the making of “mythical” cities, in loose adaptation of Barthes’s myth concept (Barthes, 1997: 190), whereby cities have numberless significant (signs) and shapes (like the photographic picture) at their disposal to unceasingly redress themselves before the eyes of those who are most interested in tourism – here, semiotics.

At the very end, Porto seems firmly embroiled in tourism, on the receiving end of international influxes all year long. Tourism is no longer a scant, occasional phenomenon in this city: the stability and discretion of contemporary urban tourism, with *city break* at the forefront, turned it into a permanent fixture of international travel. Despite the boundaries, as outright as hidden, that underlaid our research and scientific labor, we strained to write yet another page of this city’s book, the same one which is filled daily by its inhabitants and tourists equally – we hope to have achieved this goal.

References

- AUGÉ, Marc (1994), *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- AZVEDO, Natália (2007), *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na Área Metropolitana do Porto – um estudo de caso*, Tese de doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BARTHES, Roland (1997), *Mitologias*, Lisboa, Edições 70.
- BAUMAN, Zygmunt (1996), “From Pilgrim to Tourist – or a Short History of Identity”, in Stuart Hall; Paul Gay (orgs.), *Questions of Cultural Identity*, London, Sage Publications, pp. 18-36.
- BENJAMIN, Walter (1992), “A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica”, in Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d’Água, pp. 71-113.
- (2001), “Paris, capital do século XIX”, in Carlos Fortuna (org.), *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 67-81.

- BERICAT, Eduardo (1998), *La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social: significado y medida*, Barcelona, Ariel.
- BOORSTIN, Daniel (1992), *The image: a guide to pseudo-events in America*, New York, Vintage Books.
- BRANCO, Camilo Castelo (2006), *Amor de Perdição*, Alfragide, Dom Quixote.
- CALVINO, Italo (2015), *As Cidades Invisíveis*, Alfragide, Dom Quixote.
- CERTEAU, Michel de (1980), *L'invention du quotidien. Vol. 1, Acts de faire*, Paris, Union Générale d'Éditions.
- CHOAY, Françoise (1999), *A alegoria do património*, Lisboa, Edições 70.
- CRANG, Mike; FRANKLIN, Adrian (2001), “The trouble with tourism and travel theory?”, *Tourist Studies*, vol. 1 (1), pp. 5-22.
- CUNHA, Licínio (2010), “Desenvolvimento do Turismo em Portugal: os Primórdios”, *Fluxos & Riscos*, vol. I, pp. 127-149.
- DINIS, Júlio (2010), *Uma Família Inglesa*, Porto, Porto Editora.
- DUNNE, Gerard; FLANAGAN, Sheila; BUCKLEY, Joan (2010), “Towards an Understanding of International City Break Travel”, *International Journal of Tourism Research*, vol. 12 (5), pp. 409-417.
- FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio José; SILVA, Augusto César (orgs.) (2013), *Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais*, Rio de Janeiro, Consequência.
- FORTUNA, Carlos (1999a), “Turismo, autenticidade e cultura urbana”, in Carlos Fortuna, *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta Editora, pp. 47-71.
- (1999b), “Nem Cila nem Caribdis: somos todos translocais”, in Carlos Fortuna, *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta Editora, pp. 11-21.
- (1999c), “As cidades e as identidades: narrativas, patrimónios e memórias”, in Carlos Fortuna, *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta Editora, pp. 23-44.
- FORTUNA, Carlos (org.) (2001), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editores.
- FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (orgs.) (2009), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, Coimbra, Almedina.
- FOUCAULT, Michel (1984), “Des Espaces Autres”, *Architecture/Mouvement/Continuité*, vol. 5, pp. 46-49.
- FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS (2015), *Três décadas de Portugal europeu: balanço e perspetivas*, [Accessed in 15.11.2017]. Retrieved at < <https://www.ffms.pt/upload/docs/PortEuroUmBal3Dec.pdf> >.
- GAGLIARDI, Clarissa (2009), “Turismo e Cidade”, in Carlos Fortuna; Rogerio Leite (orgs.), *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, Coimbra, Almedina, pp. 245-263.
- GORP, Bouke van (2012), “Guidebooks and the Representation of “Other” Places”, in Murat Kasimoglu; Handan Aydin (orgs.), *Strategies for Tourism Industry – Micro and Macro Perspectives*, Rijeka, Croatia, InTech, pp. 3-32.

- GUERRA, Isabel (2006), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*, Cascais, Principia.
- HATHERLY, Ana (2004), *Interfaces do olhar – uma antologia crítica; uma antologia poética*, Lisboa, Roma Editora.
- LASH, Scott; URRY, John (1998), *Economías de signos y espacio: sobre el capitalismo de la posorganización*, Buenos Aires, Amorrortu Editores.
- LEFEBVRE, Henri (1991), *The production of space*, Oxford, Blackwell.
- LOPES, João Teixeira (2002), *Novas Questões de Sociologia Urbana: conteúdos e «orientações» pedagógicas*, Porto, Edições Afrontamento.
- MACCANNELL, Dean (1999), *The tourist: a new theory of the leisure class*, Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press.
- MIRANDA, Tiago (2015), *O Porto turístico: olhares sobre a cidade*, Tese de mestrado em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MOREIRA, Fernando (2008), *O Turismo e os museus nas estratégias e nas práticas de desenvolvimento territorial*, Tese de doutoramento em Museologia, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- ORTIGÃO, Ramalho; QUEIROZ, Eça de (2013), *As Farpas*, Parede, Principia.
- PACHECO, Helder (1994), *Porto – Memória e Esquecimento*, Porto, Edições Afrontamento.
- (2001), *Porto: Lugares dentro de nós*, Porto, Edições Afrontamento.
- (2003), *Porto: Da Cidade e da Gente*, Porto, Edições Afrontamento.
- PEIXOTO, Paulo (2003), “Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 13, pp. 211-226.
- PINA, Manuel António (1994), *O Anacronista*, Porto, Edições Afrontamento.
- (2002), *Porto, Modo de Dizer*, Vila Nova de Gaia, Edições Asa.
- PINA, Manuel António (2014), *Crónica, Saudade da Literatura*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2003), *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, Afrontamento.
- SILVA, Augusto Santos (2007), “Como abordar as políticas culturais autárquicas? – uma hipótese de roteiro”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, vol. 54, pp 11-33.
- (2011), *Porto: História e Memórias*, Porto, Porto Editora.
- (2013), *Porto: Nos Lugares da História*, Porto, Porto Editora.
- (2015), *Porto: Viagem ao Passado*, Porto, Porto Editora.
- SONTAG, Susan (2012), *Ensaio sobre Fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores.
- URRY, John (2002), *The Tourist Gaze, 2nd Edition*, London, Sage Publications.

Other references

- Câmara Municipal do Porto, [Accessed in 26.07.2018]. Retrieved at <<http://www.cm-porto.pt/>>.
- Clérigos Tower, authorship of Visit Porto., [Accessed in 26.07.2018]. Retrieved at <<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=1407&AreaType=1&Area=8>>.

Historic Centre of Oporto, Luiz I Bridge and Monastery of Serra do Pilar, authorship of UNESCO [Accessed in 18.11.2017]. Retrieved at <<http://whc.unesco.org/en/list/755>>.

Sandeman Cellars, authorship of Visit Porto., [Accessed in 26.07.2018]. Retrieved at <<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=383&AreaType=1&Area=8>>.

São Bento Railway Station, authorship of Visit Porto., [Accessed in 26.07.2018]. Retrieved at <<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=1805&AreaType=1&Area=8>>.

The World’s Most Beautiful Bookshop, authorship of Livraria Lello Porto, [Accessed in 26.07.2018]. Retrieved at <<https://www.livrarialello.pt/en-us/livrarialello-institucional>>.

Touristic guide of Porto, authorship of the European Consumers Choice, [Accessed in 18.11.2017]. Retrieved at <<https://www.europeanbestdestinations.com/travel-guide/porto>>.

Tiago Miranda. Licenciado e Mestre em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Endereço de correspondência: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Email: tiago_miguel_ribeiro@hotmail.com

Artigo recebido em 12 de janeiro de 2018. Publicação aprovada em 25 de julho de 2018.

Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto

Julio Cesar Nicodemos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Ferro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

O presente artigo centra-se na discussão das articulações possíveis entre a metodologia etnográfica e a metodologia de pesquisa usada na clínica psicanalítica para a compreensão de territórios urbanos em que transitam indivíduos com consumos abusivos de álcool e de outras substâncias psicoativas ilícitas. Para esta construção teórico-prática, foram consideradas as experiências dos autores tanto no cuidado de consumidores de drogas a partir de estratégias de atenção psicossocial aplicadas no Brasil, como na investigação etnográfica em Portugal. Uma das principais conclusões colocadas à discussão, consiste na evidência de que a articulação de tais metodologias permite uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos territórios urbanos, considerando simultaneamente os problemas de ordem coletiva e de ordem individual neles presentes.

Palavras-chave: psicanálise; etnografia urbana; territórios urbanos.

Between ethnographic and psychoanalytical ways of doing: thoughts on “listening” homeless population in the cima de vila street, city of Porto

Abstract

The text focuses the possible implications of articulating the ethnographic methodology and the research methodology applied in the psychoanalytical approach for the comprehension of urban territories where individuals presenting abusive uses of alcohol and other drugs are present. For this theoretical-practical construction, the experiences of the authors in the field of psychosocial care of drug users in Brazil and in the field of ethnography in this type of territories in Portugal were considered for thought. One of the main conclusions of this work relies in the fact that the articulation of these methodologies allows a broader and deeper comprehension of these territorial contexts, considering simultaneously collective and individual problems.

Key words: psychoanalysis; urban ethnography; urban territories.

NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lígia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.

Entre les manières de faire ethnographique et psychanalytique: réflexions sur l'écoute de la population sans-abri dans la rue de Cimo de Vila, à Porto

Resumé

Cet article présente une réflexion sur les articulations possibles entre la méthodologie ethnographique et la méthodologie de recherche propre de la psychanalyse dans la compréhension des territoires urbains dans lesquels transitent sujets qui présentent consommations abusives d'alcool et d'autres substances psychoactives illicites. Pour cette construction théorique et pratique, les auteurs ont considéré ses expériences dans le champ de l'attention psychosocial au Brésil, autant que ses expériences de recherche ethnographique dans cette sorte de territoires au Portugal. Un des conclusions fondamentales de ce travail nous indiquent que l'articulation entre ces méthodologies nous permet une compréhension plus large et approfondie de ces contextes territoriaux, considérant simultanément problèmes d'ordre collectif et individuelle.

Mots-clés: psychanalyse; ethnographie urbain; territoires urbains.

Entre el hacer etnográfico y el hacer psicoanalítico : reflexions sobre la «escucha» de la población sin abrigo en la calle Cimo de Vila, ciudad de Porto

Resumen

Este texto presenta una reflexión sobre las articulaciones posibles entre la metodología etnográfica y la metodología de la clínica psicoanalítica en la comprensión de territorios urbanos en los cuales se mueven sujetos que presentan consumos abusivos de alcohol y de otras sustancias psicoactivas ilícitas. Para esta construcción teórico-práctica, los autores han considerado sus experiencias en el cuidado de consumidores a partir de estrategias de atención psicosocial en Brasil, tal como sus experiencias de investigación etnográfica en este tipo de territorios en Portugal. Una de las principales conclusiones de este trabajo consiste en que la articulación de estas metodologías permite una comprensión más amplia y profunda de estos contextos territoriales, considerando simultáneamente los problemas de orden colectiva e individual.

Palabras-clave: psicoanálisis; etnografía urbana; territorios urbanos.

1. Introdução

A presente reflexão resulta de uma breve exploração etnográfica na qual se procuraram pontes com a metodologia aplicada na psicanálise, partindo dos relatos recolhidos com os nossos informantes de modo a possibilitar uma leitura coletiva e ao mesmo tempo individual das dinâmicas que perpassam determinados territórios urbanos. Neste sentido, buscamos descrever a partir destas duas metodologias, a articulação entre as problemáticas sociais coletivas e a possibilidade da escuta de cada sujeito na sua dimensão singular. Assim, ao longo

deste artigo, colocamos em diálogo os resultados desta exploração etnográfica com outros trabalhos prévios dos autores, de modo a extrairmos consequência práticas e teóricas comuns entre estes dois campos metodológicos – a metodologia etnográfica e a psicanalítica.

O estudo que aqui se apresenta, resulta do trabalho conjunto dos autores, o qual se iniciou no Curso Avançado de Etnografia Urbana, lecionado pela segunda autora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto¹. No domínio deste curso foi decidido coletivamente, seleccionar uma zona da cidade do Porto para realização de uma pequena exploração etnográfica, incluindo algumas idas frequentes ao terreno para realizar observação, procurando identificar informantes privilegiados e fazendo um registo exaustivo e sistemático da informação no diário de campo.

Assim, a zona da Praça da Batalha, no centro da cidade do Porto, foi eleita para realização deste trabalho. A pesquisa sobre a qual se reporta neste texto, centrou-se na Rua de Cimo de Vila, a qual é confluyente com a referida praça, pelo facto de esta rua apresentar características territoriais que permitem explorar um tema mais amplo de interesse, o da intervenção interdisciplinar com populações em vulnerabilidade em contexto urbano² aplicada no contexto de estratégias de redução de riscos e minimização de danos³, focalizando aqui mais concretamente a *práxis* clínica e as ferramentas etnográficas. A rua Cimo de Vila tem em si as marcas encontradas noutros espaços onde o comércio e o uso de drogas estão presentes e são vividas por pessoas em situações de grande vulnerabilidade social.

A nossa proposta de reflexão, para além de apresentar os resultados deste breve estudo etnográfico, ousa trazer também outras experiências dos autores para que possamos esboçar um esquema teórico sobre os contributos da metodologia etnográfica para o fazer do psicanalista, quando este trabalha em territórios como as ruas, onde encontra indivíduos que nunca chegariam ao atendimento no seu consultório privado – experiência que o primeiro autor possui a partir da sua inclusão em equipas de atenção psicossocial no Brasil. Do mesmo modo, buscámos contributos a partir da metodologia psicanalítica para o fazer etnográfico, de modo que a dimensão do sofrimento psíquico e as suas especificidades seja abrangida como um

¹ Os cursos de formação contínua de Etnografia Urbana (introdução e avançado) são lecionados por Lúgia Ferro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde o ano letivo de 2014/2015. Até ao momento, o curso de introdução à etnografia urbana teve seis edições e o curso avançado de etnografia urbana, uma edição.

² A propósito veja-se também Ferro *et al.*, (2014).

³ Julio Nicodemos encontra-se a desenvolver a sua pesquisa de doutoramento sobre a *práxis* clínica com populações em vulnerabilidade em conjunto com estratégias de redução de riscos e minimização de danos e o impacto das políticas de descriminalização das drogas nos tratamentos destes indivíduos. As políticas e estratégias de Redução de Riscos e Minimização de Danos relacionadas com o consumo de drogas e as epidemias da SIDA e hepatites virais, surgiram na Holanda e expandiram-se para diferentes países do mundo na passagem dos anos 80 para os anos 90, com o intuito de interferir no impacto destas epidemias.

elemento da pesquisa etnográfica. Sendo assim, buscamos apresentar leituras interdisciplinares sobre as dinâmicas de populações que permanecem segregadas nas cidades em contextos de vulnerabilidade apresentando, muitas vezes, situações de alcoolismo e de consumo de substâncias psicoativas ilícitas.

Partimos assim dos estudos desenvolvidos no domínio da Escola de Chicago⁴, que desde a sua origem nos Estados Unidos da América se dedicou à investigação de problemas sociais em territórios urbanos, a partir de um enfoque sociológico, mas combinando ferramentas teóricas e metodológicas de outras disciplinas (desde logo da antropologia e a geografia). A etnografia surgiu como uma metodologia heurística na abordagem aos problemas sociais mais complexos e ocultos que Chicago vivia então. Tal metodologia de pesquisa, permitiu assim a aproximação a contextos sociais com populações cujos comportamentos se consideravam desviantes (Becker, 1963), para além de auxiliar na construção de novas possibilidades de intervenção e cuidado nestes territórios habitados por uma diversidade de grupos. Não podemos esquecer que a metodologia etnográfica surge no seio da tradição disciplinar da antropologia, fazendo parte do seu património fundacional. Contudo, há muito que a etnografia deixou de ser uma estratégia de investigação de uso exclusivo da antropologia (Cordeiro, 2010: 112), estando inclusivamente na base de um campo interdisciplinar de estudos relevante em Portugal (Cordeiro, Baptista e Costa, 2003).

Deste modo, conciliaremos a discussão da relação da metodologia etnográfica com a metodologia clínica exercida no campo da atenção psicossocial brasileira com consumidores de álcool e de drogas ilícitas, tendo os autores uma longa experiência em ambas as áreas. Afirmamos que o tema do consumo abusivo de drogas e da redução de riscos e minimização de danos, assim como os restantes temas que se desdobram deste eixo principal – como é o caso da gentrificação nas cidades contemporâneas –, incluem problemáticas extremamente complexas e que transbordam os campos disciplinares da psicologia e da sociologia no que diz respeito à sua apreensão e compreensão.

⁴ A Escola de Chicago foi o principal núcleo de inovação para os estudos das ciências sociais ao final do século XIX e início do século XX, tecendo uma abordagem às questões suscitadas pelas diferentes populações que devido ao processo de industrialização das cidades, passaram a ocupar novos territórios e estabeleceram novas dinâmicas nestes espaços. Como exemplo destes estudos, podemos destacar o livro paradigmático de Whyte (1943), *Street Corner Society* e o modo como através da metodologia etnográfica, as ciências sociais se puderam aproximar destas populações, descrevendo-as e analisando-as de modo aprofundado, rigoroso e inovador.

2. Entre a clínica e a etnografia: duas posições de não-saber e algumas respostas possíveis no trabalho dos territórios urbanos

Para chegarmos a esta reflexão, onde incluímos a metodologia etnográfica como uma possibilidade para a construção das nossas ações de investigação e intervenção, passaremos a contextualizar as experiências dos investigadores neste domínio.

O nosso trabalho teve como ponto de partida as experiências do primeiro autor como psicólogo e psicanalista entre os anos de 2009⁵ e 2018 no campo brasileiro da atenção psicossocial, através de alguns dispositivos de tratamento de consumidores de substâncias psicoativas em situação de vulnerabilidade social, assim como na experiência de Ferro como socióloga e investigadora envolvida em projetos de investigação e de investigação-ação comunitária, principalmente entre 2011 e 2018. Das nossas experiências profissionais, destacamos a coordenação, por parte de Nicodemos, da ERIJAD (Equipe de Referência Infanto-Juvenil para ações de atenção ao uso de álcool e de outras drogas) na cidade de Niterói (Rio de Janeiro, Brasil), como psicólogo na equipa do “Consultório na Rua”, atendendo os sem-abrigo e/ou as (os) profissionais do sexo no centro da cidade do Rio de Janeiro. Salientamos também a experiência de Ferro, especialmente no contexto do projeto RRMD Marvila, no qual desenvolveu intervenção comunitária no âmbito de uma estratégia de Redução de Riscos e Minimização de Danos em Marvila (Lisboa, Portugal⁶). Os trabalhos de Nicodemos construíram-se a partir de uma orientação da clínica psicanalítica, considerando os arranjos possíveis da psicanálise com outros campos do saber, em especial com os da sociologia e da antropologia. As experiências de Ferro circunscreveram-se à dinamização comunitária por via da organização de atividades culturais conjuntas, no âmbito de uma equipa multidisciplinar, no âmbito da qual a clínica psicossocial⁷ e a intervenção social se encontravam integradas numa estratégia comunitária (Ferro *et al.* 2014).

Desde o início do nosso trabalho de intervenção individual e comunitária e de desenvolvimento psicossocial com as diferentes populações (situações de alcoolismo e/ou

⁵ Ano em que o pesquisador concluiu a sua Residência Multiprofissional em Saúde Mental na Rede de Atenção Psicossocial de Niterói (RJ).

⁶ Projeto promovido pela APDES (Agência Piaget para o Desenvolvimento) e financiado pelo ex-Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT); para mais detalhes conferir Ferro *et al.* (2014).

⁷ A expressão *clínica psicossocial* tem a sua origem na reformulação da assistência em saúde mental no Brasil que ocorreu a partir do início dos anos 200 com a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Esta expressão refere-se ao cuidado clínico de pessoas em sofrimento psíquico nas instituições que compõem a rede de atenção psicossocial (nos Centros de Atenção Psicossocial, ambulatórios de saúde mental, etc.). A principal característica da clínica psicossocial é justamente a possibilidade de intervenções fora dos settings clássicos de psicoterapia, como por exemplo espaços coletivos ou territórios de vivência dos atores sociais.

consumo de outras substâncias psicoativas ilícitas, psicóticos, adolescentes em risco de morte no âmbito do tráfico de drogas, prostitutas, travestis, etc. no caso brasileiro, e situações de alcoolismo e consumidores de substâncias psicoativas tais como a cannabis e drogas sintéticas para uso em contextos recreativos, no caso português), notámos que a conjugação da metodologia psicanalítica, que busca a escuta de cada sujeito na sua singularidade de sofrimento a partir de um vínculo terapêutico e das metodologias usadas na prática sociológica não era uma opção, mas sim uma necessidade perante estes contextos de trabalho, os quais transbordam a prática profissional em contexto de consultório tradicional.

Os estudos da sociologia com consumidores de drogas desde os anos de 1960, e mais especificamente aqueles que aplicaram a metodologia etnográfica, permitiram identificar questões sociais e psicológicas de extrema relevância, as quais basearam as nossas leituras e análises clínicas e sociológicas até à atualidade (Becker, 1963; Jung, 1971; Adler, 1985)⁸. Nesta linha, e remetendo para o caso português, devemos dar o devido destaque ao trabalho etnográfico desenvolvido pelo sociólogo Miguel Chaves no extinto Casal Ventoso em Lisboa (Chaves, 1999). Estas considerações confirmam-se sobretudo quando exploramos “territórios psicotrópicos” – termo aprofundado teórico-empiricamente por Fernandes (1995, 2002, 2003, 2015), outra referência incontornável no campo da etnografia urbana dos consumos e tráfico de drogas – para forjar estratégias de intervenção no setor da saúde mental e bem-estar social, particularmente centradas no tratamento clínico prestado a indivíduos em sofrimento psíquico.

Sobre a relação entre as ferramentas usadas na prática psicanalítica e etnográfica, e sobre uma possível comparação entre estes dois modos de *práxis* e de abordagem interpretativa à realidade (tendo em conta que tanto o psicanalista como o etnógrafo partem de um fazer para extrair um saber e não da aplicação de um saber *acabado* antes da prática, apesar da teoria assumir um papel de comando em ambos os campos), recordamos as palavras do antropólogo brasileiro Gilberto Velho:

“As analogias com a psicanálise, embora um tanto perigosas, são óbvias. Trata-se, afinal de contas, de uma tentativa de identificar mecanismos conscientes e inconscientes que sustentam – e dão continuidade – determinadas relações e situações. Assim, volta-se a um ponto crítico. Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos autores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permitem-se fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias

⁸ São aqui como exemplos, o trabalho *Outsiders* de Becker (1963), *The Drug Takers* de Jung (1971) e *Wheeling and Dealing* de Adler (1985). Todos estes trabalhos consistem em estudos etnográficos realizados por sociólogos que envolvem o tema do uso e do tráfico de drogas com populações mais ou menos “socialmente invisíveis”.

mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos.” (Velho, 1987: 128)

Não pretendemos fazer um estudo teórico comparativo entre as metodologias psicanalítica e a etnográfica, mas antes abordar as possíveis conjugações que podem sustentar uma certa prática em territórios até então estranhos ao psicanalista, a partir de algumas coordenadas fundamentais que orientam a sua posição, a qual toca a do sociólogo que aplica a metodologia etnográfica, sem negligenciar as diferenças existentes entre ambas as realidades teórico-práticas. Para tal, partimos das nossas experiências enquanto psicólogo e socióloga, procurando pontes de reflexão teórico-empírica.

O psicanalista opera a partir daquilo que Freud concetualizou como um fazer pela transferência onde o seu campo de intervenção, por excelência, é o território do inconsciente e busca sempre o efeito do seu trabalho a partir do encontro com cada indivíduo na sua singularidade, ainda que os territórios de vida e as suas culturas específicas deixem marcas subjetivas, as quais são coligidas através da escuta clínica.

A conceção de inconsciente freudiano aqui presente, resulta de uma leitura de Jacques Lacan (1901-1981). De acordo com este autor, este é composto de significante (Lacan, 1998 a [1958]: 695), ou seja, estruturado como uma linguagem e, neste sentido, subverte a noção de um inconsciente “das profundezas da mente”, pois ele está ali onde o indivíduo fala, não há um *dentro enigmático* em oposição ao *fora apreendido* pelos sentidos, como alguns ramos da psicologia afirmam (Lacan, 1998 b [1964]: 193).

Os etnógrafos não trabalham a partir destas coordenadas específicas da psicanálise, mas ainda assim, são muitas vezes obrigados a lidar com situações inesperadas e que se referem a manifestações inconscientes, através dos relatos de traumas infantis, sonhos e lapsos de linguagem.

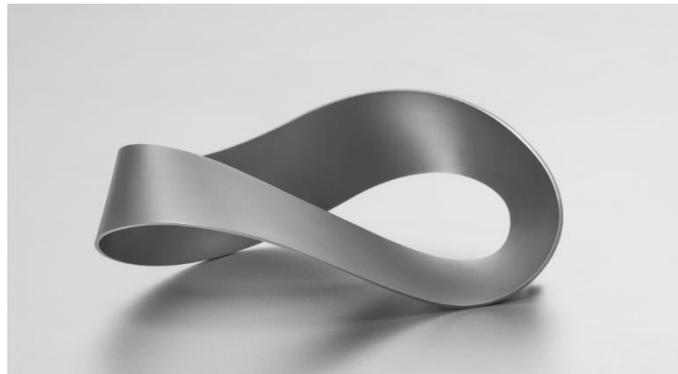
Neste sentido, queremos propor um diálogo entre duas estratégias metodológicas para que a partir daí possamos reforçar o papel de cada um que as pratica (psicólogos e sociólogos que utilizam as metodologias psicanalítica e etnográfica), considerando que o seu intercâmbio de conhecimentos permite estarmos nos territórios sem produzirmos dicotomias ilusórias e falaciosas entre os fatos coletivos e singulares: relacionamo-nos com o *Outro* pela linguagem e esta cisão dentro-fora e coletivo-singular não se sustenta nestes casos. As nossas leituras etnográficas do coletivo e de determinada cultura local estão em linha de continuidade com as

NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lígia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.

leituras que realizamos de cada caso, como numa superfície topológica da *Banda de Moebius*⁹ onde não há um plano interior e outro exterior, mas sim uma continuidade entre *o dentro e o fora*, demonstrando a impossibilidade de uma divisão entre o mundo coletivo e o mundo singular de cada um. Não há sujeito do inconsciente que não seja marcado pelos traços da sua cultura, já nos advertia Freud (1996 g [1921]), ao falar da impossibilidade de separação de uma psicologia individual de uma outra social.

Para ilustrarmos a nossa afirmação, a seguir apresentamos a *Banda de Moebius* (Elia, 2015: 255). Tentamos assim ilustrar, de forma visual, a nossa proposta de leitura desta composição metodológica.

Figura 1: Banda de Moebius



Não é raro que alguns etnógrafos sejam convocados pelos seus informantes como atores que supostamente sabem o que fazer perante os seus embaraços e constrangimentos. Tomaremos aqui como exemplo a obra de Oliveira (2011), cujo trabalho com mulheres que se prostituem possui uma relevância ímpar no campo académico, assim como no movimento social pelos direitos das trabalhadoras do sexo. Na apresentação do seu campo de intervenção, a autora descreve um movimento curioso das prostitutas com quem trabalhava na rua, ao identificarem a sua formação em psicologia: depois de as ouvir algum tempo, estas mulheres faziam-lhe constantes pedidos para que ela cuidasse das suas questões subjetivas a partir de uma escuta clínica.

“Foi também nesse seguimento que passei a ser confidente de algumas delas: passaram a contar-me os seus problemas pessoais e a solicitar-me apoio psicológico. Este pedido de apoio, como

⁹ A *Banda de Moebius* é uma figura topológica inventada em 1858 pelo astrónomo e matemático alemão August Ferdinand Moebius.

psicóloga, surgiu várias vezes, tanto para si, como para familiares ou mesmo clientes.” (Oliveira, 2011: 41)

A autora colocava-se à partida no papel de etnógrafa especificamente e não se propunha a realizar qualquer tipo de intervenção clínica naquele contexto. Contudo, surgiam pedidos que pediam soluções para os problemas encontradas por aquelas protagonistas, o que poderia fazer uma diferença importante na vida de cada mulher que a ela se dirigia. Vemos estes tipos de pedido também noutros trabalhos de cariz etnográfico, no domínio dos quais, os investigadores, a partir da *transferência*¹⁰ que estabelecem com os indivíduos, fazem com que emergjam pedidos que suscitam escuta atenta e requerem soluções. Perspetivando este problema a partir de outro prisma, o mesmo se passa com os analistas que ignoram as necessidades e pedidos coletivos presentes nos territórios e que dizem respeito àquilo que escutamos, mas pelo fato de nos determos em cada caso como único e individual, ignoramos a dimensão mais macrossocial das problemáticas presentes. Nesta direção, tanto o fazer da psicanálise quanto da etnografia, compreendidas como metodologias de pesquisa, conjugam sempre investigação e ação (pois na medida em que escutamos um indivíduo, este facto por si só, já produz consequências).

O nosso percurso prático no campo psicossocial revela que a sua conjugação pode e deve trazer benefícios importantes para a intervenção, em especial em territórios urbanos. Aliás, o que verificamos é que quando não se aplica uma metodologia que implique escuta baseada numa presença frequente do psicólogo ou do sociólogo no território apostando na construção de vínculos, o que resta é o cumprimento de protocolos de investigação e de tratamento que não consideram os saberes dos atores em presença.

Sabemos que em várias pesquisas etnográficas, as práticas coletivas e individuais se revelam a partir da escuta do etnógrafo, e muitos afirmam as suas angústias em relação ao que fazer nessas situações. Consideramos que os vínculos entre os etnógrafos e muitos dos informantes da pesquisa, implicam mais do que empatia, uma vez que favorecem contextos através dos quais os atores passam a supor um acolhimento e resposta, tanto ao nível coletivo, envolvendo a *tradução científica* e a intervenção social e comunitária, como no plano mais individual, em que a escuta faz emergir algo de singular daquele que lhe fala sobre a sua posição diante desta trama de laços sociais em que está inserido. Ao falar para alguém que apresenta um

¹⁰ *Transferência* é um conceito fundamental descrito por Freud (1996 a [1912]) e retomado por Lacan (1998 a [1951]) para a compreensão de um vínculo específico entre o paciente e o seu analista. Trata-se do motor do tratamento, permitindo que cada indivíduo possa endereçar os seus pedidos e a partir daí desdobrá-los no percurso dos seus tratamentos. Apesar do conceito de *transferência* apontar a especificidade deste vínculo do trabalho clínico, todo e qualquer indivíduo pode endereçá-la (a transferência) a alguém que ele supõe possuir um saber que poderá ajudá-lo. Contudo, é o psicanalista que irá considerá-la como ferramenta fundamental de trabalho.

saber-fazer e entendimento dos fenómenos coletivos, o indivíduo apresenta-se na sua dimensão singular. Mas o que podemos aprender da experiência do etnógrafo e das *situações etnográficas*, as quais favorecem frequentemente a descoberta de algo inesperado e que está aparentemente para além do seu trabalho de campo *stricto sensu*?

Podemos avançar algumas hipóteses para responder a esta pergunta. É evidente que os resultados de muitos trabalhos etnográficos contribuem para a construção de orientações de cuidados clínicos com diferentes populações. Talvez não seja uma posição apenas de complementaridade metodológica, mas sim, ao nível das ações do cuidado, de posições de investigação (de cariz clínico-etnográfico) que possuem traços comuns.

Lembramos que não foram os psicanalistas os primeiros a explorar os territórios povoados por atores sociais em diferentes situações de vulnerabilidade social, apresentando consumos de drogas. Aliás, os psicanalistas ainda revelam dificuldades em sair dos seus consultórios. Foram os sociólogos e os antropólogos que tomaram a iniciativa de realizar as primeiras pesquisas em territórios psicotrópicos de diferentes países e podemos destacar o trabalho pioneiro *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*, de Becker (1963). Ainda hoje, afirmamos que são poucos os trabalhos no campo psicanalítico que descrevem com precisão igualável, os fenómenos do uso de drogas em contextos socialmente vulneráveis. Deste modo, consideramos que cabe aos analistas, principalmente aqueles que se dedicam ao atendimento destas populações nos seus próprios contextos de vida (favelas e bairros sociais), incluírem nas suas investigações, estes dados etnográficos para que possam adotar uma escuta mais realista, considerando os laços sociais presentes sem que caiam na pressa de afirmarem os seus “diagnósticos” de toxicodependência.

Rocha e Eckert (2013) falam-nos da experiência do etnógrafo destacando a atenção flutuante na observação da vida social. Destacamos a importância dessa atenção flutuante, principalmente numa fase inicial da pesquisa, prévia à etapa em que se realiza observação detida e sistemática. Parte-se assim de uma posição em que não se sabe o que se vai descobrir, sendo necessário um trabalho de escuta demorada e paciente.

Curiosamente, Freud (1996 a [1912]) fala-nos da escuta analítica com os seus pacientes, afirmando que é necessária uma atenção flutuante, algo que está na contramão de uma aprendizagem concentrada em determinadas informações que nos são transmitidas. É necessário que não nos fixemos em pré-concepções sobre aquilo que cada um de nós diz, deixando que cada ator possa, ele mesmo, construir o seu campo de novos significados. Este ponto de partida comum entre ambas as práticas- a psicanalítica e a etnográfica-, perante aquilo que escutamos, é realmente aquilo que pode apreender uma dada realidade na sua radicalidade – realidade esta

que é simbólica e por isso artificialmente tecida, pois a realidade não está dada a priori e passa apenas a existir a partir daquele ou daquela que nos conta sobre ela.

É a partir desta *posição de não-saber* que o nosso fazer, tanto na psicanálise quanto na etnografia, extrai o seu material através de um saber inédito de cada indivíduo e sobre os laços sociais ali constituídos. A focalização e compreensão aprofundada das práticas e representações dos indivíduos é fundamental para a intervenção a partir da sociologia e da psicologia. Os encaminhamentos mais inusitados para serviços de apoio que já presenciámos, deram-se justamente a partir de uma decisão unilateral por parte do profissional em cena, sem que *o outro* falasse sobre o seu saber a propósito da sua interpelação. Para ilustrarmos a nossa afirmação, citaremos um caso acompanhado por Nicodemos no âmbito do trabalho desenvolvido pela equipa do “Consultório na Rua” (unidade móvel) no ano de 2012, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Em 2012, João (nome fictício) tinha 29 anos e iniciou as suas idas à unidade móvel no Centro do Rio de Janeiro, solicitando cuidados médicos para um problema no seu olho esquerdo, pois sentia que estava a perder a visão. Os elementos da equipa já tinham ouvido dizer que o João estava a dormir na rua e que fazia uso intenso de cocaína, para além de participar na rede de tráfico de drogas existente no centro da cidade. Com frequência, ele chegava à unidade móvel apresentando hematomas e feridas de arma branca no seu corpo, relatando ter sofrido violência dos seus colegas da “boca de fumo”¹¹

É importante considerar que João já estava em situação de rua há cinco anos, desde que se mudou do estado do Espírito Santo para a cidade do Rio de Janeiro e que, apesar de conseguir dinheiro através do tráfico de drogas e de alguns trabalhos informais que realizava na construção civil, nunca decidiu arrendar um quarto para si ou morar num abrigo da Prefeitura do Rio de Janeiro.

João dizia com frequência aos elementos da equipa, o que considerava que supostamente eles gostariam de ouvir, isto é, partilhava os desejos de conseguir uma boa vida doméstica, laboral e íntima no âmbito familiar: “quero um trabalho digno, arrumar uma casa, resgatar minha família do Espírito Santo e parar de cheirar pó (cocaína)” (João, Centro do Rio de Janeiro, Brasil: março de 2012).

Entretanto, todas as vezes que algum profissional de saúde tentava intervir para resolver as suas supostas mazelas psicossociais, ele reagia de forma bastante violenta, chegando a agredir um dos profissionais, ameaçando com atos de grande violência (João expunha-se a confrontos de rua bastante violentos).

¹¹ Estabelecimento ilegal de comércio de drogas situado em *comunidades e favelas*.

Foi justamente o que os elementos da equipa sabiam sobre a vida na rua, a partir dos muitos casos que acompanhavam que permitiu que se suspendesse o *furor curandis* de reinserção social, passando simplesmente a escutá-lo no seu sofrimento. Aos poucos, João conseguia falar um pouco mais da sua história e reposicionar-se como ator face às escolhas que fazia como os seus únicos modos de satisfação, muitas vezes mortíferos. Passou a viver num quarto (dentro de um cortiço¹²) arrendado por ele próprio, com o dinheiro que ganhava e dizia estar usando pouquíssima quantidade de cocaína.

Ingenuamente, a equipa passou a agir com júbilo às conquistas de João e com a sensação de “dever cumprido” face à redução da quantidade de drogas consumidas. A partir de certa altura, João passou a exprimir grande angústia ao psicólogo, dizendo que precisava voltar para a rua e que “já não aguentava mais aquela realidade”. Num dos atendimentos, mencionou que à medida que o seu uso de cocaína diminuía, “alguns pensamentos proibidos aumentavam”. Sobre estes pensamentos, dizia com grande sofrimento, que passou a ser invadido por eles todas as noites que chegava ao seu quarto e que encontrava um dos seus vizinhos pré-adolescente. Dizia que “sentia vontades sexuais estranhas” e que a cocaína era a única coisa que intercetava aqueles desejos. Falava que neste momento ficava “entre o ilícito (da droga) e o proibido (da relação sexual com um pré-adolescente)”, o que o fez decidir novamente pelo seu retorno à rua e ao uso de cocaína, até que outras soluções possíveis fossem encontradas.

Partindo do caso de João, notamos que algumas investigações etnográficas prévias já nos advertiam para o facto de que nem todos os que estão em situação de rua poderem ou quererem residir numa casa, tal como o *urbanita padrão*, como iremos designar este ideal de ego social. Contudo, ao escutá-lo na sua singularidade, foi possível darmos um passo em frente, percebendo o que impedia João de sustentar esta vida de *urbanita padrão*.

A verdade é que até aos nossos dias, poucos são os psicanalistas que se disponibilizam para escutar estes indivíduos nos seus territórios e contextos de vida, algo que os cientistas sociais que realizaram etnografia sobre estes temas, já fazem há muito tempo. Escutar os indivíduos nos seus territórios e enfrentando as situações adversas que regem o seu quotidiano, é um contributo ímpar para que o fazer clínico possa proporcionar o acesso a pessoas que até então não poderiam beneficiar da metodologia psicanalítica.

Freud (1996 e [1919]) advertia-nos de que a metodologia psicanalítica precisava de ser reinventada (ainda que não perdesse o seu rigor concetual), para que pudéssemos alcançar um público diferente daquele sobre o qual se debruçou em Viena no início do século XX- as *históricas* oriundas de uma classe social abastada. Em jeito de metáfora, ele afirmava que as

¹² Casa que funciona como uma habitação coletiva para a população socioeconomicamente desfavorecida.

suas descobertas clínicas eram como “ouro em estado de pureza” no campo médico, mas que face aos novos fenómenos sociais como a vida perpassada por constantes sofrimentos de algumas crianças e os homens que abusam de álcool, este ouro por ele encontrado, deveria fundir-se com o “cobre” de outras metodologias de trabalho para que pudesse ter implicações para a prática, proporcionando uma combinação entre tratamento analítico e outras abordagens práticas. Não podemos deixar de notar na forma como Freud hierarquizava os saberes, consagrando as suas descobertas como ouro, no entanto reconhecendo que as mesmas apenas teriam implicações para a prática, caso se conjugassem com outras metodologias.

Também encontramos inúmeras referências a estudos da sociologia e da antropologia em algumas passagens de obras de Freud como base estrutural mínima para que, a partir destes conhecimentos, pudéssemos desdobrar as nossas leituras teóricas. O próprio texto pré-psicanalítico de Freud, *Über Coca* (2017 [1884]), já destacava o conhecimento dos povos primitivos e das sociedades andinas em relação à utilização da folha de coca em tratamentos medicinais. Além deste texto, temos outras obras em que esta perspetiva sociocultural se expressou numa metáfora sobre a realidade psíquica, como no texto *Totem e Tabu* (1996 b [1913]) onde Freud recorre à realidade mítica para falar da dinâmica das neuroses e do tabu do incesto.

Não é em vão que a história da psicanálise é mediada por críticas e interlocuções com diferentes antropólogos como Claude Lévi-Strauss (1975) e Bronislaw Malinowsky (1973). Ambos interrogaram a pretensão freudiana de que as suas descobertas fossem universais, mas sem deixar de reconhecer a grandiosidade da sua obra. Portanto, o nosso intuito não é a invenção de uma interlocução inédita entre dois campos de investigação, mas sim as implicações para a prática deste diálogo, entendendo como nos pode auxiliar em novos modos de atenção e intervenção nos mais variados territórios vividos por aqueles que conosco partilham os seus saberes e problemas.

3. Uma breve exploração etnográfica: o encontro com um território urbano e com um urbanita na rua cimo de vila

Para cumprir os objetivos propostos no *Curso Avançado de Etnografia Urbana*, era necessário explorar etnograficamente a Rua de Cimo de Vila, rua confluyente com a Praça da Batalha, situada na cidade do Porto. Aqui buscámos elementos de reflexão, partindo da experiência dos dois autores do presente texto. Portanto, o recorte

NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lúgia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.

“A Rua de Cimo de Vila é uma das poucas ruas do Porto que sobraram e que tem estas características, mas vai ser diferente, pois muitos destes prédios foram comprados. As pessoas que circulam na rua vêm para a instituição comer todos os dias, isto passou a acontecer porque os donos dos restaurantes da Praça da Batalha fizeram um acordo para realizar donativos para a instituição e assim evitar que os sem abrigo peçam comida aos clientes”. (Raul, rua Cimo de Vila, Porto: julho de 2017)

Percebemos que as palavras de Raul revelavam uma tensão entre o processo de *turistificação* da cidade e as práticas e estilos de vida antes presentes naquele território. Sabemos que, em 2011, cerca de 39% dos edifícios das freguesias da Sé, São Nicolau, Vitória e Miragaia se encontravam desabitados (Pereira, 2017). Estes edifícios são, entretanto, transformados em espaços de restauração, hotelaria e outro tipo de negócios pensados para o visitante ocasional. Na rua aqui explorada, foi possível perceber uma disputa pelo espaço pautada pela especulação imobiliária aliada ao processo de *turistificação* da cidade. Sobre este processo na cidade do Porto, o sociólogo João Queirós afirma:

“O turismo, apontado como força desorganizadora dos padrões da vida social, como responsável pelo aumento tendencial dos preços dos bens e serviços disponíveis na área e como elemento exponenciador das pressões do setor imobiliário sobre os moradores e os proprietários tradicionais, transforma-se, entretanto, muito frequentemente, na própria justificação de um direito a ficar. Como se pressentissem a impossibilidade prática de travar o curso da mudança, muitos moradores tentam encontrar nas lógicas associadas ao turismo a justificação para a garantia de um lugar nesse processo (“o segredo do centro histórico é esta gente”; “se isto não serve, tanto não serve para mim, como não serve para os turistas.” (Queirós, 2015)

Partindo da reflexão de Queirós (2015), será necessário acrescentar que os sem-abrigo em cidades do mundo que enfrentam processos de turistificação, são frequentemente excluídos desses processos. Eles são os primeiros a serem banidos dos territórios em mudança, como se verificou no caso do centro da cidade do Rio de Janeiro nas vésperas do Campeonato do Mundo de Futebol, e como os técnicos do dispositivo de atenção psicossocial chamado “Consultório na Rua” puderam constatar empiricamente. Parte importante do sofrimento psíquico e social daquela população nesse momento, residia no frequente recolher obrigatório, ao abrigo do qual se violavam os seus direitos básicos de circulação na cidade. Estas ações foram apresentadas como medidas de apoio ao tratamento do uso abusivo de drogas e as suas vítimas deslocadas para abrigos designados como “especializados para toxicodependentes” e distantes do centro da cidade. Apesar do problema se apresentar com outras roupagens e de os atores e meios serem distintos, um processo semelhante parecia estar a ocorrer na Rua de Cimo de Vila.

No cenário desta rua portuense, constatamos a presença de turistas e imigrantes em diferentes horários e dias da semana que circulavam entre o comércio (mercearias, lojas de venda de *souvenirs*, de couros e cabedais, de conserto de sapatos e roupas), ou nos bares e tascas, onde consumiam bebidas destiladas. Ao cair da noite, constatámos a abertura de portas de prostíbulos, nos quais trabalhadoras do sexo de meia idade se apresentavam à porta, com roupas e acessórios que denunciavam a sua pertença a uma classe social economicamente desfavorecida, além da circulação de um número maior de pessoas sem-abrigo e de homens que movimentavam um comércio silencioso nos cantos da rua.

A par das descrições do contexto analisado, de acordo com vários períodos do dia, sistematicamente registadas em diário de campo, também nos dedicámos à compreensão da história do lugar.

As características morfológicas atuais desta zona têm origem nos anos 1980, momento em que a praça sofreu uma reestruturação urbanística e se afirmou como ponto hoteleiro na cidade do Porto. Contudo, o seu nome, Batalha, tem origens no século X, quando ocorreu um grande confronto entre os sarracenos de Almançor e os habitantes da cidade, sendo que na ocasião os portuenses saíram derrotados. Uma parte das construções arquitetónicas históricas localizadas na Batalha datam do século XIX e XX, sendo que a Igreja de Santo Ildefonso localizada na parte norte da praça, foi reconstruída no ano de 1730.

Ao longo do trabalho observámos um contraste significativo entre a Praça da Batalha e a Rua de Cimo de Vila que, não sendo sede de hotéis para turistas, preserva algumas das suas características antigas, de uma cidade ainda não invadida pelo mercado do turismo e a especulação imobiliária (apesar de termos identificado um par de alojamentos locais).

Em meados dos anos 2000, um argelino foi preso nesta rua por suspeita de participação em grupos de terrorismo internacional, o que fez com que a rua ganhasse novas marcas de estigma em relação aos imigrantes que ali viviam e ainda vivem¹³.

Analisando a diversidade sociocultural da rua, rapidamente se conclui que aquele espaço poderia ser alvo de estudos etnográficos centrados em diferentes temáticas. Contudo, decidimos focalizar o comércio e o consumo de drogas ilícitas.

A dinâmica do grupo dos sem-abrigo também fazia parte do *trespassar psicotrópico* daquele território, já que muitos deles consumiam *cannabis*, além de observarmos a presença de algumas pessoas alcoolizadas, mas sem níveis intensos de desorientação. Era notória a formação de grupos diferenciados entre os que usavam substâncias psicoativas ilícitas e lícitas.

¹³ Informações históricas recolhidas com os nossos informantes e no jornal *Público* de 05 de dezembro de 2007. <https://www.publico.pt/2007/12/05/jornal/viagem-a-volta-do-mundo-na-rua-do-cimo-de-vila-240261> (Consulta realizada em 10 de outubro de 2017).

Com as incursões frequentes naquele território, evidenciou-se uma rotina dos sem-abrigo na rua. Eles formavam uma fila todos os dias por volta das 18h para receber o jantar oferecido pela instituição de caridade. Esta instituição funciona no anexo de uma igreja (Igreja da Ordem do Terço), edificação majestosa no meio dos pequenos prédios, revestida por azulejos típicos da cidade.

Muitas das informações que recolhemos ali, foram oferecidas através de Joaquim¹⁴, que estava na rua todos os dias da semana, naquele horário específico para o jantar. Ele referia que havia *cenar* que ali se repetiam, também com o grupo dos sem-abrigo. Aos poucos foi possível notar que muitos deles habitavam nas redondezas da Praça da Batalha.

Sobre o atendimento aos sem-abrigo, Miguel (um outro voluntário da instituição, a quem nos aproximámos algumas vezes para conversar durante as suas pausas de trabalho, as quais usava para fumar no meio da rua, próximo dos sem-abrigo que ali permaneciam) disse que o seu trabalho naquele contexto já durava há mais de um ano e que notava a importância da presença de profissionais que se disponibilizassem para escutar os sem-abrigo, acrescentando que muitas das histórias que contavam eram muito tristes. Outra voluntária, Teresa, revelava o seu espanto ao conhecer aquelas histórias de vida de muitas perdas afetivas e materiais, mas que ao mesmo tempo eles tomavam decisões sobre os seus cuidados e o que deveriam ou não aceitar como caridade, “às vezes fico indignada pois eles são muito rudes e não percebem que estamos ali como voluntários e não como seus empregados” (Bianca, rua de Cimo de Vila, Porto: agosto de 2017).

Apesar do nosso interesse científico no uso de drogas ilícitas e no seu comércio, a presença dos sem-abrigo evidenciando consumos de álcool, era frequente. Joaquim, informante que mais esteve conosco no território, falou-nos do seu consumo de álcool, “dos copos que tomava todos os dias”, mas fazia uma separação entre ele e o seu grupo de amigos e os *outros* que usavam substâncias ilícitas como a heroína. Contou-nos a sua história, repetidas vezes, da saída de casa quando entrou em conflito com a esposa e das dificuldades que passava na rua nas noites de inverno.

De modo irritado dizia que se usasse heroína, certamente “a ajuda social apareceria” (“mas como apenas bebo os meus copos e moro na rua sem perturbar ninguém, ninguém me ajuda”). “Existem as carrinhas para esses aí. Para nós que só vivemos nas ruas não há nada” (Joaquim, Rua de Cimo de Vila, Porto: julho de 2017). O discurso de Joaquim está carregado de lamento sobre a sua condição atual. Ao falar da sua história de vida, das perdas dos laços familiares, fala também de um sofrimento insistente, semelhante a outras histórias, mas com a

¹⁴ Todos os nomes citados neste artigo são fictícios.

marca da sua singularidade. Também se tornou notório que, apesar de Joaquim não nos falar sobre a sua história com o consumo de álcool, isto estava explícito de alguma forma, através da nossa escuta.

Neste sentido, como compreender um dado território urbano sem escutar um pouco as singularidades daqueles que o constroem? Isto não significa que todos os etnógrafos necessitem de formação clínica, mas que, numa aposta ética, consideramos que somos responsáveis por aquilo que escutamos e estamos implicados com os atores da nossa pesquisa. Muitas vezes somos apenas testemunhas do que nos dizem e este facto por si só, numa escuta implicada, produz efeitos de cuidado, pois quase ninguém pode escutar as suas histórias. Joaquim é um exemplo disso. Não estávamos ali para introduzir nenhum tipo de dispositivo clínico, mas identificámos que precisávamos testemunhar algo que ele nos contava sobre a sua vida, para além dos dados que recolhíamos para a nossa pesquisa.

Aos poucos percebemos que o problema do uso de álcool naquele contexto e na vida dos sem-abrigo, possuía relações diretas entre si, mas também com todo o processo de turistificação local que em breve produziria novas marcas nas vidas de Joaquim e dos restantes, quer dizer novas ruturas. Na verdade, o uso abusivo de álcool e de outras drogas neste contexto de modificações da paisagem urbana, onde se deslocam populações para novas zonas metropolitanas e a deterioração da vida daqueles que permanecem nos territórios que sofreram algum tipo de intervenção ou mesmo daqueles que se mudam para as periferias, é apenas um aspeto que assola esta população. Queirós (2015) fala-nos da *desdensificação* populacional da região central da cidade do Porto para a ocupação de serviços destinados ao turismo a partir dos anos de 1970 e da deslocação destas populações para a zona do Bairro do Aleixo, por exemplo, bairro em que há constante atuação do narcotráfico na cidade.

“Com efeito, para além da acentuada desdensificação da Ribeira-Barredo registada ao longo da segunda metade da década de 1970 na sequência da saída de perto de quinhentas famílias para o Bairro do Aleixo e para outros bairros camarários, e para além da processuação do processo de transferência de moradores mal alojados do centro histórico para espaços de habitação pública, antigos ou recém-concluídos, localizados na periferia cidadina.” (Queirós, 2015: 159)

Os atores sociais que observámos na Rua de Cimo de Vila, tinham naquela rua e na Praça da Batalha um lugar de circulação onde construíam os seus laços de vida com comerciantes, turistas que por ali circulam, entre si e com as instituições de apoio social. “Quando chega o inverno eu fico num canto dessas lojas e protejo-me do frio. Toda a gente aqui já me conhece”, disse José ao falar sobre a sua circulação naquele território.

Além deste diagnóstico mais macrossocial, notamos que *outros Josés* e alguns dos seus companheiros de rua pediam que adotássemos uma posição de escuta em relação aos seus testemunhos de vida e sobre aquele território. Para falar daquela rua, era preciso falar de si, tal como referido por diferentes voluntários da instituição de caridade:

“Enquanto servimos o jantar, eles falam das vidas deles, contam as suas histórias que são difíceis de serem ouvidas. Seria muito importante que existisse algum profissional que pudesse cuidar dessas coisas, pois para mim é muito difícil. Há dias em que saio daqui com algo muito pesado, sem saber o que fazer com todas aquelas histórias que oiço.” (Teresa, rua de Cimo de Vila, Porto, agosto de 2017).

Conclusão

As nossas idas ao campo tiveram como principal objetivo a construção de uma reflexão etnográfica, partindo de pontos de vista disciplinares distintos. Contudo, e a partir das experiências dos autores, a separação entre a escuta clínica e a escuta do etnógrafo não se sustentou na prática. Não foi possível ignorar esta dimensão que caracterizava aquele território, composta por discursos que se apresentavam apenas porque oferecíamos uma escuta interessada. Poderíamos sempre cingir-nos ao trabalho etnográfico tradicional de recolha de dados, mas não poderíamos fazer calar esta busca por falar. Por outro lado, estes discursos e representações, podem e devem ser considerados quando propomos estratégias de cuidados e de intervenção social e psicológica, partindo das nossas pesquisas. O contrário também se aplica: um psicanalista não poderá afastar-se de uma leitura que faça uma cisão entre um indivíduo e as marcas que lhe são impressas pelos seus territórios de vida.

Sabemos que o processo de gentrificação certamente provocará deslocamentos dos sem-abrigo e de outros grupos que ali se encontram (residentes e imigrantes com baixos recursos económico-sociais, profissionais do sexo, etc.) para outras zonas da cidade, assim como, provavelmente, dos traficantes de drogas ilícitas. Nestes contextos territoriais, escutar é também responsabilizar-se por aquilo que se escuta e dar alguma consequência ao que nos chega no plano macropolítico e também naquilo que constitui o território subjetivo de cada indivíduo, sejamos sociólogos ou psicólogos no exercício das nossas profissões. É fundamental conhecermos o nosso limite nesta escuta, o qual se relaciona necessariamente com os saberes teórico-empíricos e as ferramentas específicas de cada tradição disciplinar. Contudo, podemos apoiar estes atores a acederem a uma rede de cuidados que garanta um mínimo de atenção psicossocial e *propor à cidade* novas medidas de intervenção que considerem estas experiências

investigativas. A escuta pede respostas que estão em consonância com o processo de invenção de novos destinos e lugares para o indivíduo, primeiramente no vasto mundo do *Outro*, lugar de uma estrutura de linguagem, como nos aponta Lacan, e depois e a partir disso, outros lugares possíveis na cidade para que também possam servir de referência para o acolhimento destes indivíduos.

A partir deste percurso, surge uma reflexão que poderá eventualmente ser útil para os investigadores que exploram o território urbano, orientados por estas metodologias de pesquisa. A nossa proposta de trabalho clínico-etnográfico ou etnográfico-clínico (depende do que está na frente nesta ordem de palavras conectadas por um hífen), é também demonstrar em concreto, a responsabilidade do campo académico que, muitas vezes, toma o saber destas populações nestes territórios apenas como um objeto final das suas pesquisas, sem consequências práticas das conclusões alcançadas. Existe, sem dúvida, um compromisso ético e político com os atores das nossas investigações e intervenções sociais e psicológicas. O campo académico não pode tomar estes cidadãos apenas como seus objetos de investigação, mas também permitir que as suas vozes sejam escutadas, tanto na sua dimensão singular a partir dos impasses singulares de cada um, como na sua dimensão coletiva.

Deste modo, e para finalizarmos, salientamos que escutar é também responsabilizarmos por aquilo que ouvimos. Tanto o etnógrafo como o psicanalista, querendo ou não, embatem nos limites das suas formações disciplinares, onde pedidos, coletivos ou da esfera íntima, se colocam pedindo soluções pragmáticas, mas as suas respostas não existem a priori e nem sabemos se devemos ou não os auxiliar nas suas buscas. Entretanto, o encontro com estas pessoas produz efeitos quando os escutamos e este facto não pode ser negligenciado. Não podemos ignorar os efeitos de uma escuta implicada (e também o que dizemos a partir da nossa posição de “especialistas” e/ou académicos) daqueles com quem falamos, já que contar as suas histórias tem consequências sobre eles e os seus grupos.

Ao escutarmos o que Joaquim e o que os outros sem-abrigo tinham para nos dizer sobre a Rua de Cimo de Vila, percebemos que eles nos falaram sobre as suas vidas, as suas dificuldades e sobre a circulação na cidade. O processo de gentrificação existente na cidade do Porto e as suas consequências na vida de cada um daqueles atores sociais, requer respostas em diferentes escalas.

Na nossa primeira ida ao campo, ainda na Praça da Batalha, comprámos doces numa loja como uma estratégia de aproximação aos comerciantes locais. Quando perguntámos à vendedora sobre a relação entre os comerciantes e os sem-abrigo que ali circulavam, ela disse: “Eles não se misturam, ficam na deles” (Júlia, Praça da Batalha, Porto: julho de 2017). Ao

escutarmos os comerciantes e aqueles que circulam pela praça e pela Rua de Cimo de Vila e que são considerados sem-abrigo, percebemos que há fronteiras simbólicas que não estão marcadas pelas ruas e os restantes elementos da arquitetura urbana, - os sem-abrigo também não falam de interações sociais significativas entre eles e os comerciantes locais a não ser pontualmente para pedir água e comida, ou quando são expulsos dos estabelecimentos comerciais, pelo facto de fazerem estes pedidos aos clientes locais –, mas sim por obstáculos que dizem respeito às diferenças de condição social e como aquela região da cidade cumpre uma função social para cada um dos grupos. Podemos concluir que a Rua de Cimo de Vila, à semelhança dos espaços urbanos do Rio de Janeiro que foram referidos, apesar de comportar diferentes grupos sociais (alguns que apenas circulam e outros que ali permanecem por muitas horas e dias), estabelece fronteiras intransponíveis entre os indivíduos que possuem relações apenas pontuais, mas não convivem no sentido mais *stricto* do conceito de conviver (viver com).

Os processos de mudança urbana que acontecem um pouco por todo mundo, produzem deslocamentos de milhares de pessoas todos os anos para as periferias das cidades. As evidências científicas encontradas em diferentes trabalhos, assim como os nossos resultados obtidos a partir da escuta clínico-etnográfica, oferecem-nos material para afirmarmos que há um efeito de segregação nestas dinâmicas sociais com uma forte intervenção dos poderes públicos, para que os espaços centrais das cidades sejam lugares pensados para os visitantes ocasionais, que os usam como lugares de passagem ou de curta permanência. As consequências destas ações que unem dinâmicas do capital, conciliando interesses privados e públicos, abrem caminho para diferentes situações sociais de pobreza e exclusão, assim como de sofrimento psíquico para os residentes que por se deslocarem para as regiões periféricas, rompem os seus laços comunitários de solidariedade constituídos por indivíduos e instituições.

A partir da instituição C.A.S.A (assim como das velhas mercearias dos imigrantes e das casas de prostituição), de cada vez que voltávamos ao campo para o nosso trabalho de investigação, notávamos um avançar acelerado de trabalhos de construção civil, provavelmente a maioria deles serão para arranjar casas que servirão os turistas que ali se instalarão provisoriamente. Esta informação foi avançada no terreno por um dos pedreiros que trabalhava nas obras de uma das casas (António, Rua de Cimo de Vila, Porto: agosto de 2017).

Cidades como o Porto, assim como o Rio de Janeiro, experimentam interferências constantes em nome da produção de cenários turísticos cobiçados por pessoas do mundo inteiro. Além de gerarem lucros mais diretos no âmbito do setor turístico, também influenciam a especulação imobiliária, aumentando o valor das rendas e da venda de imóveis. Como resultado deste processo e como metodologia de ação (através do impulso de processos de mudança

NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lúgia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.

urbana), todos os atores considerados desviantes e não desejáveis pelos poderes públicos, são deslocados para as regiões periféricas, contribuindo para a segregação de bolsas de pobreza, nas quais os problemas psicossociais predominam. Deste modo, cabe-nos a nós, através das nossas metodologias etnográficas, psicanalíticas, entre outras metodologias ao dispor, colocarmo-nos como aqueles que dão voz a estes indivíduos frequentemente silenciados. Pensamos que este trabalho de reflexão ainda está muito longe de ser concluído, mas pensamos que dá um passo além nesse sentido.

Referências Bibliográficas

ADLER, Patricia A. (1993), *Wheeling & dealing. An ethnography of an upper-level drug dealing and smuggling community*, New York, Columbia University Press (2ª edição).

BECKER, Howard S. (1963), *Outsiders. Studies in the sociology of deviance*, New York, Free Press.

CHAVES, Miguel (1999), *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico. Marginalidade Económica e Dominação Simbólica em Lisboa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente e COSTA, António Firmino da Costa (Orgs) (2003), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta.

CORDEIRO, Graça. 2010, «As cidades fazem-se por dentro. Desafios da etnografia urbana» in *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº 20/21: 111-121.

ELIA, Luciano 2015, “Uma equipe muito peculiar: a equipe do CAPS”, in *Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência*, São Paulo, Escuta, pp. 243-264.

FERNANDES, Luís (2015). “Do fenómeno droga e da perturbação da estabilidade normativa”, in Manuela Ivone Cunha, *Do crime e do castigo: temas e debates contemporâneos*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 45-62.

- (2003), “A imagem predatória da cidade” in Graça Índias Cordeiro, Luís Vicente Baptista e António Firmino da Costa (Orgs), *Etnografias urbanas*, Oeiras, Celta Editora.

- (2002), “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica”, in Telmo H. Caria (org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais*, Porto, Afrontamento.

- (1995), “O sítio das drogas: etnografia urbana dos territórios psicotrópicos”, in *Toxicodependências*, 1 (2), pp. 22-31.

FERRO, Lúgia (2016), *Da Rua para o Mundo: Etnografia Urbana Comparada do Graffiti e do Parkour*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

FERRO, Lúgia, OLIVEIRA, Pedro, TRINDADE, Sara e PEIXOTO, Susana (2014), “«Vive o bairro!» A intervenção comunitária como ferramenta da redução de riscos e minimização de danos na Matriz H do Bairro da Flamengo”, in *Fórum Sociológico*, vol.25, pp. 63-72

- NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lígia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.
- FREUD, Sigmund (1884), “Über Coca”, in *Revista Recordar, Repetir, Elaborar*, [Consult. a 20-09-2017]. Disponível em (www.appoa.com.br).
- (1996 a), “A dinâmica da transferência”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XII, Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1912).
 - (1996 b), “Totem e tabu”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XIII, Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1913).
 - (1996 c), “Os instintos e suas vicissitudes”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XIV. Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1915).
 - (1996 d), “Psicanálise e Psiquiatria”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XVI, Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1917).
 - (1996 e), “Linhas de progresso na terapia analítica”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XVII, Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1919).
 - (1996 f), “Conferência XXVII Transferência”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XVI, Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1915-16).
 - (1996 g), “Psicologia de grupo e a análise do ego”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, volume XVIII. Rio de Janeiro, Imago (Trabalho original em 1921).
- GOFFMAN, Erving (1988), *Estigma: Nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- LACAN, Jacques (1998 a), “Intervenção sobre a transferência”, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. (Trabalho original em 1951).
- (1998 a), “Situação da psicanálise e a formação do analista em 1956”, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed (Trabalho original em 1956).
 - (1998 a), “A significação do falo” in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. (Trabalho original em 1958).
 - (1998 b), *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. (Trabalho original em 1964).
 - (1999), *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. (Trabalho original em 1957-58).
 - (2010), *O seminário, livro 8: a transferência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. (Trabalho original em 1960-61).
- MALINOWSKI, Bronislaw (1973), *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*, Petrópolis, Editora Vozes.
- OLIVEIRA, Alexandra (2011), *Andar na vida: prostituição de rua e reacção social*, Coimbra, Almedina.
- PEREIRA, Mariana Abrunhosa (2017), “As transformações urbanas nos últimos doze anos no centro histórico de Vila Nova de Gaia – continuidade territorial com o centro histórico do Porto e desafios patrimoniais no processo de turistificação” in *Cidades, Comunidades e Território*, 35, 89-107.
- QUEIRÓS, João (2015), *No Centro, à Margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*, Porto, Edições Afrontamento.

NICODEMOS, Julio Cesar; FERRO, Lúgia (2018), “Entre o fazer etnográfico e o fazer psicanalítico: reflexões sobre a “escuta” da população sem-abrigo na rua de Cimo de Vila da Cidade do Porto”, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Cidade, cultura e turismo: novos cruzamentos, pp. 92-115.

ROCHA, A. L. C., ECKERT, Cornelia (2013), “Etnografia de e na Rua: estudo de antropologia urbana”, in *Etnografia de rua: estudos de Antropologia urbana*, Porto Alegre, UFRGS Editora.

STRAUSS, Claude Lévi-Strauss (1975), *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

VELHO, Gilberto (1987), *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, Rio de Janeiro, Zahar.

WHYTE, William Foote (2005), *Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degenerada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar (1943).

Julio Cesar Nicodemos. Psicólogo, professor na Faculdade de Psicologia na Universidade Salgado de Oliveira (Campus de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil) e coordenador do Núcleo de Psicologia Aplicada (Clínica-Escola da Universidade). Endereço de correspondência: Campus de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Email: jconico@yahoo.com.br

Lúgia Ferro. Professora do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, Portugal). Investigadora integrada no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, IS-UP (Porto, Portugal) e investigadora colaboradora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CIES-IUL (Lisboa, Portugal). Endereço para correspondência: Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Email: lferro@letras.up.pt

Artigo recebido em 25 de maio de 2018. Aprovado para publicação em 3 de setembro de 2018

SUMÁRIOS DOS NÚMEROS ANTERIORES

N.º XXXI, JANEIRO - JUNHO 2016

EDITORIAL

ARTIGOS

Précarités: les effets de la rupture du lien social

Augusto Santos Silva

Políticas de reabilitação urbana e recomposição do tecido social no centro histórico do Porto: representações e discursos de moradores sobre a respetiva evolução recente

João Queirós

Conceitos e métodos para a avaliação de programas sociais e políticas públicas

Mauro Serapioni

Diferenças nas perceções dos valores organizacionais dos candidatos a cargos de direção superior na Administração Central do Estado

João Abreu de Faria Bilhim, Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia

O Catolicismo nos Contextos e Circunstâncias da Modernidade em Cabo Verde

Adilson Filomeno Carvalho Semedo

Comment les psychiatres se représentent-ils aujourd’hui “la” maladie mentale?

Caroline Guibet Lafaye

ENSAIO BIBLIOGRÁFICO

Notas sobre a dominação social em António Gramsci e Pierre Bourdieu

Marcello Felisberto Morais de Assunção

N.º XXXII, JULHO - DEZEMBRO DE 2016

Carreiras e circuitos de músicos brasileiros: uma exploração etnográfica no Bairro Alto, Lisboa

Ricardo Bento, Graça Índias Cordeiro, Lígia Ferro

Consumo sustentável e ambiente: o papel do Estado e das políticas públicas na inculcação de disposições ambientalistas

Isabel Silva Cruz

A gestão de recursos humanos nas Organizações Não Governamentais de Cooperação para o Desenvolvimento portuguesas: uma análise interpretativa exploratória

Vanessa Marcos

Modèles de représentation sur la parentalité sociale du point de vue des jeunes portugais

Cristina Cunha Mocetão

Inserção profissional dos licenciados em Direito: da formação académica ao acesso às profissões reguladas

Mónica Santos

Narrativas acerca da formação de professores de Educação Física em contexto de prática supervisionada

Inês Cardoso, Paula Batista, Amândio Graça

A Ciência Biomédica e o Processo Civilizador

Bruna de Farias, Mari Cleise Sandalowski

RECENSÃO

Recensão da obra de FREIRE, André (Org.), (2015), *O Futuro da Representação Política Democrática*, Lisboa, Nova Vega.

Carolina Pimentel Corrêa

NÚMERO TEMÁTICO | 2016 - Famílias e Curso de Vida. Potencialidades, limites e desafios metodológicos

EDITORIAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO

ARTIGOS

Conceptual foundations of qualitative life course research

Walter R. Heinz

A pluralização limitada de trajetórias familiares em Portugal

Vasco Ramos

O mundo aos nossos olhos: socialização familiar e reflexividade

Ana Caetano

A seu tempo: um estudo sobre transições familiares precoces em Portugal no contexto Europeu

Diana Carvalho

A família conta: ilustrações a partir do fado

Ana Gonçalves

Quantas vidas cabem numa vida? Da autobiografia de 52 trabalhadores ao caso de um funcionário administrativo

Pedro Abrantes

Redes pessoais em Portugal numa perspetiva do percurso de vida

Rita Gouveia

N.º XXXIII, JANEIRO – JUNHO DE 2017

Dulce Magalhães: marcas de um percurso

Os primórdios da economia social em Portugal. Contributos de Ramón de la Sagra
(I Parte)

Jordi Estivill

A typology of professional situations in the analysis of graduate transition from higher education to the labor market

Madalena Ramos, Cristina Parente, Mónica Santos, Miguel Chaves

Atitudes sociais face ao trabalho por conta própria em tempos de crise: da valorização do trabalho por conta própria a um retraimento da iniciativa empresarial

Ana Isabel Couto

Proposta de modelo explicativo das perceções sobre gestão e políticas públicas em matéria de cibersegurança e cibercrime

**Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia, Susana Isabel da Silva Santos,
João Abreu de Faria Bilhim**

A Vigilância Lateral e Participativa na Web 2.0

Rita Espanha, Tiago Estêvão

O Projeto *Orquestra Geração*. A duplicidade de um *evento* musical/social

Jorge Alexandre Costa, Graça Mota, Ana Isabel Cruz

Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas

Pedro Quintela, Paula Guerra

N.º XXXIV, JULHO – DEZEMBRO DE 2017

EDITORIAL

ARTIGOS

Os primórdios da economia social em Portugal. Contributos de Ramón de la Sagra (II Parte)

Jordi Estivill

Proletários ou profissionais? A condição do jornalista durante o Estado Novo (1934-1958)

José Nuno Matos

Comunicação interna e comprometimento organizacional: o caso da Autoridade para as Condições do Trabalho

Cátia Filipa Neto, Sofia Alexandra Cruz

As camadas internas da secularização: proposta de sistematização de um conceito essencialmente contestado

Jorge Botelho Moniz

O bem-estar das crianças e dos jovens em Portugal: contributos de uma pesquisa qualitativa

Magda Nico, Nuno de Almeida Alves

The Sámi Library, North of the North: colonialism, resistance and reading in a public library

Paula Sequeiros

RECENSÃO

MOTA, Graça e TEIXEIRA LOPES, João (Orgs.), (2017) *Crescer e tocar na Orquestra Geração*, Vila do Conde, Verso da História.

Irene Serafino

NÚMERO TEMÁTICO | 2017 - Processos sociais e questões sociológicas

EDITORIAL

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Bruno Monteiro, Ester Silva e Idalina Machado

ARTIGOS

A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação

Helena Vilaça

Artes e inclusão social: projetos e ações enquanto experiências metodológicas

Natália Azevedo

Diplomados universitários e sobre-educação

Carlos Manuel Gonçalves

Ensino politécnico, empreendedorismo e transição para o trabalho

Luís Nuno Sousa

“Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório
por excelência de inovação social

Naldeir dos Santos Vieira, Cristina Parente, Allan Claudius Queiroz Barbosa

Perfis de profissionalização: um contributo sociológico para
a compreensão das ONGD portuguesas

Vanessa Marcos

N.º XXXV, JANEIRO – JUNHO DE 2018

EDITORIAL

ARTIGOS

Perfis sociodemográficos da população sénior de Vila Nova de Gaia: de privilegiados, a remediados e excluídos

**Hélder Alves; Idalina Machado; Sidalina Almeida; Joana Guedes; Adriano Zilhão;
Óscar Ribeiro**

Famílias em tempos de crise: a regulação judicial do exercício das responsabilidades parentais

Paula Casaleiro; Andreia Santos

As implicações dos indicadores de desempenho contratualizados na prática clínica da Medicina Geral e Familiar: um modelo profissional em mutação?

Hélder Raposo

A Composição Sociopolítica do Legislativo Brasileiro: uma análise da Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (2004-2015)

Carolina Pimentel Corrêa

O impacto dos determinantes da inovação na geração de ideias no Ensino Superior: a perceção dos estudantes como evidência

Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia; Ireneu de Oliveira Mendes

Nas teias da construção identitária socioprofissional: práticas profissionais de trabalhadores sociais pós-graduados inseridos em organizações da economia social

Vera Diogo

Mundo do trabalho e pluralidade epistemológica: uma contribuição para o estudo da precariedade

Elizardo Scarpati Costa; Pablo Almada

ESTATUTO EDITORIAL

A *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, da responsabilidade do Departamento de Sociologia, iniciou a sua edição em 1991, na sequência da criação da Licenciatura em Sociologia, em 1985, e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, três anos depois.

Na qualidade de revista científica, tem como objetivo principal a divulgação de trabalhos de natureza sociológica que primam pela qualidade e pela relevância, em termos teóricos e empíricos. É, igualmente, um espaço que inclui os contributos provenientes de outras áreas disciplinares das ciências sociais. Prossegue uma linha editorial alicerçada na diversidade teórica e metodológica, no confronto vivo e enriquecedor de perspetivas, no sentido de contribuir para o avanço e para a sedimentação em particular do conhecimento sociológico.

A Revista aceita trabalhos de diversa natureza – artigos, resenhas, notas de investigação e ensaios bibliográficos – e em várias línguas como o português, francês, inglês e espanhol, o que visa alcançar um amplo campo de difusão e de internacionalização. Os trabalhos são avaliados por especialistas em regime de duplo anonimato. Publica-se semestralmente e com um número temático todos os anos.

A *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* está empenhada em assegurar a qualidade dos textos que publica e o cumprimento pelos intervenientes de uma postura que siga os princípios éticos exigidos para a edição de textos científicos. Serão respeitadas as normas do Committee on Publication Ethics (COPE) e da Associação Portuguesa de Sociologia (APS).

Responsabilidade dos autores:

- deverão garantir que os textos que submetem são originais, assumindo que não foram publicados – qualquer que tenha sido a sua forma de apresentação – e que não foram submetidos simultaneamente noutra publicação;
- deverão assegurar que o texto apresentado não é o resultado de uma prática de plágio ou de uma apropriação de criações intelectuais de outros autores sem o seu

consentimento legal, sendo que ambos se constituem como práticas eticamente inaceitáveis;

- deverão assegurar previamente a permissão para a utilização de conteúdos provenientes de outras fontes;
- sempre que os artigos surjam como resultado de investigações, a metodologia deverá ser descrita de forma clara e inequívoca, para que as conclusões obtidas possam ser objeto de avaliação. Igualmente deverão indicar as referências usadas e os suportes de financiamento;
- nenhum dos dados ou resultados apresentados deverá ser alvo de falsificação ou distorção intencional, de forma a ir ao encontro de uma determinada linha orientadora do trabalho ou às hipóteses de investigação previamente delineadas;
- deverão indicar possíveis conflitos de interesses que poderão ocorrer no processo de avaliação;
- deverão participar ativamente no processo de revisão em colaboração com o editor;
- todas as informações curriculares prestadas deverão ser verdadeiras. Na autoria deverão ser incluídas todas as pessoas que deram o seu contributo tanto na conceção e planificação do trabalho, como na interpretação dos resultados e na elaboração do texto;
- no caso dos artigos escritos em coautoria, o autor de correspondência deverá garantir um consenso pleno na aprovação da versão final do texto e na sua submissão para publicação.

Responsabilidade dos avaliadores:

- assumir o compromisso de empreender uma avaliação crítica, construtiva, justa e imparcial, contribuindo para a qualidade científica do texto;
- não aceitar elaborar um parecer sobre um texto cujo tema ultrapassa as suas competências ou se verificar a existência de um conflito de interesses que impeça de realizar a avaliação;
- nos casos em que o avaliador considere que o texto deverá ser modificado, todas as alterações a implementar deverão ser devidamente apresentadas e justificadas;
- sempre que o avaliador detetar a existência de um texto que já tenha sido publicado, na íntegra ou em parte, ou que tenha sido submetido em simultâneo

noutra publicação, ou então que não esteja de acordo com as normas éticas de publicação deverá comunicá-lo à Direção da revista.

Responsabilidade do editor:

- garantir uma posição de isenção e objetiva na avaliação dos textos, atendendo unicamente ao seu mérito científico. Respeitar a liberdade científica dos autores;
- garantir que todos os textos serão tratados de forma confidencial e que serão selecionados avaliadores o mais idóneos possível, que empreendam uma avaliação crítica e especializada dos textos submetidos para publicação;
- assegurar que o processo de avaliação decorrerá em regime de duplo anonimato e que os nomes e endereços apresentados na revista serão exclusivamente utilizados para os serviços por esta prestados, não sendo utilizados para outras finalidades ou fornecidos a terceiros;
- as alegações de plágio ou de uso indevido de textos publicados serão devidamente investigadas. Todos os textos submetidos para publicação serão sujeitos a uma verificação minuciosa para deteção de plágio. Nos casos em que o mesmo seja detetado ou em que se verifique a utilização de textos de outros autores sem autorização prévia dos mesmos, reserva-se o direito de tomar as medidas em conformidade.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO E PUBLICAÇÃO

– INSTRUÇÕES PARA OS AUTORES –

1. Os autores devem indicar a natureza do seu texto: artigos, resenhas, notas de investigação e ensaios bibliográficos.
2. Os textos devem incluir as respectivas autorias, indicando os seguintes aspetos: nome do autor; filiação institucional (departamento, faculdade e universidade/instituto a que pertence, bem como a cidade e o país onde se localiza a instituição); correio eletrónico; contacto telefónico; endereço de correspondência (preferencialmente endereço institucional; no caso dos artigos em coautoria, deve existir apenas um autor de correspondência).
3. Os textos devem ser redigidos em páginas A4 com margem normal, a espaço e meio, tipo de letra *Times New Roman* e corpo de letra 12, em formato *Word for Windows* ou compatível. As notas de rodapé devem ser redigidas com corpo de letra 10 e espaçamento de 1,15. O mesmo espaçamento deve ser utilizado nos quadros, os quais devem ser redigidos com corpo de letra 11.
4. O limite máximo de dimensão dos artigos é de 50.000 caracteres, incluindo resumos, palavras-chave, espaços, notas de rodapé, referências bibliográficas, quadros, gráficos, figuras e fotografias. As resenhas não devem ultrapassar os 8.000 caracteres, incluindo espaços; as notas de investigação e ensaios bibliográficos, os 20.000 caracteres, incluindo espaços.
5. O título completo do texto deve ser apresentado em português, francês, espanhol e inglês. O artigo deve ser acompanhado por um resumo de 600 caracteres (máximo), redigido em cada uma destas línguas, bem como por 3 palavras-chave.
6. Os quadros, gráficos, figuras e fotografias devem ser em número reduzido, identificados com numeração contínua e acompanhados dos respetivos títulos e fontes e apresentados a preto e branco ou em tons de cinzento. Estes elementos não podem ter uma largura superior à do corpo do texto. O Conselho de Redação reserva-se o direito de não aceitar elementos não textuais cuja realização implique excessivas dificuldades gráficas ou um aumento dos custos financeiros.

7. Os textos terão de indicar claramente as fontes e referências, de natureza diversa, respeitante aos elementos não originais. Se existirem direitos de propriedade intelectual, os autores terão de solicitar as correspondentes autorizações. A *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* não se responsabiliza pelo incumprimento dos direitos de propriedade intelectual.
8. As referências bibliográficas e citações serão incluídas no corpo do texto, de acordo com a seguinte apresentação: Lima, 2005; Lima (2005); Lima (2005: 35); Lima *et al.* (2004).
9. Nas notas de rodapé devem utilizar-se apenas números. A numeração das notas deve ser contínua do princípio ao fim do texto.
10. Nos artigos, sugere-se a utilização de, no máximo, dois níveis de titulação, com numeração árabe.
11. As citações devem ser apresentadas em português, nos casos em que o texto original esteja nesta língua, e entre aspas. Os vocábulos noutras línguas, que não a portuguesa, devem ser formatados em itálico.
12. Apenas as referências citadas ou mencionadas ao longo do texto deverão ser incluídas na bibliografia final. As referências bibliográficas devem obedecer às seguintes orientações:
- a) Livro com um autor: LUHMANN, Niklas (1990), *Essays on self-reference*, New York, Columbia University Press.
 - b) Livro com mais de um autor: BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas (2004), *A construção social da realidade: um livro sobre sociologia do conhecimento*, Lisboa, Dinalivro.
 - c) Livro com mais de quatro autores: ALMEIDA, João Ferreira *et al.* (1992), *Exclusão social: Factores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
 - d) Capítulo em livro: GOFFMAN, Erving (1999), “A ordem da interação”, in Yves Winkin (org.), *Os momentos e seus homens*, Lisboa, Relógio d’Água, pp. 99-107.
 - e) Artigo em publicação periódica: FERNANDES, António Teixeira (1991), “Formas e mecanismos de exclusão social”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. I, pp. 9-66.
 - f) Artigo em publicação periódica *online*: FERNANDES, António Teixeira (1991), “Formas e mecanismos de exclusão social”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. I, pp. 9-66, [Consult. a 15.07.2014]. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3031.pdf>>.

g) Publicações *online*: PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS (2011), *Programa do XIX Governo Constitucional português*, [Consult. a 15.07.2014]. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/media/130538/programa_gc19.pdf>.

h) Comunicações em eventos científicos: QUINTÃO, Carlota (2004), “Terceiro Sector – elementos para referência teórica e conceptual”, in *V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Braga, Universidade do Minho, 12-15 Maio 2004.

i) Teses: CARVALHO, Paula (2006), *Percursos da construção em Lisboa. Do Cine-Teatro Monumental ao Edifício Monumental: Estudo de caso*, Tese de Licenciatura em Sociologia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

j) Legislação: Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, *Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo*.

13. As referências bibliográficas devem ser colocadas no fim do texto e ordenadas alfabeticamente pelo apelido do autor. Caso exista mais do que uma referência com a mesma autoria, estas devem ser ordenadas da mais antiga para a mais recente.

14. Os textos devem obedecer ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde o dia 1 de janeiro de 2009. Não obstante, as citações de textos anteriores ao acordo devem respeitar a ortografia original.

15. Os originais devem ser enviados por correio eletrónico para:
revistasociologia@letras.up.pt